

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

LÚCIA INÊS FREIRE DE OLIVEIRA

**NARRATIVAS DE INDIVÍDUOS RESIDENTES NA CIDADE DE MANAUS, A
PARTIR DE NOVA REORGANIZAÇÃO DO SABER ACUMULADO**

Versão corrigida. A versão original eletrônica encontra-se disponível na Biblioteca da FFLCH quanto na Biblioteca Digital de Teses e dissertações da USP (BDTD).

São Paulo

2015

LÚCIA INÊS FREIRE DE OLIVEIRA

**NARRATIVAS DE INDIVÍDUOS RESIDENTES NA CIDADE DE MANAUS, A
PARTIR DE NOVA REORGANIZAÇÃO DO SABER ACUMULADO**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Filologia e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Versão corrigida. A versão original eletrônica encontra-se disponível na Biblioteca da FFLCH quanto na Biblioteca Digital de Teses e dissertações da USP (BDTD)

*De acordo
com o original*

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

OLIVEIRA, L. I. F. Narrativas de indivíduos residentes na cidade de Manaus, partir de nova reorganização do saber acumulado. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

DEDICATÓRIA

As minhas filhas Déborah e
Luciana peloamor e
dedicação demonstrados
em todos os momentos.

Aos meus netos Luís
Antônio e André Luiz;

A todos os amigos e
colegas de profissão.

A vocês, o meu carinho e
eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

OBRIGADA,

A Deus pelo amor com que nos conduz na esfera terrena;

Aos irmãos espirituais, pela força que encontro, só pode advir de vocês;

Aos meus pais, in memoriam, pela educação e incentivo a minha formação moral e intelectual.

Ao Prof. Dr, Waldemar Ferreira Netto pela confiança;

Às minhas filhas Déborah e Luciana, pelo amor e incentivo para eu continuar buscando a minha realização acadêmica;

Aos meus netos Luís Antônio e André Luiz pelo carinho e amor;

Às minhas irmãs Olga e Edna pelo ponto de ancoragem;

Aos meus genros Sérgio Luiz e Fábio Antônio pelo apoio quando necessito.

Às amigas e amigos da ESBAM e UNINORTE/LAUREATE pelo companheirismo;

À Francisca de Lourdes, Ecila Mabelini, Sônia Maquiné, Lenir Oran, Renata Rolon, Celso Carvalho, Ana Cristina Duarte, Anay Miranda, Adriana Antony, Flávia Hilca, Auricléa Neves, Sérgio Armstrong, Ana Paula, Nelson Fontoura pelo companheirismo em nossa trajetória educacional;

À UNINORTE/ LAUREATE e ESBAM, pelo crescimento profissional.

Obrigada por tudo!

EPÍGRAFE

Em confronto com que existe à nossa retaguarda, somos privilegiados pelas conquistas que o tempo nos premiou na ascensão da vida. Porém, não podemos nos esquecer dos deveres a cumprir diante dos outros, que viajam conosco no mesmo comboio planetário (João Nunes Maia).

RESUMO

OLIVEIRA, L. I. F. Narrativas de indivíduos residentes na cidade de Manaus, partir de nova reorganização do saber acumulado. 2014. f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Desde Aristóteles até hoje muitos estudos com enfoques diferenciados foram desenvolvidos sobre narrativa. Há um interesse crescente sobre esse assunto. Entre os interessados que desenvolveram estudos, estão o trabalho inovador de Propp e de outros como Todorov, Bremond, Barthes, Greimas, Benjamin, Havelock, Bruner e Labov. O escopo desta tese é analisar as narrativas orais de indivíduos residentes na cidade de Manaus, de ambos os sexos, que passaram ou não pelo processo de alfabetização. Para desenvolver tal atividade, primeiro abordou-se o papel da oralidade e da escrita no desenvolvimento dos indivíduos. O fundamento desse primeiro momento é o estudo de Goody (1987), no qual ele trata o letramento como um componente no desenvolvimento cognitivo do sujeito e no sócio-econômico de uma sociedade. A palavra letramento introduzida no Brasil, na segunda metade do século XX, e os estudos acerca da temática, ainda parecem complexos. Em Manaus, não há registro referente ao assunto, conseqüentemente a importância dele levando em conta as narrativas daqueles que relataram experiências vivenciadas, visto que ser letrado não é ser alfabetizado. Esse estudo permite ao indivíduo responder às demandas sociais da leitura. Este trabalho é interessante porque busca compreender como aquele sujeito que não teve escolaridade transita no mundo das letras. Como o foco deste trabalho são narrativas, escolheu-se o modelo laboviano, uma vez que essa abordagem trata de narrativas de experiência pessoal, atividade próxima à realidade do falante.

Palavras-chave: Narrativas orais. Oralidade. Escrita. Letramento. Alfabetização.

ABSTRACT

Since Aristotle till today, many studies with different focuses, have been developed on narrative genre. There is a growing interest on this topic. Among the interested ones who have developed studies on this topic, may be included the innovative Propp's work and of others such as Todorov, Bremond, Barthes, Greimas, Benjamin, Havelock, Bruner, and Labov. This thesis scope is analysing oral narratives of individual residents (men and women) in the city of Manaus, who have or not gone through the alphabetization process. For developing such activity, firstly it was approached the orality and literacy role in the development of those individuals. The foundations for this first moment was based on Goody's study (2006), which deals with the literacy as a component in the subject's cognitive development, as well as in the society's social-economic development. The word literacy, introduced in Brazil in the second half of the twentieth century, and the studies on this topic seem to be still a complex matter. Because of non existence of any records of studies on this nature in Manaus, this work gets great relevance, once it aims to understand how subjects who did not have any school formation may be able to get through the world of letters. So this study has as main focus the narratives of residents in Manaus. The Labovian model is the basis for the analysis to be developed, once this approach deals with personal experience narratives, in a reality very close to the speaker's reality.

Key-words: Oral narratives. Orality. Writing. Literacy. Alphabetization.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1	Narrativas	15
2.1.1	Visões sobre a narrativa	18
2.2	Letramento	24
2.2.1	Oralidade <i>versus</i> escrita	24
2.2.2	Letramento e a cultura escrita	29
2.3	Tradição Oral	33
2.3.1	Visão sobre tradição oral	36
3	CASUÍSTICA E MÉTODOS	42
3.1	Área de pesquisa	42
3.2	História da população	42
3.3	Procedimentos metodológicos	48
3.4	Informantes	49
4	ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	49
4.1	Organização textual	51
4.2	Organização temporal e sentença narrativa	51
4.2.1	Pessoas não-letradas	53
4.2.2	Pessoas letradas	55
4.2.3	Narrativas de pessoas não-letradas	56
4.2.4	Narrativas de pessoas letradas	85
4.3	Avaliação	109
4.3.1	Avaliação externa	110
4.3.2	Avaliação encaixada	111
4.3.3	Ação avaliativa	115
4.3.4	Elementos avaliativos	115
5	DISCUSSÃO	121

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
7	REFERÊNCIAS	142
8	ANEXOS	147

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as narrativas de indivíduos letrados e não-letrados para verificar se o contato destes no mundo letrado interfere no modo de pensar, de constituir suas experiências. Por isso, os estudos decorrentes dele fixam-se na abordagem antropológica cultural etnográfica, visto que se analisam narrativas de pessoas inseridas em ambientes letrados, observando, principalmente, os traços que se reiteram como forma de perceber estruturas mais marcadas pelas interferências decorrentes dos contatos com o outro.

Como não é possível um estudo sem o objeto, este é representado pelos indivíduos, residentes em Manaus. A investigação é direta com técnicas de coleta de dados e faz-se uso de gravação de relatos com o intuito de compreender como o indivíduo organiza o seu discurso. O método utilizado é o indutivo por ser um processo mental, no qual parte-se de dados particulares suficientes para se chegar a uma verdade geral. É o caminho no qual se observa, registra, analisa-se os fatos, generaliza-se e constata-se aquilo que se busca.

A forma oral é uma tecnologia de preservação cultural e fonte de aquisição e transmissão do conhecimento humano, visto que permite ao homem passar de uma geração à outra os conhecimentos e as experiências vivenciados em uma determinada época. Esse processo desenvolveu-se em tempos remotos, sem, no entanto, ter-se uma data precisa de quando aconteceu.

Estudos, a partir dos anos 60 do século XX, se tornaram crescente, investigando a relação entre oral e escrito. Havia uma preocupação em saber as características diferentes e iguais existentes entre as duas. Em um primeiro momento, destacou-se os dois tipos de oralidade: a primária e a secundária. A primária refere-se a oralidade existente anterior ao aparecimento da escrita, e a secundária referente a que tem contato com a escrita. No decorrer dos anos, as transformações por quais passou e passa a sociedade fez ou faz com que as práticas sociais se modifiquem. Se antes a escrita fora considerada uma representação da oralidade; hoje, a oralidade em decorrência das transformações sofridas exige novas formas de comunicação e expressão do pensamento.

Ao longo de sua existência, o homem armazena informações e conhecimentos que troca com seus pares. Para guardar, lembrar e relembrar tantas informações, ele utiliza a memória. O processo de rememorar é a capacidade de trazer para o presente, o passado vivido; é reunir fragmentos representativos de ações vividas ou presenciadas em um mesmo contexto, seja este familiar ou social. Esses fragmentos estão as lembranças carregadas de inferências coletivas que o indivíduo encontra para comunicar-se e é através da narrativa que

materializa a oralidade, por isso analisar narrativas tem sido ponto de estudos de diversos segmentos do conhecimento como a Psicologia, a Antropologia e a Linguística. Pesquisadores procuram afirmar que o aparecimento da linguagem escrita é responsável pelas transformações das sociedades e da mente humana. Nesse caminho, estão: Luria (2010), o primeiro a desenvolver estudos referentes ao comportamento humano, especificamente, sobre as transformações que se operam no pensamento como resultado de mudanças sociais e culturais. Bruner (1991) também apresenta estudos sobre a mente humana para mostrar a capacidade do homem em organizar o pensamento. Goody e Watt (2006), Goody (1967) tratam do quanto a memória pode tornar-se seletiva dependendo do contexto histórico social, político e econômico em que os fatos estão inseridos.

É necessário, para o desenvolvimento deste trabalho, cruzar estudos sobre tradição oral, letramento e narrativas a fim de responder as questões que os norteiam. As narrativas coletadas demonstram a forma de como o informante se expressa. E essa forma, ao ser analisada, indicará até onde a inserção no mundo das letras modifica as ações desses indivíduos. Para essa análise, as ideias de LABOV, William e WALETZKY, Joshua (1966) e Labov (1997) devem sustentar esse empreendimento.

Em um primeiro momento, faz-se uma revisão de literatura sobre narrativas, quando observar-se-á o ponto de vista de alguns teóricos, verificando as diferenças e centrando a atenção no modelo laboviano, visto que se ajusta ao estudo proposto.

No segundo momento, apresenta-se a área de pesquisa, a história da população e os procedimentos metodológicos, ou melhor, o caminho para a seleção do corpus e dos informantes.

No terceiro momento, descreve-se as narrativas orais de experiência pessoal e fez-se a análise das vinte narrativas selecionadas e organizadas sob a ótica de Labov e Waletzky (1966) e Labov (1997).

No quarto momento, retomou-se as orientações de Labov para entender as narrativas orais de experiência pessoal coletadas.

Por fim as considerações finais, em que se buscou articular os principais pontos da análise e as dificuldades encontradas para realizá-la.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Narrativa

A narrativa é uma atividade discursiva muito utilizada na comunicação humana, por isso é conceituada com um gênero textual básico. Segundo Ferreira Netto (2008), a língua é o veículo que melhor exterioriza a memória. Ao narrar as experiências vividas ou presenciadas no dia-a-dia, o indivíduo lembra as informações necessárias para composição daquilo que quer exteriorizar.

Leakey (1997, p.118) argumenta que o homem “foi capaz de criar novos tipos de mundo na natureza: o mundo da consciência introspectiva e o mundo que construímos e dividimos com os outros, o qual chamamos de cultura”, isto é, a linguagem permite, ao homem, criar, recriar e transformar o ambiente onde está inserido, possibilitando trocar experiências, por isso não se pode pensar em sociedade sem comunicação.

A linguagem utilizada para descrever a realidade desenvolveu-se, diante da necessidade do homem relacionar-se [...] durante o período das glaciações, descobriu-se a novidade da dupla articulação [...] quando apareceram as primeiras manifestações simbólicas massivas de homem [...] mais do que um sujeito duplamente articulado com grande capacidade expressiva, o homem se torna um sujeito social, passando a desenvolver o convívio social de forma sistemática e institucionalizada [...] (Ferreira Netto, 2008).

O homem, animal que possui a dupla articulação, partilha experiências acumuladas com seus pares, transmitindo-as de uma geração a outra, através da linguagem, cujo caráter dialógico medeia a relação do homem com o mundo. Isso se concretiza através das modalidades do ato linguístico, visto que narrar é um meio conveniente de expressar pela voz as ideias, os acontecimentos, os desejos, os sonhos, significando a vida em sociedade.

A forma oral é uma tecnologia de preservação cultural e fonte de aquisição e transmissão do conhecimento humano. Diariamente, o homem realiza o ato linguístico através de vários gêneros discursivos como a narrativa, variante da comunicação oral, prática social na qual o indivíduo se envolve em uma dependência do “eu” e do “outro”. É nesse sentido que a narrativa é fundamental para a cultura, visto que não se dissocia das experiências que o indivíduo vivencia, conforme Bruner (1991, p. 14-21), a experiência e a memória são organizadas, principalmente, através da narrativa. A ação de narrar mostra como os indivíduos organizam o ambiente, onde se situam e agem, introduzindo modificações em seu comportamento. Isso o torna diferente dos outros animais.

Certamente o ato de narrar foi uma das primeiras manifestações sociais e uma das primeiras variantes da comunicação oral, empregada esta inicialmente apenas para comunicar necessidades: perguntas e respostas, o relato de eventos, reais – depois fictícios - primeiro de uma maneira objetiva e enxuta, depois de maneira avaliatória, opinativa e florida ou fantasiosa; primeiro real e imaginário separados, depois com a costura deles, deve ter sido a trajetória da arte narrativa, consolidada no que se pode denominar competência narrativa.(URBANO, 2000, p. 35,36).

Nessa perspectiva, a linguagem é o meio pela qual o indivíduo constrói novas maneiras de ver e compreender o dia-a-dia. Ele cria, recria e transforma o ambiente onde está inserido. São momentos de trocas de experiências, de relatos de ações ou de acontecimentos vivenciados, por isso não se pode pensar em sociedade sem comunicação.

O homem é um ser vivo que, como condição de sua própria existência, vive construindo a sua capacidade de gerar um sentido em sua vida, sempre entendendo a si mesmo e ao mundo a que pertence [...] Nossa identidade está diretamente associada a nossa capacidade de gerar sentido através de nossos relatos. (ECHEVERIA, 2001, p.55-56).

Quando o indivíduo modela suas experiências e as tornam socialmente conhecidas por meio das narrativas, estas parecem monológicas, todavia são construídas dialogicamente, visto que há a participação de ouvintes e falantes em uma construção precisa de cooperação. Os sujeitos contam suas histórias em estrutura narrativa, em sequência, em relação ao tempo e de acordo com um tema. Esses eventos, realizados ou experienciados pelos sujeitos são organizados em uma sequência de eventos que celebram a biografia do auto-falante por uma sequência de cláusulas que correspondem à ordem dos eventos originais (LABOV, 1997, p.3).

No processo da atividade linguística, os indivíduos planejam ou não suas ações, constroem as identidades sociais e as relações interpessoais, independente de nível sócio-cultural. Os interlocutores alternam-se nos papéis de falante e ouvinte, nos quais desenvolvem a coordenação de ações e de habilidades linguísticas, visto que organizam o texto, dando significações e ressignificações às experiências de vida. Os interlocutores, locutor e ouvinte, estão atentos para identificar e decodificar os elementos que ocorrem na interlocução. Isso tem suscitado aos pesquisadores discutir o funcionamento e a compreensão do processo

interacional e buscar respostas de como se realizam os intercâmbios comunicativos, ou melhor, quais as estratégias que os indivíduos usam nesse processo.

Nas relações sociais, a linguagem é proeminente, uma vez que ela se confunde com a experiência humana. Essa relação tem suscitado de teóricos da linguística, da psicologia, filosofia, da ciência da computação e da neurologia para compreender o funcionamento da inteligência humana sobre como os falantes constroem a realidade de diferentes maneiras.

Do ponto de vista de Bruner (1991), as narrativas servem como meio de percepção e a realidade é resultado de uma construção narrativa. Narrar contribui para a estruturação da experiência humana, quando se organiza a experiência e a memória, principalmente. E, ainda, é pela narrativa que uma cultura fornece modelos de identidade e agencia aos seus membros (Urbano, 2000).

Enquanto para Labov e Waletzky (1966), a narrativa é “uma técnica verbal de recapitulação de experiência”, cujos componentes constituem a estrutura geral da narrativa. Esse estudo teve como base as narrativas orais de experiência pessoal da população negra do Harlem, bairro de Nova York, quando constataram certa regularidade no uso de recursos linguísticos.

A narrativa tem sido objeto de interesse de várias áreas do conhecimento como a Psicologia, a Antropologia e a Linguística que a têm investigado a fim de conhecer a função que desempenha. Ela designa o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito ao assumir a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, que constituem o objeto do discurso, e as suas relações de encadeamento, de oposição, de repetição de situações consideradas nelas mesmas, com abstração no meio linguístico ou outro, que dele dá conhecimento. “O termo narrativo pode ser entendido em diversas acepções: “narrativa enquanto enunciado, narrativa como um conjunto de conteúdos, narrativa como ato de relatar” e, ainda, “narrativa como modo, termo de uma tríade de “universais”: lírica, narrativa e drama” (Genette (1972) *apud* Reis e Lopes, 2007. p. 270).

A narrativa é uma habilidade exclusiva da espécie humana. É universal, porque está presente em todos os tempos, em todos os lugares. O homem a utiliza para significar sua vida em sociedade. Ela desperta interesse em alguns estudiosos: Platão considerava o discurso falado como o discurso da verdade, útil ao processo do conhecimento que Aristóteles tentou descrever.

2.1.1 Visões sobre a narrativa

O interesse de Propp (2001) pelos estudos sobre o folclore decorre do entendimento de que “todo povo sempre passa por alguns estágios de seu desenvolvimento, e todos eles encontram reflexo no folclore, depositam-se nele, o folclore de todo povo é sempre poliestadial, e isto constitui uma de suas características”. É por esse *corpus* que observa que as narrativas de pessoas que não mantinham contato entre si tinham estruturas semelhantes. Detêm-se nos estudos das funções de personagens, porque acreditava que, apenas, os nomes dos personagens mudavam, enquanto as funções permaneciam as mesmas.

Esses estudos foram promissores, porque serviram de base a outros pesquisadores que “apesar das “diferentes nomenclaturas” utilizadas em suas abordagens teóricas, assumem que existem níveis de abordagem narrativa: a) o nível dos conteúdos, dos eventos narrados, tal como se teriam passado na realidade, a que a Retórica clássica chama de ‘*elocutio*’, Aristóteles de ‘*mithos*’, os formalistas de ‘fábula’ e estruturalistas como Todorov e Chatman de ‘história’; b) o nível da forma como esses eventos são dispostos e apresentados ao receptor, denominado ‘*dispositio*’ pela Retórica clássica, ‘intriga’ ou ‘*siuzet*’ pelos formalistas, ‘discurso’ por Todorov e Chatman ou ‘narração’ por Genette (Sousa, 2012, p. 42). Com isso, eles procuraram, através da narrativa, descrever, nem sempre de maneira concordante, as categorias “universais” que regem a enunciação do discurso narrativo.

Dentre esses pontos de vista, encontram-se Bruner (1991), para quem as narrativas servem como meio de percepção e a realidade é resultado de uma construção narrativa. Labov (1997) conceitua a narrativa de experiência pessoal como um relato de uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante por uma sequência de sentenças que correspondem à ordem dos eventos originais.

Apesar da dificuldade de se caracterizar uma narrativa cotidiana a partir de elementos obrigatórios, esta pode ser identificada facilmente por causa da sua natureza dialógica, ou seja, a inserção em um discurso. Para iniciar uma narrativa, o narrador precisa saber se os ouvintes estão interessados e dispostos a ouvi-la. Assim, ele tem que sinalizar o que quer produzir, isto é, pedir permissão para fazê-la: uma vez aceita, os ouvintes têm obrigações (mostrar interesse, não interromper, rir no momento certo ou reagir adequadamente etc.), como também o narrador tem obrigações tais como terminar a narrativa corretamente, esclarecer partes que precisam de informações suplementares (LABOV, 1997).

Os indivíduos, ao narrarem, escolhem o que querem dizer, tendo por referência o contexto social imediato de produção da narrativa e o interlocutor com quem fala. Nesse

percurso, o passado se cristaliza pela linguagem e se materializa pela palavra que é dita. Há, nesse momento, o ato de significar, ressignificar e reconstruir suas experiências. A reconstrução dá-se em função de os interlocutores – aquele que narra e aquele que ouve mudarem em suas lembranças, aquilo que os incomoda e, talvez, gostarem que sejam diferentes.

A organização da experiência e da memória do indivíduo explicita-se, principalmente, pela narrativa, quando discorremos uma série de ações ou acontecimentos situados no passado, isto é, a narrativa é uma sequência de eventos vivenciados pelo narrador, decorrente de experiência pessoal. (LABOV, 1997).

Para conhecer a função da narrativa, os estudos investigativos como os desenvolvidos por Barthes, Bremond, Greimas, Genette e Todorov, condensados em *Análise Estrutural da Narrativa* (BARTHES et al. 2008) buscaram, com base nos estudos de Propp (2001), conhecer o modo de o homem contar e recontar suas experiências, isto é, como ele elabora o esquema narrativo.

Na interação de se relacionar com seus pares, ele retém na memória: ideias, acontecimentos, desejos, sonhos etc, que:

... se a humanidade construiu outros tempos, mais rápidos, mais violentos que os das plantas e animais, é porque dispõe deste extraordinário instrumento de memória e de propagação das representações que é a linguagem. É também porque cristalizou uma infinidade de informações nas coisas e em suas relações, de forma que pedras, madeira, terra, construtos de fibras ou ossos, metais detêm informações em nome dos humanos. Ao conservar e reproduzir os artefatos materiais com os quais vivemos, conservamos ao mesmo tempo os agenciamentos sociais e as representações ligadas as suas formas e seus usos. (LEVY. 2008, p. 76).

O processo para conhecer a si e o outro tem sido um desafio aos estudiosos que, em todas as épocas, tentam compreender o funcionamento da inteligência, em busca de explicações referente ao passado. Essa inquietação suscita debates, divergências e hipóteses para explicar, por exemplo, se a linguagem como se conhece desenvolveu-se a partir de outros sistemas.

Nessa busca, Barthes (2008) propõe que a linguagem é, para o homem, fator preeminente, por meio da qual as relações sociais se efetivam. É com esse recurso que ele expressa ideias, documenta eventos, relaciona-se com seus pares. É a narrativa que sustentada

pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas as substâncias está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no virtual, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação, além dela está presente em todos os lugares, em todos os tempos, em todas as sociedades. Para ele, as unidades narrativas devem se determinar em uma perspectiva funcional, ou seja, todo segmento da história é estabelecido por duas classes de unidades funcionais: as unidades distribucionais e as integrativas. Dentro da primeira, ele distingue as *funções* cardinais (ou núcleos das catálises) que constituem verdadeiras articulações da narrativa (ou de um fragmento da narrativa) – caracterizam as personagens, os ambientes – não podem faltar, porque produzem lacunas no relato; e as funções de natureza completiva – catálises – que preenchem o espaço narrativo, separando as funções-articulações Reis e Lopes (2007) se supridas não alteram a história, mas introduzem modificações significativas no discurso.

Greimas (2008) discorre sobre a narrativa como um quadrado semiótico, no qual dois grandes níveis se organizam: o nível das estruturas discursivas e o nível das estruturas semionarrativas. O primeiro se manifesta textualmente. O segundo é um nível mais abstrato cujos constituintes não se manifestam diretamente na superfície, mas são reconstruídos através de análises. Esse nível se subdivide em dois subníveis: um profundo e um de superfície.

Para Genette (2008) a narrativa apresenta três noções: a primeira designa o enunciado narrativo, a segunda, como conjunto de conteúdos representados por esse enunciado, e terceira, *narrativa* como ato de relatar.

Todorov (2008) propôs uma gramática narrativa, um instrumento da análise das ações virtuais que junto àquelas plenamente realizadas constitui um universo de intriga. Distingue cinco modos de ação, dos quais o primeiro subdivide-se em: indicativo – o modo das ações realizadas e outras quatro que reúne em dois grupos: modos de vontade – as ações devem ser realizadas em obediência às exigências ditadas pela vontade coletiva ou por uma lei social; modo optativo – as ações se realizam por força do imperativo individual, independente de qualquer coerção grupal; o segundo, modos de hipótese – o modo condicional – estabelece relação de implicatura entre duas ações de maneira que o responsável pela condição imposta e pela sua correspondência seja um só e mesmo personagem; modo preditivo – só ocorre quando o personagem faz a predição nada tem a ver com a consequência prevista.

Bremond (2008) dividiu o estudo semiológico em dois setores: a análise das técnicas de narração e a pesquisa de leis que regem o universo narrado. Estas leis pertencem a dois níveis de organização: a) elas refletem as construções lógicas que toda série de acontecimentos ordenada sob a forma de narrativa deve respeitar sob a pena de ser ininteligível; b) elas acrescentam a estas restrições, válidas para todas as narrativas, as convenções de seu universo particular, característico de uma cultura, de uma época, de um gênero literário, do estilo de um narrador ou, no limite, apenas desta narrativa. Baseou-se em Propp para corroborar que a função é a unidade básica do conto, mas contrariou a linearidade do conto. Em vista disso, propôs um modelo de estrutura tríade, isto é, apresentou uma situação lógica na qual atuam três sequências obrigatórias ao processo: a primeira abre a possibilidade; a segunda realiza tal possibilidade; e a terceira conclui o processo sob a forma esperada. Isso quer dizer que a função não necessita da que a segue. Por exemplo: a função que abre a sequência é colocada, o narrador tem a liberdade de fazê-la passar a ação ou de mantê-la em estado de virtualidade.

Os estudos sobre narrativas apontam que o homem vivencia e significa sua vida, além de abrirem caminho para novos trabalhos como os de Labov (1972), Ong (2002), Vansina (1982), Bruner (1991), Benjamin (1994) que analisaram as relações, seja no espaço criado pelo narrador, seja no universo das relações entre os participantes do evento nas histórias.

Benjamin (2008, p.197) relaciona experiência, tradição e narração em sua obra *Magia e Técnica, Arte e Política*, quando argumenta que “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”, visto que o narrador não consegue desempenhar sua função. A capacidade de narrar que antes era uma ação ‘segura’ e ‘inalienável’ foi se perdendo no tempo. Ela é artesanal, como assegura Benjamin (2008): contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e esta se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrar, isto é, esquece a si e se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias. Todavia as transformações do ‘mundo exterior’ e do ‘mundo ético’ têm empobrecido as experiências comunicáveis. Essas ocorrências são causadas pelas baixas ações de experiências pessoais. Entre estas existem dois grupos de narradores: um que vem de longe - aquele que viaja e tem muito a contar; o outro, aquele que nunca saiu de sua terra – conhece sua história e tradições (Benjamin. 2008). A interpenetração dos saberes era vigente no período medieval: o fator que contribuiu para essa realização foi o sistema corporativo ali existente.

Outra causa é o senso prático, isto é, o narrador é o homem que sabe dar conselhos. Isso quer dizer que a narrativa tem sempre uma ‘dimensão utilitária’, que serve de ensinamento moral, de sugestão prática, de provérbio ou de norma de vida. Aconselhar, hoje, é antiquado, porque, segundo Benjamin, as experiências estão deixando de ser comunicáveis.

Na narrativa se imprime a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso [...] Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefira atribuir essa história a sua experiência autobiográfica (BENJAMIN. 2008, p. 205).

Entende-se e faz-se entender que a dinâmica que articula as experiências constrói identidades, por isso Bourdieu (2008) ao se posicionar, argumenta que a linguagem não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não se procura somente ser compreendido, mas também obedecido, acreditado, respeitado, reconhecido. O homem tem vários meios de se expressar, no entanto é a capacidade de linguagem que o ajuda a processar e comunicar-se com os outros. Em outras palavras, ajuda-o a viver em grupo e a realizar empreendimentos sociais, ou ainda, estimula os processos mentais.

Labov (1972) argumenta que a narrativa é um método de recapitular experiências, combinar sequências de eventos de modo a organizar os enunciados temporalmente na ordem que, realmente, acontecem. Nesses estudos propôs um modelo narrativo constituído por seis elementos: abstrato, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda. Esse modelo constitui um tecido complexo, em sua estrutura, ponto de discussão desse trabalho, sobretudo porque a finalidade é compreender como o homem organiza e externaliza seus pensamentos. Essa organização é interna do texto narrativo e serve de canal pelo qual o narrador simula situações que ocorrem diariamente em sua vida.

Bruner (1991) argumenta que as pessoas organizam os pontos de vista que têm de si mesmas, dos outros e do mundo em que vivem. É um processo interno e conflituoso, mas em estreita correlação com os dados externos, que são múltiplos e variáveis, tanto no tempo quanto no espaço. Labov (1972) argumenta que a narrativa é um método de recapitular experiências, combinar sequências de eventos de modo a organizar os enunciados temporalmente na ordem que realmente acontecem. É a organização interna do texto narrativo, canal pelo qual o narrador simula situações que ocorrem diariamente em sua vida.

Labov (1997) propôs 12 aspectos para se interpretar a narrativa: experiência pessoal, organização temporal, tipos temporais de sentenças, tipos estruturais de sentenças, avaliação, relatabilidade, credibilidade, causalidade, atribuição do elogio e da culpa, ponto de vista, objetividade e resolução.

Para ele, a narrativa pessoal exige que seja efetivamente vivida pelo falante-narrador, cujas experiências são transmitidas para outras pessoas, isto é, os acontecimentos passados. Isso corrobora com Goody e Watt (2006) quando afirmam que o homem transfere, em sociedades não-letradas, a herança cultural. A estrutura da narrativa é estabelecida pela existência de duas sentenças que estão separadas por uma juntura temporal - a mudança na ordem dessas produz mudança na interpretação da ordem dos eventos. Isso quer dizer que existe, na organização temporal da narrativa, uma correlação entre a ordem das sentenças e a ordem cronológica dos eventos. As sentenças sequenciais são as que se vinculam em uma juntura temporal, isto é, ordem de aparecimento dos eventos está correlacionada à ordem dos eventos. Esse tipo de sentença encabeça-se por verbos no tempo passado, passado progressivo, ou tempo presente com interpretação semântica de passado.

Ao conjunto dessas narrativas, Labov e Waletzky (1966) designaram-no de sentença narrativa. As narrativas são conjuntos de sentenças presas, restritivas e livres. Ela inicia com o resumo que relata uma sequência de eventos. Em seguida, a orientação informa sobre a identidade e o comportamento dos participantes, o tempo, o lugar. Depois há uma sentença complicadora que relata um evento como resposta a uma questão: o que aconteceu? E o final da narrativa é assinalado pela coda, uma sentença que retorna a definição temporal para o presente, impedindo a pergunta: o que aconteceu? A avaliação de um evento narrativo é a informação sobre as consequências desse evento para as necessidades e para os desejos humanos. E uma sentença avaliadora apresenta uma avaliação de evento narrativo. Esse tipo de sentença tem o verbo no modo *irrealis*, isto é, verbos que se apresentam no modo futuro ou envolve um significado intrínseco de futuridade, de incerteza. A relatabilidade requer que uma pessoa ocupe um espaço maior do que em outras trocas conversacionais e a narrativa tem de produzir muito interesse nos ouvintes para que justifique essa ação. Para uma narrativa ser bem sucedida, não pode informar apenas evento relatável. Ela deve ter credibilidade – não ser rejeitada como um todo pelo ouvinte. Há uma relação inversa entre relatabilidade e credibilidade: quanto mais relatável, menos credibilidade – quanto mais objetiva a avaliação mais credível é o evento. A credibilidade é a extensão em que os ouvintes acreditam que os eventos descritos tenham ocorrido de fato na forma descrita pelo narrador. E a sequência

causal dos eventos é reconstruída a partir da forma da explicação do narrador. Na explicação do conflito entre atores humanos, ou o esforço dos atores humanos contra forças naturais, o narrador e os ouvintes inevitavelmente atribuem elogio e culpa aos atores envolvidos nas ações. O ponto de vista de uma sentença narrativa é o domínio espacial e temporal a partir do qual a informação transmitida por uma sentença pode ser obtida por um observador. Esse princípio distingue uma narrativa literária de uma narrativa pessoal: na primeira pode mudar os pontos de vista, tomar um ponto de vista impessoal e entrar na consciência de qualquer um de seus atores; na segunda, há somente uma opção: os eventos são vistos pelos olhos do narrador. Um evento objetivo é aquele que se torna conhecido do narrador por meio da experiência dos sentidos. Narrativas de experiência pessoal, normalmente, mostram grande variação no comprimento de tempo coberto pelas cláusulas de orientação, dificultando a ação e as seções de avaliação, que vão de décadas a minutos para segundos.

2.2 Letramento

2.2.1 Oralidade versus escrita

O termo letramento tem origem na palavra inglesa *literacy*, no entanto sua origem é latina. No inglês, a palavra **literacy** - significa “the condition of being literate”. Quando o radical da palavra **littera** = a letra e **cy** = sufixo, indica *qualidade, condição ou estado*. Em outras palavras *literacy* é “a condição de ser letrado”. O sentido do termo pode ter sentidos diferentes nos países que o utilizam. Estudos sobre letramento mesclam o uso, as funções e os efeitos que a escrita pode provocar efeitos tanto no indivíduo quanto para a sociedade. Para os ingleses, o termo é usado como a capacidade de ler e escrever e se fazer competente e frequente da leitura e da escrita.

[...] entre as principais línguas europeias somente o inglês dispõe de uma palavra como *literacy*, que faz referência de forma abstrata a todos os possíveis aspectos de envolvimento social e individual com a prática de escrever. Em outras línguas dispomos de palavras como *écriture*, *schrift*, *escrita*, *scrittura*, que fazem referência tanto à atividade concreta de escrever quanto ao produto concreto de tal atividade. A palavra inglesa para essas atividades concretas é *writing* [...] (GNERRE, 2012, p. 37).

Na Inglaterra, o termo *literacy* é conhecido, desde o século XVII, em oposição ao termo *illiteracy*, usado como a “falta de capacidade de ler e de escrever”. Tais termos só aparecem nos Estados Unidos no final do século XIX.

A inserção do termo letramento deve-se ao fato de que o conceito de alfabetização é insuficiente, uma vez que em tempos atuais a não basta somente saber ler e escrever, é preciso responder às novas exigências que a sociedade continuamente coloca a seus membros, isto é, saber ler e escrever vai além da aprendizagem da transferência do sistema fonológico para o sistema ortográfico.

Os estudos sobre letramento surgem nos Estados Unidos, Canadá, França, Bélgica e na própria Inglaterra, após a Segunda Guerra Mundial, uma vez que havia a inquietação sobre a alfabetização. O questionamento, na época, era sobre porque as pessoas alfabetizadas, não desenvolviam a habilidade nas práticas sociais. Dados estatísticos apontavam que um percentual da população alfabetizada afirmava ter dificuldades para ler e/ou escrever.

O pós-guerra trouxe modificações em todas as áreas de conhecimento, pois o sistema econômico era baseado na manufatura de bens materiais e transformou-se em informação. Momento denominado por ‘sociedade da informação’ ou ‘sociedade do consumo’, alguns preferem ‘pós-modernidade’, ‘sociedade pós-industrial’ ou ‘pós-modernista’. Essa sociedade cobra de seus integrantes níveis elevados de educação para suprir o mercado de trabalho. No mundo em que a informação e o conhecimento constituem fatores, decisivamente, estruturantes na vida social, a capacidade de usar a tecnologia da escrita e da leitura torna-se imprescindível para atender as novas demandas sociais de uso da leitura e da escrita.

A relação maior ou menor da comunidade com a escrita vai depender das condições econômicas, sócio-culturais, políticas etc. (Terzi, 2001). A qualidade produtiva de indivíduos em sociedades letradas dependerá das condições sociais, isto é, o sucesso dependerá da maior exposição do indivíduo a fontes de escrita.

Em países como o Brasil e Portugal, o termo *literacy* chega ao século XX, com os significados de letramento e *literacia*, respectivamente. Kato (1986); Tfouni (2005); Kleiman (1995) e Soares (1995, 2002, 2003) foram as primeiras, em território brasileiro, a usar o termo letramento e desenvolver pesquisas sobre o assunto. Antes, porém, os trabalhos eram estudos comparativos das modalidades falada e escrita da língua. Esses questionamentos surgiram, a partir do vácuo existente em se compreender como o indivíduo, sobre a escrita e suas implicações parecem complexas, visto que, embora haja uma extensa bibliografia a respeito, não há um núcleo dos problemas.

Nesse sentido, Gnerre (2009) aponta que a definição de novos campos de reflexão e de pesquisa, assim como os rumos de campos “tradicionais”, são em geral consequências de pressões históricas de natureza sócio-cultural de pensadores e pesquisadores, conforme visualização das respostas as perguntas por que e como foi estabelecido um campo de pesquisa da escrita:

[...] seria de um tipo, se a nossa perspectiva fosse mais técnica. Seria de outro tipo, se a nossa perspectiva fosse mais humanística e mais orientada pela história da cultura. No primeiro caso, uma resposta possível seria que a escrita veio a ser objeto de pesquisa nas últimas décadas devido a duas razões básicas: o aumento dos programas de alfabetização e de educação no mundo (consequências de pressões de novas condições econômicas e políticas) por um lado, e, por outro, a padronização da escrita de muitas línguas, até então sem tal tradição [...] uma perspectiva mais crítica, porém, compararia a difusão mundial a nível mundial da escrita e da educação básica, durante as últimas duas décadas, a uma “liquidação” de tecnologia obsoleta a países do assim chamado “Terceiro Mundo”, numa época em que as tecnologias muito mais poderosas e eficientes estão ao alcance dos países tecnologicamente avançados. (GNERRE, 2009, p. 41).

O termo alfabetização é um processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita, em outras palavras, é uma prática que, segundo Kleiman (2005), envolve diversos saberes e concretiza-se em eventos em sala de aula. Por conseguinte, a criança conta o que sabe das coisas que percebe ao seu redor. É o período no qual, ela começa a “desvendar as habilidades precursoras da escrita” (Kato, 1986, p. 18).

O modo de ver a alfabetização como um processo permanente fez com que Soares (2008) contestasse, uma vez que entende não ser a alfabetização que se alongaria pela vida, mas sim a aprendizagem da língua materna quer escrita ou oral. E aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodificá-las (ou de associá-las),

mas também a possibilidade de usar esse conhecimento em benefício de formas de expressão e comunicação, possíveis, reconhecidas, necessárias e legítimas em um determinado contexto cultural. A distinção permite maior visualização quanto à distinção entre alfabetização e letramento. Nesse sentido, ela argumenta que não consideraria “alfabetizada” uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, “lendo”, por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não consideraria “alfabetizada” uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua ao expressar-se por escrito.

Discute, também, os termos alfabetismo, analfabetismo, apontando que ser alfabetizado varia de sociedade para sociedade, visto que depende das necessidades e condições sociais presentes em determinado histórico de uma sociedade e cultura, consensualizando as ideias de Brian Street (1982).

Tfouni (2005) defende a perspectiva discursiva sobre a escrita quando aponta que pode haver características orais no discurso escrito e características escritas no discurso oral. No entanto, para ela, letramento não está associado com alfabetização (TANNEN, 1982) escolarização, progresso (GOODY; WALETZKY, 2006), atividade social (STREET, 1982) ou movimento econômico, mas sim como um processo sócio-histórico, de autorreflexibilidade, no qual o sujeito tem a capacidade de observar seu texto, voltando-se sobre aquilo que já escreveu.

Neste trabalho, entende-se o letramento de acordo como Tfouni (2005, p.32) “alfabetização como um processo inserido na amplitude sócio-histórica do letramento. Diferentemente de abordagens da alfabetização que a tomam pela perspectiva da aquisição de habilidades de leitura e escrita”.

Marcuschi (1988) em trabalhos na área de Linguística Conversacional, considera que tanto a fala como a escrita não são fragmentadas, ambas têm valor específico a depender de suas funções na sociedade e, desse modo, seria a escrita não mais “qualificada” do que a fala. Mesmo porque fala e escrita são duas formas de realização do mesmo sistema. Essas conclusões chegam próximas às obtidas por Tannen (1982): a) oralidade e escrita não são dicotômicas; b) estratégias encontradas na escrita podem ser encontradas também na oralidade.

Enquanto Street (1982) apresenta uma perspectiva ideológica, quando aborda o letramento como “práticas letradas” do sujeito dentro do seu grupo e não como habilidades técnicas voltadas a um quadro escolar.

Contraopondo a essas ideias, Goody (1987) trabalha com uma perspectiva teórica cuja visão prioriza o cognitivo, embora considere fala e escrita como duas modalidades semelhantes, enfatiza a escrita como uma tecnologia capaz de dar ao homem suporte para armazenar e aumentar seu conhecimento.

Muitos estudos sobre a escrita se referiam à dicotomia entre oral e escrito. Ong (2002), por exemplo, “argumenta que nas últimas décadas, o mundo acadêmico despertou para o caráter oral da linguagem e para algumas implicações do contraste entre oralidade e de escrita”¹. E, também, que a linguagem oral adquiriu importância nos estudos acadêmicos, a partir dos anos 60. Em seus estudos, ele associa o desenvolvimento da linguagem oral ao aparecimento de novas tecnologias como rádio, o telefone, a televisão etc. Destaca o papel do letramento para compreender os efeitos da escrita. Faz um percurso histórico sobre a linguagem oral; aponta a primazia da tradição oral e estudos de Havelock (1963).

Nesse estudo, o referido autor, apresenta o valor dos estudos que Parry (*apud in* Ong 2008) havia realizado sobre os gregos. Estes utilizaram-se de fórmulas para reter, na memória, o conhecimento. Faz um paralelo entre a compreensão de povos com cultura escrita de povos sem escrita. Chama a atenção para que compreenda as psicodinâmicas da oralidade para poder compreender a cultura oral primária, visto que as palavras, para esses povos, têm poder e são dinâmicas, porque vêm de dentro dos organismos vivos. E, ainda, os indivíduos, dessa cultura, para reter e recuperar as informações usam padrões mnemônicos como repetições, aliterações, antíteses, além do que o fluxo de suas narrativas apresentam algumas características que servem para facilitar a memorização, como o uso de aditivos e estruturas pragmáticas, enquanto os de cultura escrita preocupam-se com a sintaxe; agregativos – carregadas de epíteto; redundantes; conservadores; referem-se aos acontecimentos da vida humana, eventos do dia-a-dia; tom agnóstico – “o processo e expressões do pensamento oral têm sido fundamental ao desenvolvimento da cultura ocidental. Esta foi institucionalizada pela ‘arte’ da retórica e da dialética de Sócrates e de Platão que forneceram à verbalização agnóstica oral uma base científica produzida com a ajuda da escrita” (2002, p.45) empáticos e participativos; conservador ou tradicionalista – o conhecimento só é fixado, através da repetição.

Em uma cultura oral, a aprendizagem acontece de forma repetida e alta, por isso quanto mais velho um membro da comunidade mais respeito se tem, por causa do domínio que possui. São sociedades homeostáticas, pois vivem o presente e afastam da memória aquilo

¹ [...] in the past few decades the scholarly world has newly awakened to the oral character of language and to some of deeper implications of the contrasts between orality and writing.

que não é relevante. Nesse processo, as palavras podem não durar infinitamente como, isto é, caso se torne arcaica pode desaparecer ou permanecer, mas com significado diferente.

Outro ponto importante em Ong (2002), é acitação sobre o trabalho de Luria (1976) em *Cognitive Development: Its Cultural and Social Foundations*, que trata de uma pesquisa na qual aponta os contrastes existentes entre cultura oral e escrita, por exemplo, enquanto os indivíduos que possuem a escrita denominam os objetos por suas categorias, os de cultura oral pensam nos objetos em termos de situação prática.

Estudos como os de Luria (1976); Cole (1981), Scribner (1981) e outros argumentam que a lógica formal está associada à tecnologia do alfabeto escrito. Enquanto os indivíduos da cultura oral têm o raciocínio lógico, faltam-lhes as deduções lógicas. Ong (2002) argumenta que é um erro pensar que as pessoas com cultura oral são pouco inteligentes, pois isto é ‘pré-lógico’ ou ‘ilógico’, já que o que eles não sabem é fazer as ligações elaboradas de causa em uma sequência linear.

E, ainda, nas culturas orais a aptidão para memorização verbal tem valor ativo, conforme mostra pelos estudos de Parry sobre os poemas Homéricos, diferenciando, portanto, da cultura letrada, quando as informações e os conhecimentos ficam armazenados em papéis.

De acordo com o desenvolvimento de uma sociedade, verifica-se que as exigências para atendê-la variam conforme as necessidades desta, ou melhor, se entender que antes do advento da imprensa, a leitura era realizada em voz alta, mesmo porque poucos dominavam o processo, ouvir alguém ler era uma prática necessária e comum na Idade Média. Nessa época, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um número pequeno de leitores. Nos séculos XVI e XVII, questionou-se sobre o tamanho dos livros, já que se queria fazer leituras em ambientes fora de bibliotecas, especificamente, em longas viagens, precisava-se que os livros fossem de fácil manuseio. O surgimento da imprensa marca a sociedade moderna, uma vez que as modificações na literatura, na produção de livros e de dicionários menores. Isso possibilitou uma larga escala desse material e o desenvolvimento do sentido de privacidade pessoal.

Ong (2002) contrastou as culturas orais e as culturas escritas a procura das implicações que delas decorrem. O passar da cultura oral à cultura escrita envolve mudanças nas estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais, religiosas etc., visto que o pensar e agir do homem de antes da escrita não é o mesmo do das sociedades do mundo ocidental moderno. É possível que o letramento interfira nos conteúdos apreendidos, ou melhor, ressignifique as maneiras de acumular o saber e desenvolver os papéis sociais.

Alguns estudos sobre letramento faz referência à alfabetização. No entanto, Kleiman (2012, p. 15-16) concebe que “o letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita”.

Não há como se apontar que letramento tenha apenas uma concepção e que esteja associada ao progresso, a civilização e a mobilidade social como Street se refere.

2.2.2 Letramento e cultura escrita

Goody e Watt (2006) e Goody (1987) tratam das relações entre o letramento e os vários aspectos que envolvem as sociedades no desenvolvimento de uma cultura escrita, a partir da Grécia antiga e sua influência na cultura ocidental. E, ainda, abordam o letramento e o relacionamento deste em diferentes tarefas que a antropologia e a sociologia têm para estudar as sociedades orais e letradas. Esse estudo é essencialmente um estudo antropológico e sociológico e deve ser compreendido como parte de um debate sobre a oralidade e a escrita, tema bastante discutido nos anos sessenta, quando os referidos estudiosos fizeram uma comparação entre o uso da escrita em sociedades predominantemente orais e a ruptura da tradição oral por causa da escrita.

Inicialmente, descreveram os meios pelos quais a herança cultural é transmitida em sociedades não-letradas e, então, verificar como tais meios se transformaram pela adoção em larga escala de um meio fácil e efetivo de comunicação escrita. Eles destacam três itens que apesar de serem distintos estão envolvidos entre si: primeiro, a sociedade passa aos seus membros sua planta material, incluindo suas fontes naturais disponíveis; segundo, a sociedade transmite aos membros meios padronizados de atuação; e terceiro, os elementos mais significativos a qualquer cultura são, indubitavelmente, canalizados por meio de palavras. Finalmente ressaltam que a palavra exerce uma força em cultura não-letrada e por isso analisam a proximidade de palavras para dar significado a uma mesma coisa. Para exemplificar o assunto, citam que nas Ilhas *Lesu* no Oceano Pacífico não tem uma, mas dezenas de palavras para porcos. Apontam a importância da memória em sociedades de tradição oral e a função social desta e do esquecimento, podendo ser vista como estágio final do que foi chamada organização homeostática da tradição cultural em sociedades não-letradas (Goody e Watt, 2006 e Goody, 1987).

Os fatos e acontecimentos relevantes para a sociedade são armazenados na memória e transmitidos para outras gerações, porém, nem tudo é guardado na memória. Esta seleciona o que tem significado e o que não tem significado. Aquilo que não tem significado tem a tendência de ser esquecido. A linguagem, sobretudo o vocabulário, é o meio efetivo dessa seleção que os autores dizem ser o processo crucial de digestão e eliminação social. É dessa forma que a memória tem sua função social. Porém, a memorização sofre influências a partir das diferentes relações sociais da sociedade não-letrada como: interesses econômicos, políticos e sociais são determinantes para o que deve e precisa ser memorizado.

Goody e Watt (2006) exemplificam que em algumas sociedades não-letradas, os indivíduos de cada geração adquirem vocabulário, genealogias e mitos próprios, mas inconscientemente as palavras, os nomes-próprios e as histórias daquele tempo serão descartados, ressignificados, transformados ou substituídos, de acordo com a sociedade do momento.

Ao tratar sobre os tipos de escrita e seus efeitos sociais, Goody e Watt (2006) abordam que a confirmação do passado só será possível a sua operacionalização a partir dos registros escritos permanentes e que a escrita introduz mudanças na transmissão do repertório cultural. Ressaltam, porém, que essas mudanças variam com a natureza e a distribuição social dos sistemas de escrita, isto é, segundo o grau de difusão do seu uso na sociedade.

Gelb (1952 *apud* Goody e Watt, 2006) argumenta que o homem da caverna, presumivelmente, é o precursor da escrita e da condução da escrita pictográfica de vários estilos encontrados em sociedades simples. Enquanto Voegelin (1961 *apud* Goody e Watt, 2006) sustenta a afirmação de que essa escrita pode ser quase universal, mas que o seu desenvolvimento ocorreu, apenas, entre os índios das planícies, pois o referido tipo de escrita tem desvantagens óbvias como meio de divulgação da comunicação apesar do sistema ter desenvolvido de forma elaborada, apenas um número limitado de coisas pode ser usado.

No fim do quarto milênio, surgiram sistemas com desenvolvimentos mais complexos de escrita, no caso os hieróglifos, os quais, aparentemente, são fatores essenciais para o desenvolvimento das culturas urbanas do oriente. Esses sistemas escritos usavam artifícios fonéticos para a construção de logogramas, mas não logravam êxito, porque foram criados para um sistema de palavras monossilábicas, por isso, malogravam na aplicação de princípios fonéticos exclusivos e sistematicamente. Surge, por volta de 1500-100 a.C. um sistema completamente baseado na representação de fonemas e, também, a introdução do alfabeto na Grécia, porém, sem êxito, visto que esses sistemas fonéticos eram incompletos, grosseiros e

complicados para favorecer a difusão de um letramento. E todas as formas de escritas e a dificuldade da aplicação desta por diversos povos, considerados letrados como os assírios, egípcios, sumérios, hititas e chineses, até o aparecimento do alfabeto fenício que, indubitavelmente, é o exemplo máximo de difusão cultural, uma vez que todos os alfabetos existentes derivam dos silabários fenícios. Esse alfabeto simplificou o sistema de escrita semítico e grego. A herança para o mundo ocidental surge dessas duas fontes, uma vez que a palavra latinizada alfabeto é derivada do grego *alpha*, que por sua vez é derivada do semítico *Aleph* e beta do semítico *Beth* (Goody e Watt, 1006).

A civilização grega para Goody e Watt (2006) é o exemplo histórico da transição a uma sociedade realmente alfabetizada, uma vez que a base essencial dos sistemas de escrituras e de muitas instituições culturais característica da tradição Ocidental deriva da Grécia. Eles tratam da história do pensamento grego, a partir dos seus mitos e história, dos escritos gregos, que mostra uma maior consciência da diferença entre o pensamento oral e letrado, citando Platão como exemplo de perfeição e intensidade na transmissão oral, a lógica e categorias do pensamento com base em Platão e Aristóteles que conceberam que poderia haver um procedimento intelectual especial para ordem racional no universo. E imaginaram a possibilidade de um sistema de regras para se pensar e que ofereceria acesso mais seguro à verdade do que a opinião corrente.

Goody e Watt (2006) tratam da cultura letrada e da dívida principal de toda civilização contemporânea com o grego clássico, cuja importância deve ser atribuída ao alfabeto como a causa ou como a condição necessária das inovações intelectuais seminais que ocorreram no mundo grego, durante os séculos que seguiram a difusão da escrita, nem a natureza da evidência, é suficiente para se afirmar que o problema possa ser completamente solucionado.

Apesar de Goody e Watt (2006) abordarem tanto a cultura letrada como a não-letrada, dando ênfase à importância que cada uma merece, o ponto pacífico do discurso dos autores recai para a escrita, porque somente através dela o indivíduo teria possibilidade de se inserir em diferentes modos de cultura e delas poder participar. Isto porque o registro escrito definiria delineamentos para os mitos, as lendas, as histórias tradicionais a partir da relação com o ocorrido ou inventado, a ficção e o erro. Permite, também, outro modo de fazer a história, através de documentos e registros fiéis aos acontecimentos, além de resgatar as situações orais de forma sistematizada e confiável. O resgate da cultura oral, dessa forma, asseguraria a sua transmissão.

Goody e Watt (2006), ao tratarem da escrita, especialmente, da escrita alfabética, creditam a superioridade desta em relação aos outros tipos de registros (a escrita silábica, os logogramas e a escrita ideográfica) como um processo evolucionista em relação à função da limitação de cada um desses tipos. Ao creditarem valor superior à escrita alfabética, os autores colocam as sociedades de tradição oral como inferiores ao processamento da informação escrita, uma vez que estas por operarem exclusivamente com a memória e o esquecimento, nem tudo que é vivenciado é registrado para posteriores informações. A tendência da memória é registrar, apenas, as informações significativas, levando em conta que esse registro acaba sendo influenciado por interesses como os econômicos e sociais, além de outros em que a memória seleciona para registrar. Como foi dito anteriormente, dependerá do significado de cada informação.

McLuhan (2007) considera a evolução midiática, determinante das transformações da cultura humana, por isso distingue três grandes períodos: a cultura oral ou acústica, própria das sociedades não-alfabetizadas, cujo meio de comunicação por excelência é a palavra oral (dita e escutada); a cultura tipográfica que caracteriza as sociedades alfabetizadas, atribuindo privilégio à escrita; cultura eletrônica que é determinada pela velocidade instantânea.

2.3 Tradição oral

Do século XIX ao século XXI, os estudos sobre a linguagem têm se modificado. Para Darwin (1871) a linguagem articulada, tendência instintiva, precisa ser aprendida, é peculiar ao homem gerar o pensamento, capacidade esta que o difere de outros animais. Em *Política*, Aristóteles (1998) argumenta que a linguagem serve para demonstrar o útil e o danoso, por isso, também, o justo e o injusto, o que é próprio dos homens a respeito dos outros animais: ter somente ele o sentido do bem e do mal, do justo e do injusto. A propósito, essa superioridade lhe outorga uma posição de prestígio, na natureza, visto que a sua estrutura linguística atende a fatores cognitivos, sociais e comportamentais.

No século XX, estruturalistas e o funcionalistas defenderam que a mudança na linguagem ocorreu lenta e gradual, enquanto para os gerativistas a mudança foi abrupta ou catastrófica. Entre os estudiosos da época, encontram-se Saussure (1857 – 1913), Jakobson (1896- 1982), Bloomfield (1887 – 1949), Pike (1912 – 2000), Hockett (1916 – 2000) Harris (1909 – 1992) Chomsky (1938 -) dentre outros.

A universalidade da linguagem complexa é uma descoberta que enche os linguistas de admiração e temor, e é a primeira razão para suspeitar que a linguagem não é apenas uma invenção cultural qualquer mas o produto de um instinto humano específico. As invenções culturais variam muito de sociedade para sociedade em termos de sofisticação; dentro de uma sociedade, as invenções têm geralmente um mesmo nível de sofisticação. Alguns grupos contam girando gravetos na lenha; outros usam computadores e fornos de micro-ondas. No entanto, a linguagem acaba com essa correlação (PINKER, 2004, p.21).

O aparelhamento do qual o homem é dotado permite que ele aprenda a língua e a cultura e desenvolva suas atividades intelectuais, simbólicas e de compreensão que são inseparáveis do pensamento e da imaginação e cuja ordenação favorece a visão global da realidade. Foram milhares ou milhões de anos, andando pelo mundo, é bem provável que alguma coisa tenha se desenvolvido. Mas, por algum motivo qualquer, durante o período das glaciações, descobriu-se a novidade da dupla articulação (FERREIRA NETTO, 2008, 13-14).

O registro que o homem faz das diferentes temporalidades e acontecimentos constituem os fios do tecido da história humana. Nesse percurso, ele narra suas experiências. Conseqüentemente, usa a língua como instrumento legítimo de expressão para circular na sociedade.

A força da linguagem encanta, seduz, através dela, o homem reúne o sagrado e o profano, transcende suas experiências, nomeia qualquer objeto da natureza, diferencia o que o cerca. Com isso, distancia-se dos outros animais, porque entra no mundo simbólico, isto é, no mundo das significações que, segundo Bourdieu (2008, p.95), no caso das palavras, a eficácia simbólica se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito.

Nesse processo, a linguagem medeia a relação do homem com o mundo. Isso se concretiza através do ato linguístico; a exemplo disso, é possível pontuar a narrativa como variante no contexto da comunicação oral ou como prática social em que os falantes marcam suas presenças a partir dos lugares de fala, construindo uma dependência do “eu” com o “outro” e vice-versa. É nessa relação que o homem constitui sua herança e a transmite de geração a geração.

Nesse processo, a linguagem é um sistema de signos estabelecido culturalmente que serve para intermediar a comunicação entre pessoas e grupos, e mais: um artefato cultural de

comunicação e de organização do pensamento. Ela permite que o indivíduo conte suas experiências e atribuía sentido ao mundo.

A transmissão de saberes feita oralmente por um povo é o que, geralmente, se conhece por Tradição Oral e que Vansina (2009 [1965], p. 5 e 19) define:

All such anonymous oral traditions share the common characteristic of being transmitted spontaneously from one person to another, and during this process the original form is lost and the content becomes fluctuating and blurred [...] Oral traditions consist of all verbal testimonies which are reported statements concerning the past. This definition implies that nothing but oral traditions - that is to say, statements either spoken or sung - enter into consideration. These must not only be distinguished from written statements, but also from material objects that might be used as a source of knowledge about the past. It further indicates that not all oral sources are oral traditions, but only those which are reported statements - that is, sources which have been transmitted from one person to another through the medium of language.²

Normalmente, os assuntos que as comunidades orais transmitem são os de usos e de costumes que podem aparecer em forma de contos, de lendas, de mitos, de provérbios, de orações, de lendas, de adivinhas etc. Essas transmissões são valores culturais que permitem a visualização do mundo onde os indivíduos vivem.

Para as sociedades designadas como orais ou de tradição oral, Zumthor (1993, p.18) distingue três tipos: as de oralidade primária, as de mista e as de secundária. A primeira não comporta contato com a escritura e se encontra, apenas, nas sociedades desprovidas de todo sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos. A segunda, quando a influência do escrito permanece externa, parcial e atrasada. A terceira, quando se

²Toda tradição oral anônima compartilha características de ser transmitida espontaneamente de uma pessoa para outra, e durante esse processo a forma original é perdida e o conteúdo torna-se flutuante e confuso [...] Tradição oral consiste de todos testemunhos verbais os quais são relatos de sentenças a respeito do passado. Esta definição implica que nada além da tradição oral deva ser dita. Sentenças também faladas ou cantadas são levadas em consideração. Estas não devem somente ser distinguidas das sentenças escritas, mas também dos objetos materiais que podem ser usados como fontes desconhecimento a respeito do passado. Se indicar mais que não somente as fontes orais são tradições orais, mas somente aquelas que são sentenças relatadas, é isso, fontes que (tem sido transmitidas) foram transmitidas de uma pessoa a outra por meio de uma língua. (Tradução da autora da tese).

recompõe com base na escritura num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário.

Levy (2008, p.77) divide em oralidade primária e em secundária. Lembra que “numa sociedade oral primária, quase todo edifício cultural está fundado sobre lembranças dos indivíduos. A inteligência, nestas sociedades, encontra-se, muitas vezes, identificada com a memória, sobretudo com a auditiva. Por isso, há a necessidade de se compreender a relação entre memória e sociedade, uma vez que o homem constrói seu pensamento baseando-se em fatos vividos que se armazenam na memória.

2.3.1 Visão sobre tradição oral

A tradição oral são fontes históricas de natureza especial, cuja transmissão e preservação dependem do poder da memória de sucessivas gerações de seres humanos (VANSINA, 2009, p.1). Nesse sentido, o homem transmite suas experiências vivenciadas, utilizando a memória para buscar os fatos que ficaram armazenados. Essas experiências são fontes da tradição que o homem vivencia. É através da narrativa que o indivíduo constitui sua identidade, sua cultura, já que contempla aquilo que é representativo para ele e para sua comunidade.

Nas sociedades onde a comunicação era feita somente pela oralidade, a fala é reconhecida pela sua dupla função: como um meio de comunicação diária e como um meio de preservação do conhecimento dos antepassados. Argumenta Thomas (2005, p.152) que os transmissores selecionam a tradição e podem mudá-la no processo: as razões para a mudança podem ser culturais, sociais, políticas ou ideológicas [...] O processo de seleção e de mudança é um complexo entrelaçamento de fatores sociais, políticos e, presumivelmente, psicológicos.

Na comunicação, o verbalismo difere das fontes escritas: um documento oral pode ser definido de diversas maneiras, uma vez que o indivíduo ao errar pode interromper, corrigir, recomeçar etc.

Devido à sua complexidade, não é fácil encontrar uma definição para tradição oral que dê conta de todos os seus aspectos. Um documento escrito é um objeto: um manuscrito. Mas um documento oral pode ser definido de diversas maneiras, pois um indivíduo pode interromper seu testemunho, corrigir-se, recomeçar, etc. Uma definição um pouco arbitrária de um testemunho poderia, portanto, ser: todas as declarações feitas por uma pessoa sobre uma mesma sequência de acontecimentos passados, contanto que a pessoa não tenha adquirido novas informações entre as diversas declarações. Porque, nesse último caso, a transmissão

seria alterada e estaríamos diante de uma nova tradição. (THOMAS, 2005, p.140).

Sobre os estudos relativos à tradição oral e produção de narrativas, Ferreira Netto (2008) parte de dois momentos: a oralidade das sociedades letradas e a oralidade não vinculada à escrita, quando se fundamenta na memória coletiva e nas narrativas coletivas; entre a tradição oral e a história e os aspectos linguísticos das narrativas orais, considerando que a introdução é bastante elucidativa sobre o conteúdo da obra. E explica os conceitos de documento e monumento com a finalidade de fazer compreender as duas formas culturais de tradição: a oral e a escrita. Diz o autor que no âmbito da oralidade monumento e documento se confundem na memória coletiva. Documento e monumento diferem no que diz respeito aos propósitos sociais destes, sendo monumento um gatilho para recordações e documento um conjunto dos dados específicos dessas recordações, daí se confundirem no âmbito da oralidade. Monumento é uma estrutura simbólica que traz a mente lembranças de uma época, a herança de um passado, isto é, uma lembrança passiva dos fatos, porque depende do estímulo externo. Enquanto documento, baseado em LeGoff (1990), é a permanência de dados cujo suporte oferece condições para a leitura desses dados, pressupondo uma leitura ativa. Por conseguinte, monumento e documento complementam-se como estratégias específicas para salvaguardar as informações legadas pelos antepassados.

Ferreira Netto (2008) busca nas ideias de Linton (1981) e Goffman (2005) a sustentação das formas próprias de manutenção de identidade social, e nas propostas Goody e Watt (2006) e McLuhan (2007) as características próprias de uma sociedade que se vale exclusivamente da oralidade para manter a identidade, para caracterizá-las. Diz o autor que não se pode tratar das implicações linguísticas propostas pelas análises dos autores citados, sem falar da relação que se pode estabelecer entre os conceitos apresentados e a proposição de Barth (2008) quanto ao estabelecimento de uma identidade étnica. Para ele, a identidade é reconhecida a partir de fatores socialmente relevantes, estabelecidos pelos próprios membros do grupo, como sinais ou signos culturais que as pessoas exibem para demonstrar sua identidade, mas principalmente pelos padrões de moralidade e de excelência pelas quais as ações são julgadas. Esta proposição vai ao encontro da proposição de Linton (1981) quanto ao estabelecimento de *status*, e dos papéis sociais de Goffman (2005).

Por fim, esta parte faz refletir como se dá a manutenção e a divulgação dos papéis sociais entre os membros de um grupo qualquer, no contexto de uma sociedade de Tradição

oral, por meio de sua documentação em narrativas que se transmitem aos membros e entre as gerações de um mesmo grupo.

Ferreira Netto (2008) diz que a partir das proposições acima, pode-se pensar que a sociedade se organiza com distribuição de papéis sociais entre seus membros, que devem sujeitar-se ao conjunto de comportamentos previamente definidos e também à avaliação do alinhamento que produzam entre o desempenho de suas atividades e a idealização própria de cada um desses papéis sociais.

A proposta de Halbwachs (1990 *apud* FERREIRA NETTO, 2008) retrata a memória coletiva, cuja formação está nos mecanismos subjetivos próprios para a formação de uma rede de conhecimentos simbólicos memorizados. Sobre isso, estabeleceu três conceitos específicos para a memória: individual, a coletiva e a histórica. A memória individual é aquela que se associa pela comunhão de lembranças comuns que permitem, por sua vez, o reconhecimento e a familiaridade entre todos os membros participantes dessa comunidade, pois, os fatos geradores memorizados se repetem entre vários indivíduos que participam da mesma comunidade. A memória coletiva proveniente de todas as memórias individuais atua como um conjunto de referências interpessoais que estabelece a unidade do grupo portador dessas mesmas referências, ou ainda a memória coletiva é uma série de datas ou listas de fatos históricos que servem de referência para a organização das memórias individuais em seu processo de reconstrução. A distinção entre memória coletiva e a histórica, por sua vez, parte de sua forma documental. Na medida em que nenhuma delas exige o testemunho pessoal do narrador, a diferença está justamente na variação da mídia portadora de experiência.

Considerando-se o fato de que a distinção entre a memória histórica, memória coletiva e a individual diferem especialmente quanto à sua forma documental, pode-se entender desta maneira a diferença de concepção do tempo como também uma consequência dessa mídia portadora das narrativas.

Desta forma, a mídia própria das memórias coletiva e individual é a oralidade e a mídia da memória histórica são os documentos permanentes, sejam eles escritos ou não. Pode-se considerar a oralidade como Tradição Oral e os documentos como Tradição Escrita apesar de os documentos apresentarem outras formas além da escrita.

A proposta de Ong (2002) sobre a existência da oralidade primária e da verbalização escrita diz respeito às culturas não afetadas pela cultura escrita, o total desconhecimento da cultura escrita. Quanto à verbalização escrita seria a oralidade das culturas e das pessoas com a prática social da escrita.

Ferreira Neto (2008) trata dos aspectos linguísticos das narrativas orais dividida em: narrativas pessoais, a transformação da narrativa, a adequação dos modelos comportamentais exemplares e a substituição dos meios de comunicação. O autor para sustentação das narrativas pessoais apresenta as propostas de William Labov e de Jerome Bruner para as análises específicas dessa forma de documentação.

Sobre a memória coletiva, Ferreira Neto (2008) apoia-se nos estudos de Halbwachs (1990), Goody e Watt (2006) para argumentar que a memória individual pode estar restrita à circularidade temporal do presente circular. Faz a distinção entre a tradição oral e a escrita quando se refere à memória particular, e diz que esta não se faz produtiva, porque esta só se manifesta a partir da necessidade das referências ao passado ancestral linear. E diz que as narrativas históricas, da memória histórica, e as narrativas orais, da memória coletiva, confundem-se mutuamente nas narrativas pessoais.

Narrativa, segundo Labov (1997), é um conjunto de sentenças restritivas, presas e livres, e da exigência da participação do enunciador-narrador nas narrativas pessoais, que este tenha vivido especificamente a experiência.

Desta forma, Ferreira Netto (2008) caracteriza as narrativas pessoais, decorrentes da memória individual, a partir da proposição de Labov (1997), divididas em 11 itens: 1) organização temporal da narrativa; 2) tipos temporais de sentenças narrativas; 3) tipos estruturais de sentenças narrativas; 4) avaliação; 5) relatabilidade; 6) credibilidade; 7) causalidade; 8) atribuição do elogio e da culpa; 9) ponto de vista; 10) objetividade e 11) resolução. Labov estabelece os conceitos de junção temporal, de sentença sequencial, livre e narrativa e o de narrativa mínima, para as narrativas pessoais. Além dessa classificação mediante o tipo de consideração que faz em relação à narrativa, podem ser: resumo, de orientação, de ação complicadora e coda.

Ferreira Netto (2008) cita que uma das principais características proposta por Labov (1997) é a definição de evento mais relatável, que quer dizer o ponto de chegada de uma sentença narrativa; diz que esses eventos são os que tratam de morte, de sexo e de indignações morais, e chama atenção para o fato de que quanto mais fantástico for o evento relatável, tanto menor será a credibilidade que se dará para ele.

O interesse de Ferreira Netto (2008) em apreender o conjunto de definições de narrativa pessoal proposto por Labov é para aplicar em outro objeto que não seja necessariamente narrativa. Para isso propõe um estudo sobre o assunto a partir do que ele chama ilusionismo próprio da realidade virtual em que o enunciador-narrador é capaz de

simular as características da realidade por meio da manipulação da mídia incidente nos sentidos de seu interlocutor. Sobre a Transformação da Narrativa, o autor diz que as narrativas justificam-se pelos seus propósitos de identificação social, quer seja por meio da autoglorificação quer seja pela estigmatização do outro. No entanto, elas parecem atuar sempre no sentido de criar coesão e coerência sociais, mesmo que isso possa não ser muito claramente percebido.

Do ponto de vista da coesão social, Ferreira Netto (2008) argumenta que os narradores entendem-se como descendentes ou seguidores dos que foram delatados dos amaldiçoadores e não dos delatores e dos perseguidores, o que se entende conforme o autor descreve na parte I: Memória coletiva e narrativa coletiva: que a sociedade se organiza pela distribuição de papéis sociais entre seus membros, que devem sujeitar-se ao conjunto de comportamentos previamente definidos, e também à avaliação do alinhamento que produzam entre o desempenho de suas atividades e a idealização própria de cada um desses papéis sociais. Esclarece que muitas das coerências entre emoções, particularidades, referências, intenções decorrem da própria formação da sociedade. Quando se trata do acréscimo narrativo, em que o enunciador-narrador chama a atenção para o seu próprio desempenho nos papéis sociais que assume, também se pode verificar que o desempenho dos papéis sociais das demais personagens conduz o desenvolvimento da narrativa.

Desta forma, segundo Ferreira Netto (2008), o desempenho dos papéis sociais propostos aos personagens, os vínculos de estados emocionais, delineiam o comportamento canônico de cada um deles bem como as suas variações possíveis.

Na adequação dos modelos comportamentais exemplares, a transformação das histórias exemplares citando o trabalho: mito na psicologia primitiva, publicado nos anos 20. Na obra, Malinowski (2010) propõe a tripartição em contos, lendas e mitos, embora seja estabelecida uma hierarquia entre essas três categorias, mas é possível considerar todas a partir do mesmo ponto, na medida em que as narrativas apresentem suas personagens como representações simbólicas do ambiente social, sua manipulação permite o estabelecimento de modelos comportamentais, a partir dos quais os membros da sociedade podem avaliar seu próprio comportamento e verificar o alinhamento entre eles. (MALINOWSKI, 2010). O autor utiliza-se das palavras de Bruner (1991) para explicar o comportamento das personagens, diz que resulta da mudança dos vínculos de estados intencionais.

Comenta Ferreira Netto (2008) que o sucesso ou o insucesso das ações das personagens estão associados às consequências emocionais dessas personagens, como

frustração, raiva, desejo, alegria, entre outras possibilidades, mesmo que estas não forem claramente demonstradas ou aparentes, podem ser previstas e virtualmente, experimentadas, como é demonstrado no conto, conhecido como A bela adormecida do bosque. No século XVII, Giambattista Basile apresenta um conto semelhante com o nome Sole, Luna e Tália, descreve as consequências emocionais dos personagens envolvidos: como o da rainha em função da raiva e frustração quando se vê ameaçada por Tália, em função da traição do Rei com Tália. A alegria de Tália nos últimos minutos por ser salva pelo Rei, e o castigo imposto à rainha.

Ferreira Netto (2008) com base em Vansina (2009) afirma que embora existam semelhanças nas narrativas, há um ponto que se diferenciam: o comportamento dos personagens quanto aos procedimentos de valores. O conteúdo dessa parte é baseado em narrativas com exemplos sobre o comportamento das personagens nelas envolvidos.

A substituição dos meios de comunicação, Ferreira Netto (2008) se baseia na proposição de McLuhan (2007) de que os meios podem acumular-se, formando meios cada vez mais complexos, em que estes podem ser diferenciados por meios de nível alto e nível baixo os quais são citados na parte III deste livro. Estes níveis são apresentados com fins puramente explicativos. Ressalta o autor que o nível alto e baixo permite uma gama muito grande de níveis intermediários, e que em todos esses níveis, o procedimento para mudança tem o mesmo princípio da formação em camadas, cujas novas características decorrem do acréscimo ou da supressão de características do nível sobre o qual se construiu o novo meio. Cita a narrativa grega Bóreas e o Sol, compilada por Esopo e a narrativa taulipang Onça e Chuva, compilada por Koch-Grünberg, como exemplos para ilustrar o tipo de mudança nas narrativas a partir do cotejo de cada narrativa.

Ainda, Ferreira Netto (2008) trata da mudança tecnológica que promove o desenvolvimento de novos papéis sociais com base em Reis (1998), quando relata as mudanças a partir da interferência da televisão. Descreve situações ocorridas na cidade de São João de Pirabas, enfatizando as relações sociais mantidas pelo contato interpessoal entre os habitantes. Durante à noite, os moradores jovens da cidade participavam de uma atividade externa que chamavam de movimento. Essa situação foi modificada e houve mudanças de hábito por causa da televisão. Aponta algumas situações em que essa interferência produziu transformações, como o caso de uma empregada doméstica que optou por um emprego em Belém, pela possibilidade de mudança para a cidade grande; do rapaz que optou por uma carreira fora da cidade, pois devido a sua formação escolar, não iria querer um emprego como

pescador, além da interferência no modo de vestir de cada um. Portanto, o processo avaliativo ocorrido nos padrões comportamentais dos moradores se deu a partir da presença da televisão na cidade.

Ferreira Netto (2008) finaliza este item observando que os meios de informação referidos no trabalho de Reis acumulam pelo menos dois outros: o gênero televisivo e a teletransmissão por ondas eletromagnéticas de sons e de imagens simultaneamente, apesar de serem fenômenos que possam ser tratados com independência, não é possível desvinculá-los entre si, pois uma interferência na transmissão das ondas eletromagnéticas interfere diretamente no resultado no processo. No entanto, o gênero televisivo novela não interfere na transmissão.

3 CASUÍSTICA E MÉTODOS

3.1 Área da Pesquisa

Manaus, capital do Estado do Amazonas, localizada à margem esquerda do Rio Negro, dista 18 km do encontro das águas dos rios Negro e Solimões. A área desse município é de 11.401,06 km², inserido na parte oeste da Amazônia, considerada a Metrópole da Amazônia Ocidental. Em relação ao nível do mar, está a 44,99 metros de altitude. Ocupa o quarto fuso horário ao oeste de Greenwich Meridian Time (GMT), correspondendo quatro horas a menos em relação à hora local de Londres e uma hora a menos das demais capitais brasileiras, com exceção ao Acre, que está duas horas a menos. O clima predominante é o equatorial, quente e úmido. A região possui duas estações: verão com menos chuvas e inverno com mais chuvas. A temperatura média anual de 26,7°C, variando entre 23,3°C e 31,4°C. A umidade relativa do ar varia em torno de 80% e a média de precipitação é de 2.286mm.

3.2 Histórico da população

O *corpus* deste trabalho é constituído por narrativas de pessoas que, normalmente, vem de outros municípios do Amazonas ou de outros Estados da Federação, especificamente do nordeste em busca de oportunidades de trabalho.

O movimento migratório na região ocorreu em vários momentos na história do Estado, mas dois períodos se destacam, porque a cidade e o Estado sofreram grandes transformações políticas, sociais e econômicas.

O primeiro período, conhecido como áureo da borracha, ocorreu no final do século XIX e começo do século XX; e o segundo, o advento da Zona Franca de Manaus iniciou em 1969 e se estende até a data atual, quando o pólo industrial tem sido o atrativo para as pessoas que aqui se dirigem. Segundo o censo IBGE (2010), Manaus possui uma população de 1.802.525 habitantes.

A Amazônia, da qual o Amazonas faz parte, é uma região que desde a época das grandes navegações é cobiçada por suas riquezas naturais, sua biodiversidade e, também, por seus segredos milenares no conhecimento de ervas e plantas.

Muitos estrangeiros passaram por aqui, dentre esses, os espanhóis foram os primeiros a percorrerem a imensa floresta. Precedendo Cabral, o espanhol Vicente Yañez Pizón, em fevereiro de 1500, foi o primeiro a passar pela foz do rio que denominou de Marañon e, mais tarde, Orellana, de rio Amazonas. Antes os indígenas o chamava de rio Parauassu e o Visconde Onffroy du Thoron descobriu que o verdadeiro nome era Soliman, tirado de uma grande tribo assim chamada ao oeste do Pará (Aranha *apud* Souza, 2000).

Relatos de cronistas como Cristóbal de Acuña e Frei Gaspar de Carvajal mostram que os espanhóis vieram à Amazônia para conquistar o país do El-Dorado e a Terra da Canela, em busca de ouro e de especiarias. Ao chegar, encontraram uma terra densamente povoada. Carvajal faz referência ao encontro do rio Negro com o rio Solimões e da descoberta de uma fortificação feita de tronco de árvores onde travaram combate com os habitantes e recolheram alimentos.

Seguindo o rio Solimões (Amazonas) Pizón o chamou de Mar Dulce, por sua grandeza. Em 1541, Orellana, outro expedicionário, na foz do Nhamundá, afluente do Amazonas, quando conheceu as mulheres guerreiras, as Amazonas, que segundo a narração, eram mulheres alvas e altas com os cabelos compridos, musculosas, andavam nuas, usavam somente arcos e flechas, eram fortes – uma valia por dez homens na guerra; usavam homens somente para o acasalamento e quando ficavam grávidas, se o bebê fosse mulher, elas criavam, se fosse homem matavam ou devolviam ao pai. Essas mulheres eram ferozes, combateram Orellana, mas quase foram dizimadas por este, recolheram-se para o interior da região e nunca mais foram vistas.

A região foi cobiçada e dominada por portugueses que lutaram com outros expedicionários europeus, como os espanhóis e os franceses, que desejavam o território considerado rico e exótico.

O Amazonas, último trecho da conquista lusitana no extremo-norte, prepondera, aquela época, épico como feito sem símiles na luta contra as ameaças permanentes das incursões aventureiras de ingleses, irlandeses, holandeses e franceses na pilhagem de terras do Rio Mar. E foi nessa valentia que o famoso Pedro Teixeira reconheceu, por ordem do então governador do Maranhão, Jacome Raimundo Noronha, em 1637, até o Napo, no Peru, toda a atual chamada Amazônia Ocidental. (SOUZA, 2000, p.383).

Os portugueses fundaram em 1616, o Forte do Presépio, hoje, Belém, capital do Estado do Pará. Na época, o forte era capital da “Feliz Lusitânia”, designação da região amazônica. Depois criaram as províncias do Maranhão e do Grão Pará, ficando consolidada a dominação dos portugueses na região. O Amazonas, nesse período, era território anexado ao Grão-Pará. No entanto, o governo português querendo salvaguardar a região, ergueu uma capela – Nossa Senhora da Conceição – cujo objetivo era catequizar os índios, mas o povoado cresceu, surgindo a Vila de Manaus. Antes de ser elevada à categoria de cidade, Manaus recebera os nomes de Fortaleza de São José da Barra do Rio Negro, depois Capitania de São José da Barra do Rio Negro, Vila da Barra e Cidade da Barra do Rio Negro. O nome Manaus é uma homenagem à etnia Manaós, que habitava a região.

Após a colonização, a migração ou mobilização da população amazônica, fenômeno natural entre os humanos, aconteceu por diversas vezes, mas dois desses movimentos são importantíssimos para o Amazonas: o *boom* da borracha e a Zona Franca de Manaus.

Durante o Ciclo da Borracha, no final do século XIX, o Brasil era o maior exportador da *hevea brasiliensis*, matéria prima coletada principalmente nos grandes seringais do Amazonas, que sofria alterações químicas e, depois, enviava-se para as fábricas de automóveis americanos.

O primeiro Ciclo começou em 1879 e terminou em 1912, quando houve a migração de nordestinos, principalmente vindos do Ceará, que vinham em busca de trabalho. Aqui, foram explorados e, alguns, perderam a vida nos seringais por causa da malária e outras doenças tropicais. Em 1907, iniciou-se a construção da ferrovia Madeira – Mamoré, na tentativa de integrar a Amazônia ao mercado mundial através da comercialização do látex, todavia seis mil trabalhadores morreram vitimados por doenças, como a malária. Em 1912, houve a inauguração da ferrovia, mas esta não mais atendia ao propósito inicial, que era escoar produtos da região Amazônica para portos do Atlântico, visto que o preço do látex caiu no mercado europeu e no norte-americano, decorrente do plantio da *hevea* no Ceilão e na Malásia. A mudança de produtor permitiu que a comercialização da borracha saísse do Brasil

para a Inglaterra, uma vez que esta passou a redistribuir para os grandes mercados de consumo.

O *boom* do Ciclo da Borracha proporcionou a Manaus um período de prosperidade. A cidade cresceu e, em virtude da opulência que se praticava aqui, foi chamada de *Paris dos Trópicos*. Nessa época, casas suntuosas foram construídas, prédios públicos como a Alfândega, a ponte Benjamim Constant, o Teatro Amazonas, local onde a sociedade transitava para assistir óperas, como Souza (1994, p. 143) narra:

O poderio econômico da borracha foi capaz de tentar a elevação do nível educacional, criando no Amazonas a primeira universidade brasileira, a Escola Universitária Livre de Manaus, e de buscar expressão na mais moderna e dispendiosa forma de arte de seu tempo, o cinema.

A extração do látex fez com que Manaus tivesse sua renda per capita duas vezes maior do que a região produtora de café que abrangia os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

As pessoas que vieram para trabalhar na extração do látex ficaram conhecidas como soldados da borracha. Ao chegar, compravam os equipamentos de extração, roupas, mantimentos e outros gêneros de primeira necessidade através do sistema de aviamento, ou seja, todo látex extraído por eles era dado ao seringalista em troca das compras realizadas. Isso fez com que devessem aos seringalistas, por isso, muitos foram caçados como uma espécie de desertor, quando tentassem sair do seringal. Esse período ocorreu no final do século XIX e começo do século XX.

No início do século XX, o extrativismo do látex entrou em declínio, a Paris dos Trópicos – Manaus – viveu um período de esquecimento e isolamento do cenário nacional, porque a atração econômica não mais existia.

O Brasil, na década de 60, era governado por militares que adotaram medidas para ocupar e desenvolver a Amazônia, foram estratégias político-militares de integração nacional e salvaguarda da fronteira brasileira. Dentre essas, foi criada a Zona Franca de Manaus com intuito de trazer novos estímulos econômicos a região que caíra no ostracismo, após o declínio da borracha. Esse advento deu origem ao segundo movimento populacional, ou seja, o êxodo daqueles que outrora participaram “da penetração de nossas matas, desde a margem dos rios até as lindes fronteiriças, ajudando a balizar com sua presença e denodo exemplificante, a ocupação daqueles rincões pátrios” (SAMICO 1997, p.24).

A Zona Franca nasce, portanto, da necessidade de se povoar a região, dotando-a com meios e infraestrutura para atrair força de trabalho.

A estratégia empregada para implantar uma zona franca na cidade de Manaus foi sustentada por duas vertentes: política, no intuito de integrar a Amazônia ao Brasil e aumentar a proteção das fronteiras, e econômica, desenvolver uma economia sustentável, transformando Manaus em polo de produção de bens de consumo duráveis para todo o país. (ANDRADE, 2012, p.88)

Integrar para não entregar era o slogan do governo da época. A região mais cobiçada por outras nações vivia no ostracismo, precisava de estratégias que a motivassem economicamente. Foi mediante tal situação que o governo brasileiro criou a Zona Franca na perspectiva de conseguir mudar o panorama de apatia que a região estava submersa. Conforme a descrição de Souza (2000, p. 762), a renovação da antropologiageourbanística em decorrência da implantação da Zona Franca, com gente de todas as latitudes, todos os credos e todas as raças, em busca de melhores condições de trabalho e de condições de vida.

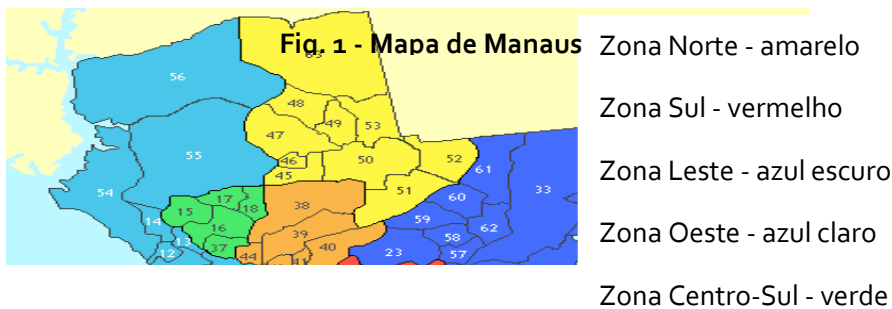
Em 1967, com a instalação da Zona Franca de Manaus, iniciou-se o terceiro ciclo econômico do município (Decreto – Lei n°.288/67, ratificado pelo Decreto Lei n° 1.4555/75), que regulamentou a concessão de incentivos fiscais em níveis federal, estadual e municipal, trocando, substancialmente, a estrutura do setor secundário do Estado e garantindo a implantação de um grande parque industrial. “Manaus tem hoje os seus pólos industriais da Zona Franca de Manaus em plena expansão, mesmo com a nova política de abertura de importações e globalização econômica que induziram a modernização e melhoria da competitividade de suas empresas e produtos” (BENCHIMOL, 2009).

O desenho da cidade, suas proporções e o ritmo de vida evidenciam grandes transformações em sua área de ocupação. Os loteamentos para grandes condomínios fechados, as invasões e o uso inadequado dos recursos naturais têm promovido a degradação do meio-ambiente da região. Já não se trata da mesma cidade que havia há poucas décadas. E mais distante ainda se encontra daquela que teve imagens exibidas nos cartões-postais do início do século XX. Mesmo com tantas transformações impostas a Manaus, parte do centro antigo ainda guarda exemplares significativos do conjunto arquitetônico que instiga a memória de sua população. É crescente o interesse pela história dos prédios, significação de suas fachadas e função original, assim como pela concepção dos projetos e sua contextualização no cenário

nacional e internacional, no momento de sua construção (MESQUITA, 2009, p.23).

As grandes migrações na Amazônia estão agregadas às questões socioeconômicas, durante muitos anos o desenvolvimento da região esteve atrelado unicamente ao fornecimento de matéria prima mineral ou vegetal, em cada ciclo de desenvolvimento ao término vinha o declínio desses extravios e a região voltava a ficar estagnada. Com a Zona Franca, a questão social advinda das migrações, das políticas públicas, sociais e econômicas tem um aspecto conflituoso, pois os conflitos de interesses da massa populacional dividiram-se em classes sociais diferentes, com transformações, conquistas e perdas.

Manaus em 1970 tinha uma população de 321.125 habitantes, com a Zona Franca, ampliou esse número, tornando-se a 7ª cidade mais populosa do Brasil (1.802.525 habitantes - IBGE, 2010). Essa população distribui-se por 7 regiões: norte, sul, leste, oeste, centro-sul e centro-oeste. O crescimento deu-se a partir da zona Sul – região, onde se originou a cidade - mas é a zona Leste que se destaca pela extensão e pela população. A Lei 1.401 de 14 de janeiro de 2010 dividiu Manaus em 63 bairros e 7 regiões:



FONTE: <http://www.google.com.br/images?mapa+do+estado+do+amazonas>

Nos meados do século XIX, Manaus recebeu inúmeras visitas de viajantes naturalistas europeus que a descreveram, alguns, deram-na como primitiva, inóspita, outros narraram a beleza e o povo da região. A cidade que fora fundada em uma região recortada de igarapés, nos finais desse século, sofreu modificações em sua cartografia, porque os igarapés do Espírito Santo e dos Remédios foram aterrados, onde, hoje, está a parte da principal da avenida Eduardo Ribeiro e a Igreja Matriz.

Após o período áureo da borracha, a cidade sofreu com o esvaziamento, a população reduziu, as casas suntuosas foram abandonadas, a economia estagnou. Somente, em 1975, foi criado um Plano de Desenvolvimento Local Integrado que tinha como objetivo atender às necessidades da população e da cidade em 20 anos. Ao final desse período, o plano deveria ser revisto.

No centro da cidade, houve um crescimento das atividades informais, são diversos vendedores ambulantes, atuando em várias áreas do comércio, vendedores de comidas, de produtos eletrônicos, telefones celulares e até de vestimentas, consequências de vários fatores causados pela migração desenfreada e pela omissão do Estado no que diz respeito às políticas públicas para dar suporte à população que veio em busca de melhores condições de vida da que tinha em seu local de origem.

Segundo o IBGE (2010), a taxa de analfabetismo da população no município de Manaus atinge 3,8%, sendo que a faixa etária de 15 a 24 anos é de 1,2%; de 25 a 59 é de 3,2% e de 60 anos ou mais é de 16,7%. E, ainda, o número de pessoas alfabetizadas no referido município representa o maior em todo o Estado, totalizando 1.527.978 pessoas. Isso representa que Manaus é o município do Amazonas com maior índice de pessoas alfabetizadas.

3.3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada com pessoas letradas e não-letradas, residentes em Manaus, tem caráter descritivo com abordagem qualitativa. Descritivo, porque há a observação, o registro a análise e correlação dos fatos. Abordagem qualitativa porque a pesquisa é realizada com experiência de vida dos seus participantes.

Nesse sentido, a pesquisadora buscou pelos bairros de Manaus pessoas que quisessem relatar fatos vivenciados. Utilizando-se de um gravador marca Panasonic, participou-os sobre os procedimentos do trabalho: a gravação do que relatariam e, depois, para qual fim seriam usados os dados.

Entenda-se pessoa letrada, para efeitos desta pesquisa, como aquela que é alfabetizada e continua ou já finalizou seu processo de escolarização; e não-letrada como aquela que não foi à escola por motivos econômicos, políticos ou sociais. Isto ocorre, porque, na região, principalmente, para os indivíduos mais velhos a falta de escola em lugares onde residiam à época em que cotam suas narrativas não havia escolas ou alguns não tiveram condições financeiras para deslocar-se ao lugar, no qual a escola localizava-se.

Cada participante foi contatado pessoalmente, sendo convidado a participar da pesquisa. Pela natureza desta, não houve critérios de exclusão na seleção dos sujeitos participantes. Coletou-se dezesseis narrativas de cada grupo (anexo), mas as vinte primeiras (dez de pessoas letradas e dez de pessoas não-letradas) foram analisada com a finalidade de cumprir o objetivo específico da pesquisa que é de estimar se as pessoas ao organizarem os

pontos de vista que têm de si mesmas, dos outros e do mundo em que vivem, sofrem um processo interno conflituoso. A base dessa análise são os estudos labovianos sobre organização textual. Entre as pessoas letradas trabalhou-se com as que variavam o grau de formação e com as não-letradas, procurou-se trabalhar com aquelas que realmente não foram à escola.

3.3.1 Informantes

O contato inicial com as pessoas informantes que fazem desta pesquisa foi realizado pessoalmente, momento no qual solicitou-se alguns dados como nome, idade, grau de escolaridade, bairro onde moram e a disponibilidade para participar do estudo. O segundo contato foi no horário e local previamente combinados: as casas dos participantes, quando se direcionou perguntas para a obtenção de dados como nome, idade, bairro.

Em seguida, o pesquisador apresentou como seriam realizadas as gravações das narrativas. E os informantes narraram acontecimentos de vida, espontaneamente, sendo gravada na presença do entrevistador. O tema da narrativa ficou a critério dos participantes, isto é, eles escolheram o quê contar. O nome dos participantes foi omitido, denominados de participante 1, 2 etc. Para transcrever, seguiram-se as normas utilizadas dos inquéritos do Projeto NURC/SP.

A população informante pertence às classes-sociais D e E, de acordo com a terminologia do IBGE, portanto a renda média mensal varia entre 1 a 3 salários mínimos. A idade dessa população varia entre 21 a 75 anos.

4 ANÁLISE DO CORPUS

A amostra da presente investigação é constituída por 32 adultos, 14 do sexo masculino e 18 do sexo feminino com idades compreendidas entre os 20 e os 75 anos. Estruturou-se duas tabelas para visualizar a distribuição dos informantes que estão distribuídos por três grupos etários, de acordo com a terminologia do IBGE (15-24; 25-59; 60 ou mais) e por zona residencial (N, S, L, O, CS, CO). Quanto ao nível sócio-cultural definiu-se trabalhar com pessoas letradas, aquelas que concluíram ou estão por concluir o Ensino Médio ou o Ensino Superior; e os não-letrados, aqueles que não foram à escola.

As tabelas 1 e 2 abaixo apontam para um número maior de mulheres participantes, isso pode refletir os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014) que informa ter em Manaus o número de mulheres maior do que de homens. Outro dado

importante é o número de pessoas que nunca foram à escola na faixa de 61 anos a mais, parece coincidir com os do Instituto, uma vez que, segundo este, o número de pessoas que não tiveram acesso à escolaridade no Amazonas é de 367.000 pessoas, sendo que 27% são os que estão na faixa etária de 61 anos ou mais. Em Manaus, os números correspondem a faixa etária de 15 a 24 anos é de 1,2%; de 25 a 59 é de 3,2% e de 60 anos ou mais é de 16,7%.

Tabela 1 - Pessoas não-letradas

PESSOAS NÃO-LETRADAS											
Qtd	Sexo		Zona Residencial					Idade			
			N	L	O	CO	S	CS	15 a 24	25 a 59	60 ou mais
16	M	3	1	1	-	-	-	1	1	1	1
	F	13	3	5	1	-	-	4	-	5	8

Tabela 2 - Pessoas letradas

PESSOAS LETRADAS											
Qtd	Sexo		Zona Residencial					Idade			
			N	L	O	CO	S	CS	15 a 24	25 a 59	60 ou mais
16	M	6	1	1	-	1	-	3	1	5	-
	F	10	6	1	-	-	-	3	-	10	-

Quanto à zona residencial, os dados mostram que dos 32 informantes, 11 residem na zona Norte, 8 na Leste e 11 na Centro-Sul de Manaus. Isso aponta que em todas as regiões da cidade encontra-se tanto um grupo quanto outro. Confrontando a idade e grau de escolaridade, observou-se que, enquanto o número de pessoas não-letradas com 60 ou mais anos não têm grau de escolaridade; os letrados apresentam um crescimento de escolaridade, na faixa entre 25 a 59 anos, confirmando as informações do IBGE de que dos anos 70 até hoje, há um crescimento na escolaridade das pessoas (Censo Demográfico de 2010 do IBGE). Outro fator de destaque é que, no Amazonas, em 2004 a média de escolaridade era de 7 anos em 2009 evoluiu para 7,7 (<http://sigeam.prodam.am.gov.br>).

4.1 Organização textual

As narrativas são eventos que se desenvolvem como atos, nos quais o indivíduo narra os acontecimentos por ele vivenciado. Nos estudos das narrativas orais de experiências pessoais, Labov e Waletzky (1966) entendem que “as propriedades formais correspondem ao nível de referência dos acontecimentos, as propriedades funcionais correspondem à avaliação pessoal do narrador, seus interesses e seus motivos”.

As diferenças entre propriedades formais e funcionais foram estabelecidas por Labov e Waletzky (1972). Os estudos das propriedades formais permitem conhecer a estrutura interna da narrativa, visto que se refere à organização oracional e sequencial. Enquanto os de propriedades funcionais permitem conhecer o motivo pelo qual a narrativa é contada, isto é, evidencia a valorização que o narrador dá aos fatos narrados e a expectativa que cria para que o ouvinte continue a ouvi-lo.

As propriedades funcionais relacionam-se com a organização temporal e a estrutura: a primeira é constituída por sentenças sequenciais, sentenças livres, sentenças restritivas e sentenças presas, cuja ordem de sucessão é obrigatória; a segunda organiza-se em resumo, orientação, complicação, resolução e coda. Ao passo que as propriedades funcionais envolvem a avaliação, a relatabilidade, a credibilidade, a causalidade, a atribuição de elogio e de culpa, o ponto de vista e a objetividade.

4.1.1 Organização temporal e sentenças narrativas

A organização temporal da narrativa é constituída por sentenças narrativas, sentenças sequenciais, junturas temporais, narrativas mínimas:

- a) Sentença narrativa: é um conjunto de sentenças restritivas, presas e livres; é a base das sentenças sequenciais que apresentam relações temporais;
- b) Sentenças sequenciais: são as que se vinculam em uma juntura temporal e formam uma sentença narrativa;
- c) Juntura temporal – duas orações estão ordenadas temporalmente, mas a mudança nessa ordem resultará na mudança da interpretação semântica;
- d) Narrativa mínima - é a sentença narrativa constituída por duas sentenças que estão vinculadas em juntura temporal por meio do raio de ação (Labov, 1997).

As sentenças sequenciais são encabeçadas por verbos no tempo passado, modo *realis*, que “se vinculam numa juntura temporal, isto é, são aquelas cuja ordem de aparecimento

temporal está correlacionada à ordem de ocorrência dos eventos que apresentam” (Labov, 1997). Os verbos *realis* referem-se a eventos reais, que realmente ocorrem ou ocorreram. Enquanto os verbos *irrealis* referem-se a eventos que não ocorreram ou que não ocorrerão.

O narrador, ao expor suas experiências, organiza seu discurso em eventos em um conjunto temporal formado por sentenças presas, sequenciais e livres. A ordem das sentenças sequenciais ocorrem de acordo a ordem de ocorrência dos eventos; enquanto as livres estão desvinculadas de outras sentenças, todavia são inseridas entre as sequências para completar alguma informação na sequência narrativa. (Ferreira Netto, 2008).

Nesse sentido, uma narrativa obedece a uma sequência ordenada temporalmente, havendo, portanto, necessariamente duas cláusulas narrativas que devem estar ligadas por uma juntura temporal. Essa sequenciação define que todas as sentenças têm como característica o elo temporal, ou seja, consistem em orações ordenadas temporariamente. A organização há as sentenças que são presas, exceto a primeira e a última. Estas estão ligadas à sentença antecedente e à subsequente, por isso são denominadas de *sentenças restritivas*. E, ainda, as séries de sequências existentes são constituídas pelas sentenças livres, que não estão vinculadas em uma juntura temporal para formar a sentença narrativa, mas estão inseridas para complementar as informações.

O eixo narrativo é constituído por uma sucessão de orações, que seguem uma sequência cronológica dos eventos que supostamente ocorreram e que são organizados pelo indivíduo que atribui significado às suas experiências ao utilizar de mecanismos de descrição, comentários, explicações e julgamentos, isto é, o tecido narrativo se constrói obedecendo a ordem dos eventos.

Estruturalmente as narrativas apresentam uma série de eventos, ordenados e organizados de forma temporal ou sequencial, que corresponde à sequência de eventos ocorridos e vivenciados pelos narradores. As narrativas são construídas na relação e correlação com o outro, quando o indivíduo organiza o significado e o conhecimento que constrói sobre si e o mundo.

A ordem das sentenças obedece à ordem cronológica dos eventos ocorridos. De acordo com os quadros abaixo, as narrativas apresentam sentença restritiva que se localiza como cabeça de uma sentença narrativa, presa somente à subsequente e a última, presa a antecedente. Além disso, há as sentenças sequenciais que segundo Netto (2008, p. 42) “definem o raio de ação, isto é, constituem o esqueleto da narrativa. E as sentenças livres não

estão vinculadas em uma junção temporal, formam uma sentença narrativa, mas podem ser inseridas entre as sequenciais formadas no modo *realis*”.

Na organização temporal das narrativas estudadas, há sentenças sequenciais (SS), sentenças restritivas (SR), sentenças livres (SL). As sentenças sequenciais vinculam-se em uma junção temporal, isto é, a ordem de aparecimento temporal desta implica na ordem de ocorrência dos eventos, conseqüentemente, são chamadas de sentenças presas. As sentenças restritivas são as que formam o resumo, a orientação, a ação complicadora e a coda. Enquanto as sentenças sequenciais constituem o fio narrativo e as sentenças livres são as que enriquecem e dão veracidade ao discurso. Na verdade, elas são inseridas entre as sentenças sequenciais, independentemente para complementar as informações.

As tabelas abaixo descrevem os tipos e a quantidade de sentenças que constituem a sentença narrativa.

4.1.1.1 Tabela 3 - Pessoas não-letradas

Narrativas	Sentenças	Linhas
1	Restritivas	1 e 30.
	Sequenciais	5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 23, 24, 26, 28 e 29.
	Livres	2,3,4, 12, 14, 16, 17, 18,19, 20 21, 22, 25 e 27.
2	Restritivas	1 e 96.
	Sequenciais	3, 15, 16, 18, 19, 24, 30, 32, 33, 34, 35, 41, 42, 43, 45, 47, 50, 51, 53, 54, 56, 59, 62, 63, 66, 67, 68, 73, 79, 81, 82, 84, 85 e 93.
	Livres	2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 46, 48, 49, 52, 55, 57, 58, 60, 61, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94 e 95.
3	Restritivas	1 e 39.
	Sequenciais	2, 3, 4, 17, 20, 21, 27 e 29.
	Livres	5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38.
4	Restritivas	1 e 22.
	Sequenciais	2, 3, 4, 8, 10, 11 e 13.
	Livres	5, 6, 7, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 23.
5	Restritivas	1 e 42.
	Sequenciais	2, 9, 12, 14, 17, 18, 20, 25, 27, 34, 39 e 40.
	Livres	3, 4, 5, 6, 7, 8, 10,11,13, 15, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39 e 40.
6	Restritivas	1 e 35.
	Sequenciais	4, 6, 12, 13, 15, 17, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32 e 33.
	Livres	2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26 e 34.

7	Restritivas	1 e 42.
	Sequenciais	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 20, 28, 29, 30, 33, 34 e 36.
	Livres	12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 35, 37, 38, 39, 40 e 41.
8	Restritivas	1 e 28.
	Sequenciais	11, 12, 16, 20, 21, 22, 24, 26.
	Livres	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 25 e 27.
9	Restritivas	1 e 27.
	Sequenciais	4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 20.
	Livres	2, 3, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24 e 25.
10	Restritivas	1 e 23.
	Sequenciais	2, 3, 4, 10, 12, 16, 17, 18, 19 e 20.
	Livres	5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 21 e 22.

4.1.1.2 Tabela 4 - Pessoas letradas

Narrativas	Sentenças	Linhas
1	Restritivas	1 e 16
	Sequenciais	4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15.
	Livres	2, 3, 11 e 12
2	Restritivas	1 e 23
	Sequenciais	2, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 19
	Livres	3, 6, 7, 13, 16, 17, 18, 20, 21 e 22
3	Restritivas	1 e 32
	Sequenciais	3, 4, 5, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29 e 30
	Livres	2, 7, 9, 11, 13, 15, 18, 22, 23 e 31
4	Restritivas	1 e 38
	Sequenciais	2, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 24, 25, 26, 27, 30 31, 32, 33, 34, 35, 36 e 37
	Livres	3, 4, 8, 9, 19, 21, 22, 23, 28 e 29
5	Restritivas	1 e 16
	Sequenciais	5, 6, 7, 10, 11 e 12
	Livres	2, 3, 4, 8, 9, 13, 14 e 15
6	Restritivas	1 e 13
	Sequenciais	5, 6, 7, 8, 9, 10 e 12
	Livres	2, 3, 4 e 11
7	Restritivas	1 e 21
	Sequenciais	3, 4, 5, 6, 7, 8, 11 e 17
	Livres	2, 9, 10, 12,, 13, 14, 15, 16, 18 e 19
8	Restritivas	1 e 82
	Sequenciais	7, 8, 9, 10, 13, 15, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 28, 30, 32, 36, 39, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79 80
	Livres	2, 3, 4, 5, 6, 12, 14, 16, 17, 19, 24, 25, 27, 29, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 43, 45, 46, 50, 51, 55, 56, 65, 67, 70, 71, 78 e 81
9	Restritivas	1 e 64
	Sequenciais	3, 5, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 37, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55 e 56
	Livres	2, 4, 6, 7, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 32, 34, 35, 36, 38, 42, 43, 47, 57, 58, 59, 60, 61, 62 e 63
10	Restritivas	1 e 34
	Sequenciais	6, 7, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 25, 27, 32
	Livres	8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 33

4.1.2 Narrativas de pessoas não-letradas:

1ª Narrativa

Do ponto de vista da estrutura organizacional, a 1ª narrativa apresenta as proposições de Labov (1997): orientação, complicação, resolução e coda. Não está presente a sentença resumo que para o referido autor é uma sequência livre e inicial, mas opcional. Nesta, a narradora-enunciadora relata as mudanças que ocorreram em sua vida, após a separação matrimonial, transparece, no percurso narrativo, um ar de saudosismo por tudo que vivenciou.

A narradora-enunciadora conta que morava em uma comunidade interiorana “no Mentembol...a gente vivia uma vida...assim...tão boa...//e criava galinha...//e criava pato...//vivia uma vida sossegada, num sabe?” desloca-se para outro município até chegar em Manaus. Esse trecho corresponde à orientação, momento no qual a narradora responde o quê? Onde? Quem? Nessa sentença, verifica-se o uso da locução adverbial de lugar, recurso para localizar no tempo a narrativa. Uso do conector “e” que serve para acrescentar informações novas, indicando progressão na narrativa. Além de verbos no pretérito imperfeito, pretérito perfeito e presente para trazer ao presente o modo de vida que ocorrera em um determinado intervalo de tempo passado. Há, também, a hesitação e o uso do advérbio de intensidade “...assim...tão boa”. O marcador pós-posicionado “num sabe” mostra que a narradora-enunciadora quer orientar o ouvinte sobre a continuidade do discurso.

Em seguida, tem-se a ação complicadora que inicia com as sequências “(5) aí::foi o tempo... que abriu falência e (6) e nós viemo:: pra:: Presidente Figueredo estão em juntura temporal, a inversão destas acarretará mudanças de significação. Do mesmo modo, responde a pergunta *Então o quê aconteceu?*, encaminhando-se para o ápice da narrativa, o abandono do marido (7) aí:: não deu mais certo...// (8) o homem:: marido:: endoidô::// (9) me deixô:::”. Em seguida, a autora veio para Manaus “(10) e::vim me embora pra cá::...pra casa da Rocineide::...; infere-se que veio para Manaus por causa do advérbio de lugar cá. Explica que veio para casa da amiga e depois conseguiu construir a sua casa, em um bairro da zona Leste da cidade “(11) na casa da Rocineide...nós conseguiu fazê a m̃a no São José IV”; e, logo após viaja para o estado do Acre “ (13) também de lá:: a Rocineide me convidô pra ir pro Acre// (15) daí eu foi pro Acre// (23) aí::: depois passei um ano lá::”. Ainda, fazendo parte da complicação tem-se das linhas 9 a 19, “também de lá a Rocineide me convidô pra i pro Acre...//daí eu foi pro Acre...// lá era muito bom...//dá sol::...dá sol::...dá sol::...dá::...//aquela quentura::...demora vem a friagem...//e aquilo passa semanas...assim de frio::...//uhn:::

caramba:: é tão bom (risos)//passa calô:... passa tudo://e mais quem pede o calô:: oh::meu Deus...//aí:: depois passei um ano lá://aí::vim me embora pra cá::”.

Finalmente, os eventos que marcam a resolução “(24) vim me embora pra cá:// (26) ganhei um quarto...// (28) comprei um guarda-rôpa...// (29) comprei umas coisinha aí pra mim...” após a separação e das viagens empreendidas, volta para Manaus e se acomoda. Todos eventos são constituídos por verbos no modo *realis* que compõem o fio central da narrativa.

As sequências (1) “no Mentembol...a gente vivia uma vida...assim...tão boa...” e (30) “tá bom ...bom::... chega...”. são sequências restritivas, visto que a primeira está presa a sentença subsequente e a última fecha a narrativa.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	No Mentembol...a gente <u>vivia</u> uma vida...assim...tão boa...	Orientação
2	SL	e <u>criava</u> galinha...	
3	SL	e <u>criava</u> pato	
4	SL	<u>vivia</u> uma vida sossegada, num sabe?	

5	SS	aí:: <u>foi</u> o tempo... que abriu falência	Complicação	
6	SS	e nós <u>viemo</u> :: pra:: Presidente Figueredo		
7	SS	aí:: não <u>deu</u> mais certo...		
8	SS	o homem:: marido:: <u>endoidô</u> ::		
9	SS	me <u>deixô</u> :::		
10	SS	e:: <u>vim</u> me embora pra cá::...pra casa da Rocineide::...		
11	SS	na casa da Rocineide...nós <u>conseguiu fazê</u> a mīa no São José IV		
12	SL	nós <u>vivia</u> tão bem		
13	SS	também de lá:: a Rocineide me <u>convidô</u> pra ir pro Acre		
14	SL	daí eu <u>foi</u> pro Acre		
15	SL	lá era muito bom		
16	SL	dá sol::...dá sol::...dá sol::...dá:: aquela		
17	SL	quentura::...demora:: vem a friagem...		
18	SL	e aquilo passa semana...assim...de frio::		
19	SL	uhn::: caramba::...é tão bom (risos)		
20	SL	passa calô::... passa tudo::		
21	SL	e mais quem pede o calô:: oh::...meu Deus...		
22	SS	aí:: depois passei um ano lá::		
23	SS	aí:: <u>vim</u> me embora pra cá::		
24	SL	graças a Deus::...tô bem aqui...		Resolução
25	SS	ganhei um quarto...		
26	SL	têũ minha cama...		
27	SS	comprei um guarda-rôpa...		
28	SS	comprei umas coisinha aí pra mim...		
29	SR	tá bom ...bom::... chega.	Coda	

2ª Narrativa

Nesta, a narradora-enunciadora relata como conheceu e casou, mas durante a vida matrimonial, aconteceram várias mudanças em sua vida. Ela que inicialmente morava em Manaus, depois migrou para o interior e vários eventos ocorrem até ela voltar e fixar residência na cidade.

A narrativa inicia com a orientação, não há resumo, portanto a narradora responde o quê? Onde? Quem? nas sentenças (1) “naquele tempo:: não tinha nome não::...igual... // na Redenção... (2) antigamente era a Redenção...Planeta do Macaco...”, momento no qual ela utiliza-se de verbos *irrealis* (pretérito imperfeito) e da locução adverbial “naquele tempo” para informar ao ouvinte que o bairro, onde mora, antes de ter o nome atual Redenção era conhecido por Planeta dos Macacos.

A narrativa apresenta vários eventos: o rompimento da relação amorosa do pretendente a marido; a união deles; a mudança de moradia; o incêndio; outra mudança e, finalmente, ela diz não ter estudo, mas que consegue localizar-se na cidade, nas linhas (12 A 89) “eu era menina ainda...//ele tava noivo com mulher...//tava noivo pá casarem... //a noiva dele botô chifre mole...//quando ele chegô na festa...//ela tava na rede com otro namorando...”. Ela utiliza-se do discurso indireto para contar outra história a que ouvira do marido “ele me contô...//e foi assim”. Em seguida, conta que, ainda, menina foi morar com o rapaz que conhecera, além de discorrer os diversos locais por onde morou “é longe ainda...//eu era menina...//tava com 15 anos...//era menina ainda...//nós fomo morar lá pro Juruá...//nós morava no rio Javarino... Benjamin Constant...depois Boca do Jutá... rio Memeirua... fica na Boca... assim... quase perto da Boca do Juruá...lá tinha muito pêxe-boi...do Juruá...”. Também relata que antes de casar “eu veio pru Peru...a fim da Augusta vendê terreno grande na bera do lago... barracão...do Peru...//nós fomo pro Pesqueiro ...//do Pesqueiro pra cima nós mora no terreno do seu Carlos...a cunhada do Hermógenes...//nós fez a casa na bera do garapé...da Ressaca...//nós fomo para o Calado... na fazenda do seu Francisco...//já morreu...o seu Francisco e a Lucila Praiana...onde morei mais tempo aqui no Calado...//nós já tinha terreno... um terreno eu lá pra dentro...//tinha bicho... enchia a canua de ovo de tracajá...// tinha a promessa do Epaminondas... irmão de Hermógenes... por parte de mãe...//tinha festejo três dias rezando em festejo de maio:://pessoal fazia promessa...”. Há nesse relato uma descrição rica de informações que, às vezes, parece confundir o ouvinte, mas para quem é da região, tudo que foi contado faz parte da vivência do homem interiorano, como por exemplo, o andar inquietante do interiorano, isto é, as mudanças constantes; “tinha bicho... enchia a canua de ovo de tracajá”.

Dando continuidade, ela inicia uma sentença e, em seguida, suspende a informação para relembrar quando ficou com o marido, novamente usa como estratégia o discurso indireto “lembreu...”. aqui ela utiliza o recurso que Bruner (1991) chama de *flashback* é um retrospecto, prosseguindo “ele perguntô...//se eu queria namorá com ele...//eu disse...que não...

sabia...//aí...ele foi atentando...//o Aluízio mandava muita carta pra mim...//a sobrinha do Hermógenes... a Edite... lia”. Depois, conta o motivo pelo qual o casal mudou-se para capital do estado. O marido bêbado incendiou a casa. Colocara uma vela próxima ao botijão de gás “eu vim pra Manaus...//e não queimô a nossa...//o Hermógenes estava bêbado...//e colocô a vela perto da botija de gás...//ele mandô:://o João quebrá burbuleta...//queimô a casa dele...//recreio encostava lado lá...//eu tinha loiça, loiça...//queimô tudo...//já tinha... tudinho já...//eu queria... que tu vê...a espingarda de matar paca...//começô a atirá sozinha...//ningueim ajudô nada não...”. A vinda para Manaus teve a ajuda de uma amiga que mandou buscá-los para residir na capital “uh não sei bem quantos ano...//eu não me lembro...//a Tereza mandô buscá...//aí eu disse assim...//a Tereza mandô buscá vocês...//ela vai alugá um quarto pra vocês...//eu não queria vi...//queria tirá madeira...//fazê tua casa...//viemo durmino...//ele no Buriti...foi morá no terreno do deputado Belo...//eu num sei...//se ele ainda está vivo...//era só pro Hermógenes zelá a Igreja...//o Hermógenes é o zeladô da Igreja...//o senô que ajudô a fazê a construção, a levantá a igreja...//depois fizeram o colégio do mudo:: escola estadual Felipe Smaldone...”.

Em Manaus, o esposo começou a trabalhar em um bairro que, na época, estava se formando, por isso ela diz que não tinha nada, nem escolas “aí seguno cheguemo...//lá não tinha nada...//depois fomo pros franceses...//moremo lá com a Ana (filha)//não tinha escola nesse tempo...//tinha uma menina que queria... assim...//mas não tinha colégio... eu num sei escrevê...não sei lê...”.

Na resolução (linhas 90 a 94), ela aborda que não sabe ler nem escrever, mas que se localiza ou circula no local, onde mora, por ler outros signos como cores de ônibus, distinguir as pessoas que trabalham, o supermercado etc. “é o chofé... a farda... a cascavel...//a gente sabe assim...//o nome do ônibus que vai...//aí...pergunte...quer então...//assim... fica na frente do supermercado”. Finaliza com “aí... a gente já sabe o ônibus que passa lá”.

Em seguida, a narradora desenvolve a complicação (linhas de 3 a 89). O início dá-se com as sequências (3) “eu não fiquei logo em Manaus... (4) porque nós morava lá no Calado::...Boca do Jutá::...”, quando a narradora-enunciadora utiliza um verbo *realis*, no pretérito perfeito (fiquei) para demonstrar o quê de fato ocorreu e, logo em seguida, justifica a razão pela qual não ficou na cidade, para isso, utiliza-se do elemento avaliativo explicativo “porque”, pelo qual a narradora evidencia a prova do porque não ficara em Manaus. Após o momento inicial, as sequências que descrevem os eventos relacionados à percepção da realidade. São sentenças sequenciais marcadas pelo verbo *realis* (pretérito perfeito), cuja

ordem obedece, realmente, a ordem dos eventos(15) “a noiva dele botô chifre mole...(16) quando ele chegô na festa...(18) ele me contô...(19) e foi...assim... (24) nós fomo morá:: lá:: pro Juruá::(28) do Juruá...antes de casá::eu veio pru Peru...(30) nós fomo pro Pesquero...(32) nós fez a casa na bera do garapé...da Ressaca...(33) nós fomo para o Calado... na fazenda do seu Francisco...(34) já morreu...o seu Francisco e a Lucila Praiana...(35) onde morei mais tempo aqui no Calado...” a narradora-enunciadora conta de como conheceu seu marido, da sua pouca idade que tinha e nos lugares por onde passou, no interior da Amazônia. Ao iniciar o evento, conta que o marido dirigia-se para o barco, o interionano chama de “motor”. Prosseguindo, ela ia iniciar outro evento (41) “aí ele foi lá:: no motô:: comprá::”, mas faz uma interrupção (42) “lembreu...(43) ele pergunto::(47) aí...ele foi atentando....(50) eu vim pra Manaus...” para complementar as informações anteriores sobre seu relacionamento. Novamente introduz o evento, no qual relata que perdeu tudo, porque o marido que bebera, acabou por provocar um incêndio que fez com que perdesse tudo que possuía (51) “e não queimô a nossa...(53) e colocô a vela perto da botija de gás...(54) ele mandô::, (56) queimô a casa dele...(59) queimo:: tudo....(62) a espingarda de matar paca...começo:: a atirá:: sozinha...(63) ninguém ajudô:: nada não...”, e que uma amiga, ao ver a situação mandou buscá-los (66) “a Tereza mandô:: buscá...(68) a Tereza mandô buscá vocês...(73) viemo durmino...”.

Ao chegar em Manaus, o marido foi morar em um local, pertencente ao deputado pelo estado do Amazonas, ao mesmo tempo que informa ao ouvinte que esse deputado construiu, na referida localidade, uma igreja e uma escola para deficientes (74) “ele no Buriti...foi mora:: no terreno do deputado Belo...(79) o senhô que ajudô a fazê a construção, a levantá a igreja...(80) depois fizeram o colégio do mudo:: escola estadual Felipe Smaldone...”. Por fim, ela relata sobre o bairro que, na época chamavam de Franceses e, hoje, Planalto, onde foi morar com a filha (81) “aí seguno cheguemo...(83) depois fomus pros franceses...”, (85) moremo lá:: com a Ana (filha)”.

Entre essas linhas, encontram-se as sentenças livres, que constituem-se em estratégia caracterizada por Labov (1972) de avaliação, cujos verbos apresentam-se no presente, no pretérito imperfeito, no infinitivo e no gerúndio. A articulação verbal nessa narrativa mostra a escolha que a narradora fez para indicar seu ponto de vista em relação ao fato narrado, como exemplo o uso de verbos no pretérito perfeito –*realis*- para indicar a realidade do contexto, demonstrado aqui, somente, pelo modo indicativo do tempo pretérito perfeito, presente e pretérito imperfeito como em (5) “que agora é cidade...(6) naquele tempo... era uma vila...

agora... Atalaia do Norte...(7) não conheço nenhum parente:: por parte do pai e da mãe::...(8) meu parente do Juruá:: é parte do marido::...(10) parece que um irmão que moro lá pra cima: (11) morava lá pru Japurá::...(12) esse que é lá no Bom Futuro que é na cidade... no Juruá: (13) eu era menina ainda...(14) ele tava noivo com muié::...(17) “ela tava na rede com outro namorando...(20) é longe ainda...(21) eu era menina...(22) tava com 15 anos...(23) era menina ainda...(25) nós morava no rio Javarino... Benjamin Constant...(26) depois Boca do Jutai... rio Memeirua:: fica na Boca...assim... quase perto da Boca do Juruá...(27) lá tinha muito peixe-boi...(29) a fim da Augusta vende:: terreno grande na bera do lago... barracão...do Peru...(31) do Pesquero...pra cima nós mora no terreno do seu Carlos...a cunhada do Hermógenes...(36) nós já tinha terreno...um terreno...eu lá pra dentro...(37) tinha bicho...enchia a canua de ovo de tracajá...(38) tinha a promessa do Epaminondas...irmão de Hermógenes por parte de mãe...(39) tinha festejo três dias...rezando em festejo de maio...(40) pessoal fazia promessa...(44) se eu queria namorá:: com ele...(45) eu disse...(46) que não... sabia...(48) o Aluizio mandava muita carta pra mim...(49) a sobrinha do Hermógenes... a Edite... lia...(52) o Hermógenes estava bêbado...(55) o João quebrá burbuleta...(57) o recreio encostava lado lá::(58) eu tinha loiça...loiça...(60) já tinha... tudinho já...(61) eu queria que tu vê...(62) a espingarda de matar paca...começo:: a atirá:: sozinha...(64) uh:: não sei bem quantos ano...(65) eu não me lembro...(67) aí eu disse assim...(69) ela vai alugá um quarto pra vocês...(70) eu não queria vi...(71) queria tirá:: madera...(72) fazê tua casa...(75) eu num sei...(76) se ele ainda está vivo...(77) era só pro Hermógenes zelá:: a Igreja...(78) o Hermógenes é o zeladô da Igreja...(82) lá:: não tinha nada...(85) não tinha escola nesse tempo...(86) tinha uma menina que queria... assim...(87) mas não tinha colégio...(88) eu num sei escrevê::(89) não sei lê::”. Essa estratégia serve para informar o ouvinte sobre o ponto de vista em relação à história que está narrando e de forma contínua a narradora desenvolve a narrativa, utilizando a memória para trazer ao presente, eventos que vivera antes, inclusive, a separação.

Uso de verbos *realis* (pretérito perfeito) “estudei, tive, chegue, viemo,tirei, sei”. E dos verbos no presente do indicativo “sô, tem, é, trabalho, preciso, fico, tá, sinto, lê, temho, sô, vivo, leva, faz, cresce”;os verbos no pretérito imperfeito “morava, existia, era, tinha, queria, vivia”, além de gerúndio e infinitivo “melá, andano, trabalhar, trabalhando, fazendo”servem para articular os eventos. Apresentam, também, objetos diretos como “pra mim assiná um documento na frente de uma pessoa”. Uso de advérbios “donde, lá e aí”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	naquele tempo:: não <u>tinha</u> nome	Orientação
2	SL	não::...igual...na Redenção... antigamente <u>era</u> a Redenção...Planeta do Macaco	
3	SS	eu não <u>fiquei</u> logo em Manaus...	Complicação
4	SL	porque nós <u>morava</u> lá no Calado::...Boca do Jutaí::...	
5	SL	que agora <u>é</u> cidade...	
6	SL	naquele tempo... <u>era</u> uma vila... agora... Atalaia do Norte	
7	SL	não <u>conheço</u> nenhum parente:: por parte do pai e da mãe::...	
8	SL	meu parente do Juruá:: <u>é</u> parte do marido::...	
9	SL	<u>parece</u> que um irmão que <u>moro</u> lá pra cima::	
10	SL	<u>morava</u> lá pru Japurá::...	
11	SL	esse que <u>é</u> lá no Bom Futuro que <u>é</u> na cidade... no Juruá::	
12	SL	eu <u>era</u> menina ainda...	
13	SL	ele <u>tava</u> noivo com muié::...	
14	SL	<u>tava</u> noivo pá casarem...	
15	SS	a noiva dele <u>botô</u> chifre mole...	
16	SS	quando ele <u>chegô</u> na festa...	
17	SL	ela <u>tava</u> na rede com otro <u>namorano</u> ...	
18	SS	ele me <u>contô</u> ...	
19	SS	e <u>foi</u> ...assim	
20	SL	<u>é</u> longe ainda...	
21	SL	eu <u>era</u> menina...	
22	SL	<u>tava</u> com 15 anos...	
23	SL	<u>era</u> menina ainda...	
24	SS	nós <u>fumu morá</u> :: lá:: pro Juruá::	

25	SL	nós <u>morava</u> no rio Javarino... Benjamin Constant...
26	SL	depois Boca do Jutaí... rio Memeiruaá:: <u>fica</u>
27		na Boca...assim... quase perto da Boca do Juruá...
28	SL	lá <u>tinha</u> muito peixe-boi...
29	SL	do Juruá...antes de casá::eu veio pru Peru...
30	SL	a fim da Augusta <u>vendê</u> :: terreno grande na bera do lago... barracão...do Peru
	SS	nós <u>fumu</u> pro Pesquero...
31	SL	do Pesquero...pra cima nós <u>mora</u> no terreno do seu Carlos...a cunhada do Hermógenes...
32	SS	nós <u>fez</u> a casa na bera do garapé...da Ressaca...
33	SS	nós <u>fumu</u> para o Calado... na fazenda do seu Francisco...
34		
	SS	já <u>morreu</u> ...o seu Francisco e a Lucila Praiana ...
35		
36	SS	onde <u>morei</u> mais tempo aqui no Calado
37	SL	nós já <u>tinha</u> terreno...um terreno...eu lá pra dentro...
38		
39	SL	<u>tinha</u> bicho... enchia a canua de ovo de tracajá...
40		
41	SL	<u>tinha</u> a promessa do Epaminondas...irmão de Hermógenes por parte de mãe...
42		
43	SL	<u>tinha</u> festejo três dias... <u>rezando</u> em festejo de maio...
44		
45	SL	peçoal <u>fazia</u> promessa...
46	SS	aí ele <u>foi</u> lá:: no motô:: compra::
47	SS	<u>lembreu</u> ...
48	SS	ele <u>pergunto</u> ::
	SL	se eu <u>queria namorá</u> :: com ele...
49	SS	eu <u>disse</u> ...

	SL	que não... sabia...	
	SS	aí...ele <u>foi</u> atentando....	
50	SL	o Aluízio <u>mandava</u> muita carta pra mim...	
51	SL	a sobrinha do Hermógenes... a Edite... <u>lia</u> ..	
52	SS	eu <u>vim</u> pra Manaus...	
53	SS	e não <u>queimô</u> a nossa...	
54	SL	o Hermógenes <u>estava</u> bêbado	
55	SS	e <u>colocô</u> a vela perto da botija de gás...	
56	SS	ele <u>mandô</u> ::	
57	SL	o João <u>quebrá</u> burbuleta...	
58	SS	<u>queimô</u> a casa dele...	
59	SL	o recreio <u>encostava</u> lado lá::	
60	SL	eu <u>tinha</u> loiça...loiça...	
61	SS	<u>queimo</u> :: tudo....	
62	SL	já <u>tinha</u> ... tudinho já...	
63	SL	eu queria que tu <u>vê</u> ...	
64	SL	a espingarda de <u>matá</u> paca...	
65	SS	<u>começo</u> :: a <u>atirá</u> :: sozinha...	
66	SS	ningueim <u>ajudô</u> :: nada não...	
67	SL	uh:: não <u>sei</u> bem quantos ano	
68	SL	eu não me <u>lembro</u> ...	
69	SS	a Tereza <u>mandô</u> :: <u>buscá</u> ...	
70	SS	aí eu <u>disse</u> assim...	
71	SS	a Tereza <u>mandô</u> <u>buscá</u> vocês...	
72	SL	ela <u>vai alugá</u> um quarto pra vocês...	
73	SL	eu não <u>queria</u> vi...	
74	SL	<u>queria tirá</u> :: madera...	
75	SL	<u>fazê</u> tua casa...	
76	SS	<u>viemo durmino</u> ...	
77	SS	ele no Buriti.... <u>foi mora</u> :: no terreno do deputado Belo...	
78	SL	eu num <u>sei</u>	
79	SL	se ele ainda <u>está</u> vivo...	

80	SL	era só pro Hermógenes <u>zelá</u> :: a Igreja...	
81	SL	o Hermógenes <u>é</u> o zeladô da Igreja...	
82	SS	o senhô que <u>ajudô</u> a <u>fazê</u> a construção, a	
83	SL	<u>levantá</u> a igreja	
84	SS	depois <u>fizeram</u> o colégio do mudo:: escola estadual Felipe Smaldone...	
85	SS	aí seguno <u>cheguemo</u> ...	
86	SL	lá:: não <u>tinha</u> nada...	
87	SS	depois <u>fomos</u> pros franceses...	
88	SS	<u>moremo</u> lá:: com a Ana (filha)	
89	SL	não <u>tinha</u> escola nesse tempo...	
90	SL	<u>tinha</u> uma menina que <u>queria</u> ... assim...	
91	SL	mas não <u>tinha</u> colégio...	
92	SL	eu num <u>sei escrevê</u> ::	
93	SL	não <u>sei</u> lê::	
94	SL	<u>é</u> o chofé:: a farda... a cascavel...	
95	SL	a gente <u>sabe</u> assim...	
96	SS	o nome do ônibus que <u>vai</u> ...	
97	SL	aí... <u>pergunte</u> ...que então...	Resolução
98	SL	assim... <u>fica</u> na frente do supermercado	
99	SR	aí... a gente já <u>sabe</u> o ônibus que <u>passa</u> lá.	Coda

3ª narrativa

Na 3ª narrativa, o narrador-emissor conta que é nascido em um município, localizado a sudoeste do Amazonas “eu sô natural de Eurinepé...//sô amazonense... com essas sentenças inicia-se a narrativa. Em seguida, a complicação dá-se em “nunca estudei...//eu sô analfabeto mesmo...//daquele pior que tem...//daquele que todo mundo sabe...que é analfabeto...// eh::...eu...muita vergonha também...muita vergonha...quando eu... é::: pra assiná um documento...//a donde eu trabalho:: é preciso melá o dedo...//e... aquilo... eu fico com muita vergonha...//que na época que...nós morava no interiô...//num... naquele tempo... não existia escola...nós::://mas meu pai era seringueiro...//e lá:: donde nós morava...//num tinha escola...//num tinha nada...//então que eu queria...//eu sempre que tive doze anos... dez anos

até vinte anos...//eu tinha cortado seringa na mata...//andano na mata...//quando eu chegue que viemo embora pra uma cidade...//mas aí... tirei pra trabalhar...//só vivia trabalhando... né::?//e agora esse estudo tá... me fazendo muita falta...//e fazendo vergonha...//que eu sinto muita vergonha...//quando eh... pra mim assina um documento na frente de uma pessoa...//que não sei lê::a respeito isso...//eu num tenho vergonha de otra coisa...//porque eu sô... uma pessoa trabalhado...//trabalho... vivo com meu trabalho...//mas que o estudo tá fazendo muita falta...//quem estive estudando... //eu queria que ninguém deixe seu estudo pra outra coisa...//porque é o estudo que leva você pra frente...//que faz você crescê na vida.

Na resolução, o narrador-enunciador utiliza-se de “só no Mentembol agente vivia uma vida, assim tão boa...//e criava galinha...//e criava pato...”. Por fim a coda, “vivia uma vida sossegada...num sabe?”.

Os verbos *realis* na forma verbal do pretérito perfeito do indicativo utilizados “nunca estudei...// eu sempre que tive doze anos... dez anos até vinte anos...//quando eu chegue que viemo embora pra uma cidade...//mas aí... tirei pra trabalhar...”marca o tempo que a narrativa, realmente, aconteceu e dos verbos no presente “é, trabalho, precisam, estuda, tá”.; dos verbos no pretérito, gerúndio e infinitivo “morava, tava, trabalhando, fazê, vesti, brincá, cantá” marcam as relações temporais do percurso narrativo.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	eu <u>sô</u> natural de Eurinepé...	Orientação
2	SL	<u>sô</u> amazonense...	
3	SS	nunca <u>estudei</u> ...	Complicação
4	SL	eu <u>sô</u> analfabeto mesmo...	
5	SL	daquele pior que <u>tem</u> ...	
6	SL	daquele que todo mundo <u>sabe</u> ...que <u>é</u> analfabeto...	
7	SL	eh::...eu...muita vergonha também...muita vergonha...quando eu... <u>é</u> :: pra <u>assiná</u> um documento...	
8	SL	a donde eu trabalho:: <u>é</u> <u>preciso melá</u> o dedo...	
9	SL	e... aquilo... eu <u>fico</u> com muita vergonha...	
10	SL	que na época que...nós <u>morava</u> no interiô...	

11	SL	num... naquele tempo... não <u>existia</u> escola...nós::	
12	SL	mas meu pai <u>era</u> seringueiro...	
13	SL	e lá:: donde nós <u>morava</u> ...	
14	SL	num <u>tinha</u> escola...	
15	SL	num <u>tinha</u> nada...	
16	SL	então que eu <u>queria</u> ...	
17	SS	eu sempre que <u>tive</u> doze anos... dez anos até vinte anos	
18	SL	eu <u>tinha</u> cortado seringa na mata	
19	SL	<u>andano</u> na mata...	
20	SS	quando eu <u>chegue</u> que <u>viemo</u> embora pra uma cidade...	
21	SS	mas aí... <u>tirei</u> pra trabalhar...	
22	SL	só <u>vivia trabalhano</u> ... né::?	
23	SL	e agora esse estudo <u>tá</u> ... me <u>fazeno</u> muita falta...	
24	SL	e <u>fazeno</u> vergonha	
25	SL	que eu <u>sinto</u> muita vergonha...	
26	SL	quando eh... pra mim <u>assiná</u> um documento na frente de uma pessoa	
27	SL	que não <u>sei lê</u> ::a respeito isso...	
28	SL	eu num <u>tenho</u> vergonha de otra coisa	
29	SL	porque eu <u>sô</u> ... uma pessoa trabalhado...	
30	SL	<u>trabalho</u> ... <u>vivo</u> com meu trabalho...	
31	SL	mas que o estudo <u>tá fazeno</u> muita falta...	
32	SL	quem <u>estive estudano</u> ...	
33	SL	eu <u>queria</u> que ninguém <u>deixe</u> seu estudo pra outra coisa...	
34	SL	porque <u>é</u> o estudo que <u>leva</u> você pra frente...	
35	SL	que <u>faz</u> você <u>crescê</u> na vida	
36	SL	e só no Mentembol agente <u>vivia</u> uma vida,	

37	SL	assim tão boa... e <u>criava</u> galinha...	Resolução
38	SL	e <u>criava</u> pato...	
39	SR	<u>vivia</u> uma vida sossegada...num sabe?	Coda

4ª Narrativa

Na orientação, a narradora inicia com “minha vida que eu morava no interiô:...//aí...do interiô:: eu vim po Uarini...aí...do Uarini pa Manaus...de Manaus...assim...não...não do Uarini pa Tefé...de Tefé...//do Uarini fui pa Tefé...de Tefé pa Manaus...”

Em seguida, dá-se a complicação “aqui eu achei...//aqui eu... é muito bacana o trabalho...//eu trabalho...eu trabalho na Associação...//eles precisam que eu guarde a Associação...//eu conheci um amigo meu...//eu tava trabalhando aí da vida... //eu...eu também conheci muito aluno aqui...muita pessoa aqui Dorian...Darcy...muita pessoa importante aqui... tu também...//encontrei muita pessoa aqui...//que estuda aqui tu tu também muita pessoa...//eu conheci aqui nesse lugar...//e também eu trabalho...//aqui é bom a...a...igreja...a igreja do Senhô:://pa fazê:: uma coisa melhor pa mim...//vestir... brincar... na casa do senhô...//cantá louvo:: na presença do Senhô::”

Na resolução, “e a palavra do senhô é muito bonita boa pa nós...pá todos nós, pá todos nós pá todos nós pá todos nós é muito bom...//tá na faculdade...no trabalho... na escola... na faculdade... no curso...//em todo canto tá na nossa casa...na igreja...tudo::”. Por fim, a coda, “Deus tá cum nós...”.

Os verbos no pretérito perfeito marcam que o tempo narrativo é distinto do qual a narradora fala “aí...do interiô:: eu vim po Uarini...aí...do Uarini pa Manaus...de Manaus...assim...não...não do Uarini pa Tefé...de Tefé...//do Uarini fui pa Tefé...de Tefé pa Manaus...// aqui eu achei...//eu conheci um amigo meu...//eu...eu também conheci muito aluno aqui...muita pessoa aqui Dorian...Darcy...muita pessoa importante aqui... tu também...//encontrei muita pessoa aqui...//eu conheci aqui nesse lugar...”. Há, também, o uso dos tempos presente, pretérito imperfeito, infinitivo, gerúndio “morava, tô, morando, é, morava, morando, tem, tẽũ, temos, trabalhando, tive, trabalho, era, ajuda, precisa, tá, qué, fazê, ganha, sô, faz, tão, estudando, formando, crescerem, vale, varrê, consegue, agradeço” que estabelecem a relação temporal. Assim como as orações subordinadas e coordenadas que

estabelecem a articulação temporal entre as sentenças “não tô: trabalhando...que eu já trabalho só em casa mesmo em casa...porque eu já t^êu cinquenta e sete anos”, “trabalhei...quando era jovi numa fábrica do Distrito, e agora tamos aqui”; e o uso de objeto – “agradeço a vida que Deus tem me dado com saúde”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	minha vida que eu <u>morava</u> no interiô::...	Orientação
2	SS	aí...do interiô:: eu <u>vim</u> po Uarini...aí...do Uarini pa Manaus...de Manaus...assim...não...não do Uarini pa Tefé...de Tefé...	
3	SS	do Uarini <u>fui</u> pa Tefé...de Tefé pa Manaus...	
4	SS	aqui eu <u>achei</u> ...	Complicação
5	SL	aqui eu... <u>é</u> muito bacana o trabalho...	
6	SL	eu <u>trabalho</u> ...eu <u>trabalho</u> na Associação...	
7	SL	eles <u>precisam</u> que eu <u>guarde</u> a Associação...	
8	SS	eu <u>conheci</u> um amigo meu...	
9	SL	eu <u>tava</u> trabalhando aí da vida...	
10	SS	eu...eu também <u>conheci</u> muito aluno aqui...muita pessoa aqui Dorian...Darcy...muita pessoa importante aqui... tu também...	
11	SS	<u>encontrei</u> muita pessoa aqui...	
12	SL	que <u>estuda</u> aqui tu tu também muita pessoa...	
13	SS	eu <u>conheci</u> aqui nesse lugar...	
14	SL	e também eu <u>trabalho</u> ...	
15	SL	aqui <u>é</u> bom a...a...igreja...a igreja do Senhô::	
16	SL	pa <u>fazê</u> :: uma coisa melhor pa mim...	
17	SL	<u>vesti</u> ... <u>brincá</u> ... na casa do senhô::...	

18	SL	<u>cantá</u> louvo:: na presença do Senhô::	
19	SL	e a palavra do senhô:: <u>é</u> muito bonita boa	Resolução
20	SL	pa nós...pá todos nós... pá todos nós pá	
21	SL	todos nós... pá todos nós <u>é</u> muito bom <u>tá</u> na faculdade...no trabalho... na escola...	
22	SL	na faculdade... no curso... em todo canto <u>tá</u> na nossa casa...na igueja...tudo::	
23	SR	Deus <u>tá</u> cum nós...	Coda

5ª Narrativa

A narrativa inicia pela orientação “Eu morava no município de Borba...// no rio Madeira agora tô:: morando aqui em Manaus ...” a complicação dá-se em “é na minha infância...//quando a gente morava no interiô:://eu... a gente morando no interiô:://a gente tem necessidade de muitas... muitas coisas né? //eu também não tẽu estudo o estudo...//é pouco bem pouquinho mermo...//e não teve oportunidade...//assim...do ensino como hoje temos... tem né? //eu morava... eu morava no interiô:://agora tô:: morando aqui em Manaus...no bairro Jesus Jesus me Deu...//e agora tamos aqui:://não tô:: trabalhando...//que eu já trabalho só em casa mesmo em casa...//porque eu já tẽu cinquenta e sete anos... cinquenta e oito é cinquenta e sete...//já tô mais parada...//trabalhei...quando era jovi numa fábrica do Distrito...//trabalhei bastante...//em casa de família para ajuda né?//em casa e a gente também precisa de muito...//tá dependente muito do marido//a gente... o que a gente num qué:://a gente pude fazê pra ganha um dinheruzinho fora??é muito bom importante isso...//e eu sou casada...//tenho... faz mais de trinta anos de casada...//tenho quatro filhos... filhos... um homem e três mulheres...//e tão estudando...//tão se formando pra crescerem né?//isso é importante na vida de cada um...//o estudo hoje vale muita coisa...//se você não estudo:://você nem varrê rua né?//porque hoje se você não tivé o segundo grau né?//Você não consegue trabalho:://o estudo é muito importante hoje...//eu sô muito feliz...”.

Na resolução, tem-se “por isso agradeço né? a Deus...//também sô evangélica...// por isso agradeço né? a Deus...//também sô evangélica... por isso agradeço né? a Deus... //também sô evangélica...”. a coda agradeço a vida que Deus tem me dado com saúde né?”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	Eu <u>morava</u> no município de Borba, no rio Madeira	Orientação
2	SL	agora <u>tô</u> :: <u>morando</u> aqui em Manaus	
3	SL	<u>é</u> na minha infância...	Complicação
4	SL	quando a gente <u>morava</u> no interiô::	
5	SL	eu... a gente <u>morando</u> no interiô::	
6	SL	a gente <u>tem</u> necessidade de muitas... muitas coisas né?	
7	SL	eu também não <u>tenho</u> estudo o estudo...	
8	SL	<u>é</u> pouco bem pouquinho mermo...	
9	SS	e não <u>teve</u> oportunidade...	
10	SL	assim...do ensino como hoje <u>temos</u> ... <u>tem</u> né?	
11	SL	eu <u>morava</u> ... eu <u>morava</u> no interiô::	
12	SL	agora <u>tô</u> :: <u>morando</u> aqui em Manaus...no bairro Jesus... Jesus me Deu	
13	SL	e agora <u>tamos</u> aqui	
14	SL	não <u>tô</u> :: <u>trabalhando</u>	
15	SL	que eu já <u>trabalho</u> só em casa mesmo em casa	
16	SL	porque eu já <u>têü</u> cinquenta e sete anos... cinquenta e oito <u>é</u> cinquenta e sete	
17	SL	já <u>tô</u> mais parada	
18	SS	<u>trabalhei</u>	
19	SL	quando <u>era</u> jovi numa fábrica do Distrito	
20	SS	<u>trabalhei</u> bastante	
21	SL	em casa de família para <u>ajudá</u> né?	
22	SL	em casa e a gente também <u>precisa</u> de muito	
23	SL	<u>tá</u> dependente muito do marido	
24	SL	a gente o que a gente num <u>qué</u>	
25	SS	a gente <u>pude</u> <u>fazê</u> pra ganha um	

		dinheruzinho fora	
26	SL	<u>é</u> muito bom importante isso	
27	SL	e eu <u>sou</u> casada	
28	SL	<u>tenho</u> ... <u>faz</u> mais de trinta anos de casada	
29	SL	<u>tenho</u> quatro filhos... filhos... um homem e três mulheres	
30	SL	e <u>tão estudando</u>	
31	SL	<u>tão</u> se <u>formando</u> pra <u>crescerem</u> né?	
32	SL	isso <u>é</u> importante na vida de cada um	
33	SL	o estudo hoje <u>vale</u> muita coisa	
34	SS	se você não <u>estudô</u> ::	
35	SL	você nem <u>varre</u> rua né?	
36	SL	porque hoje se você não <u>tivé</u> o segundo grau né?	
37	SL	Você não <u>consegue</u> trabalho::	
38	SL	o estudo <u>é</u> muito importante hoje...	
39	SL	eu <u>sô</u> muito feliz...	
40	SL	por isso <u>agradeço</u> né? a Deus...	Resolução
41	SL	também <u>sô</u> evangélica...	
42	SR	<u>agradeço</u> a vida que Deus <u>tem</u> me <u>dado</u> com saúde né?	Coda

6ª Narrativa

Na narrativa 6, a narradora não sabia ler nem escrever e um dia precisou receber uma sacola de mantimentos que a prefeitura da cidade distribuía, mas para isso precisava assinar o documento de recebimento, por isso ficou nervosa. Como a mãe não se encontrava em casa, ela era a única pessoa da família que poderia receber “a prefeitura precisô entregar a sacola de rancho mensal...//e minha mãe não estava em casa para recebe:://então o que então mandaram eu ir recebe como irmã mais velha...//o único problema qui tinha...//é qui precisa assiná o documento de recebimento da mesma...//o problema é qui na época...// não tínhamo professor na escola...//e estava na fila...//e aí fiquei tão nervosa.... //qui quase fiz xixi nas calcinha...”. Nesse momento, ela descreve como é ruim uma pessoa que não sabe ler, nem escrever “era

uma decisão muito dura...//eu não vô menti não...//é muito vergonhoso a gente dizê:://que não sabe escrevê:://ou eu assinava o documento...” Ficou tensa, porque pensava que se não conseguisse receber o alimento, a família passaria fome//ou passava necessidade...//pois nesta época passávamos muita fome...//comíamos a broca de cumaru e babaçu...//era o que tinha na época... //então fui lá:://era tudo ou nada...//ou eu pegava o rancho...//e passava fome...”. Como disse: fez uma “rainadau” que foi entendida como assinatura “//aí eu fui lá:://entrei na fila...//peguei a caneta...//e fiz uma rainandau...//alguma coisa que deu para entender o meu nome...”.

Nessa narrativa, a sentença iniciadora, ou melhor, o resumo dá-se em “devidos as dificuldades de ensino na localidade onde morávamos...”. Seguido da sentença de orientação “a história que eu tã para conta...//é que quando eu tã de 14 para 15 ano...”. em seguida, dá-se a ação complicadora “não tivemo condições de irmo a escola...// a prefeitura precisô entrega:: a sacola de rancho mensal...//então o que então mandaram eu ir recebe como irmã mais velha...//e aí fiquei tão nervosa...//qui quase fiz xixi nas calcinha...//que não sabe escrevê:://então fui lá:://aí eu fui lá...//entrei na fila ...//peguei a caneta...//e fiz uma rainandau...//alguma coisa que deu para entendê o meu nome... a prefeitura precisô entregá:: a sacola de rancho mensal... //e minha mãe não estava em casa para recebê:://então... o que então... mandaram eu ir recebe como irmã mais velha...//o único problema qui tã...//é qui precisa assiná o documento de recebimento da mesma...//o problema é qui na época...//não tãmo professô:: na escola...//e tava na fila...//e aí fiquei tão nervosa... //qui quase fiz xixi nas calcinha... //era uma decisão muito dura...//eu não vô menti não...//é muito vergonhoso a gente dizê:: //que não sabe escrevê:://ou eu assinava o documento...//ou passava necessidade...//pois nesta época passávamos muita fome...//comíamos a broca de cumaru e babaçu...//era o que tã na época...//então fui lá:://era tudo ou nada...//ou eu pegava o rancho...//e passava fome...//aí eu fui lá...//entrei na fila ...//peguei a caneta...//e fiz uma rainandau...//alguma coisa que deu para entendê o meu nome...”. a resolução aí foi quando eu fui comprá:://foi quando eu fui...consegui compra:://minha casa...”. a coda moramo 26 ano...//aí onde eu moro...”. No percurso narrativo, encontra-se a articulação temporal, marcada por verbos *realis* (pretérito perfeito), e dos verbos no presente, pretérito imperfeito, infinitivo como em “tivemo, preciso, mandaram, fiz, fiquei, vô, fui, entrei, peguei, deu, foi, consegui, moramo, moravamo, irmo, entrega, estava, recebê, ir, recebe, tã, é, recisa, assiná, tãmo, tava, era, menti, dizê, escrevê, assinava, passava, passávamos, comíamos, pegava, compra, moro”

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	devidos as dificuldades de ensino na localidade onde <u>morávamo...</u>	Resumo
2	SS	não <u>tivemo</u> condições de <u>irmo</u> à escola...	
3	SL	a história que eu <u>tenho</u> para conta...	Orientação
4	SL	<u>é</u> que quando eu <u>tinha</u> de 14 para 15 ano...	
5	SS	a prefeitura <u>precisô</u> entrega:: a sacola de rancho mensal...	Complicação
6	SL	e minha mãe não <u>estava</u> em casa para <u>recebe</u> ::	
7	SS	então o que então <u>mandaram</u> eu <u>ir recebê</u> como irmã mais velha...	
8	SL	o único problema qui <u>tinha</u> ...	
9	SL	<u>é</u> qui precisa <u>assiná</u> o documento de recebimento da mesma...	
10	SL	o problema <u>é</u> qui na época...	
11	SL	não <u>tinhamo</u> professô:: na escola...	
12	SL	e <u>tava</u> na fila...	
13	SS	e aí <u>fiquei</u> tão nervosa...	
14	SS	qui quase <u>fiz</u> xixi nas calcinha...	
15	SL	<u>era</u> uma decisão muito dura...	
16	SL	eu não <u>vô menti</u> não...	
17	SL	<u>é</u> muito vergonhoso a gente <u>dizê</u> ::	
18	SS	que não <u>sabe escrevê</u> ::	
19	SL	ou eu <u>assinava</u> o documento...	
20	SL	ou <u>passava</u> necessidade...	
21	SL	pois nesta época <u>passávamo</u> muita fome...	
22	SL	<u>comíamo</u> a broca de cumaru e babaçu...	
23	SL	era o que <u>tinha</u> na época...	
24	SS	então <u>fui</u> lá::	
25	SL	<u>era</u> tudo ou nada...	
26	SL	ou eu <u>pegava</u> o rancho...	
27	SL	e <u>passava</u> fome...	

28	SS	aí eu <u>fui</u> lá...	
29	SS	<u>entrei</u> na fila ...	
30	SS	<u>peguei</u> a caneta...	
31	SS	e <u>fiz</u> uma rainandau...	
32	SS	alguma coisa que <u>deu</u> para <u>entendê</u> o meu nome...	
33	SS	aí <u>foi</u> quando eu <u>fui comprá</u> ::	Resolução
34	SS	<u>foi</u> quando eu <u>fui</u> ... <u>consegui comprá</u> :: minha casa...	
35	SL	aí onde eu <u>moro</u> ...	
36	SR	<u>moramo</u> 26 ano...	Coda

7ª Narrativa

Primeiro, há o resumo em “Quando o meu pai envelheceu...num tinha INSS...num tinha ajuda de nada...” Em seguida, segue a orientação “teve que segurá:: as ponta dele”, foi eu...e eu fui a luta pela vida”.

Nesta narrativa, a narradora conta a história de como acompanhou a doença do pai “e eu fiquei sozinha mais eles...//aí ele foi ficando cego...//não pode fazer mais nada...//e eu passei a cuidá deles lutando pra sustentá-los ele o meu pai a minha mãe e eu...//quando ele ficou cego...//eu levava tudo pra ele o alimento os alimentos... eu fazia a comida dele...//tirava... deixava no ponto só dele comê:://to::do dia...eu tinha essa obrigação de deixa a comida dele...//de luta por ele sabe?”. Este, embora cego, não se desesperou, até abençoava todos os dias, mesmo não sendo religioso “e ele num tinha religião...//era ignorante na nas religiões... //mais ele aprendeu uma coisa...//ele me agradecia quando eu levava água...//quando eu levava o remédio...//quando eu levava a comida...//ele dizia...Deus te abençoe minha filha...Deus te proteja...//tu vais acha quem encha teu pote... //to::do dia todo dia ele dizia isso pra mim...”. Em seguida, demonstra o carinho que devotou a ele “eu... até morre:://eu enterrei ele...//mandei enterrá ...//fiz tudo direitinho como pobre...//sem nada mais eu achava uma ajuda daqui outra dacolá pelejando...//até qui consegui coloca ele direitinho lá no túmulo dele...//e ele morreu me agradecendo...//dizendo estas palavra todo dia Deus te abençoe Deus te proteja...//tu vai achá quem encha teu pote pro resto da tua vida”.

Na setença narrativa, há, além dos verbos que marcam a temporalidade da narrativa; as pausas, os advérbios, oração adverbial “quando o meu pai envelheceu...num tã INSS...num

tinha ajuda de nada”. O fechamento da narrativa dá-se em “tenho minhas coisinha como pobre...//mais tẽu...”. nesse sentido sô feliz...”. há o emprego de advérbios “todo, aqui, daqui, dacolá, aí”, lá”; de intensificador “mais”; verbos *realis* – “foi, fiquei, pôde, passei, ficô, aprendeu, enterrei, mandei, fiz, consegui, morreu, vai, era, ficando, fazê, cuidá, lutando, levava, fazia, tirava, deixava, comê, tã, deixa, luta, agradecia, levava, dizia, abençoe, proteja, acha, encha, morre, enterrá, achava, pelejando, coloca, dizendo, tô, acho, como, bebo, visto, calço, tenho, sô” marcam a organização do tópico discursivo, permitindo a compreensão do ouvinte.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	Quando o meu pai <u>envelheceu</u> ...num <u>tinha</u> INSS...num <u>tinha</u> ajuda de nada...	Resumo
2	SS	<u>teve</u> que <u>segurá</u> :: as ponta dele...	Orientação
3	SS	<u>foi</u> eu...	
4	SS	e eu <u>fui</u> a luta pela vida...	
5	SL	e pô... ele...pelos meus pais só <u>era</u> eu...	
6	SS	o meu irmão <u>foi</u> embora...	
7	SS	e eu <u>fiquei</u> sozinha mais eles ...	
8	SS	aí...ele <u>foi ficando</u> cego...	
9	SS	não <u>pode fazê</u> mais nada...	
10	SS	e eu <u>passei</u> a <u>cuidá</u> deles <u>lutando</u> pra <u>sustentá</u> -los ele o meu pai a minha mãe e eu...	
11	SS	quando ele <u>ficô</u> :: cego...	
12	SL	eu <u>levava</u> tudo pra ele...o alimento os alimentos...	
13	SL	eu <u>fazia</u> a comida dele...	
14	SL	<u>tirava</u> ... <u>deixava</u> no ponto só dele <u>comê</u> ...	
15	SL	to:::do dia...eu <u>tinha</u> essa obrigação	
16	SL	de <u>deixá</u> a comida dele ...	
17	SL	de <u>lutá</u> por ele sabe?	
18	SL	e ele num <u>tinha</u> religião...	
19	SL	<u>era</u> ignorante na... nas religiões...	

20	SS	mais ele <u>aprendeu</u> uma coisa...	
21	SL	ele me <u>agradecia</u> ...	
22	SL	quando eu <u>levava</u> água...	
23	SL	quando eu <u>levava</u> o remédio...	
24	SL	quando eu <u>levava</u> a comida...	
25	SL	ele <u>dizia</u> ...Deus te <u>abençoe</u> mĩa	
26	SL	filha...Deus te <u>proteja</u>	
27	SL	tu vais <u>achá</u> quem <u>encha</u> teu pote...	
28	SL	to::do dia to::do dia ele <u>dizia</u> isso pra mim...e eu...até <u>morrê</u> ::	
29	SS	eu <u>interrei</u> ele...	
30	SS	<u>mandei interrá</u> ...	
31	SS	<u>fiz</u> tudo direitinho como pobre...sem nada mais...	
32	SL	eu <u>achava</u> uma ajuda daqui otra dacolá:: <u>pelejando</u> ...	
33	SS	até qui <u>consegui colocá</u> ele direitinho...lá:: no túmulo dele...	
34	SS	e ele <u>morreu</u> me agradecendo...	
35	SL	dizendo estas palavra todo dia...Deus te <u>abençoe</u> ...Deus te <u>proteja</u> ...	
36	SS	tu <u>vai achá</u> quem <u>encha</u> teu pote pro resto da tua vida...	
37	SL	e graças a Deus eu <u>tô</u> aqui...	
38	SL	<u>acho</u> quem...acho quem... <u>encha</u> meu pote to::do dia to::do dia...	
39	SL	eu <u>como</u> ... <u>bebo</u> ... <u>visto</u> ... <u>calço</u> ...	
40	SL	<u>tenho</u> minhas coisinha como pobre...	Resolução
41	SL	mais <u>tenho</u> ...	
42	SR	nesse sentido <u>sô</u> feliz...	Coda

Na narrativa 8, a narradora conta a alegria ter comprado a casa “minha mãe alegria foi quando comprei minha casa...// comprei por cem reais e parcela de duas vezes (risos) através do meu cunhado...//era de madeira só tinha dois cômodos... agora é de alvenaria e tem 5 cômodos...não vendo... nem troco ...//eu ralei muito pra ter minha casa...//ainda ralo ainda...//no final do ano quero ir pra minha terra onde nasci... tenho...tenho...//não sei se vai dá...mas vô fazê de tudo pra i...”. Conta a dificuldade que teve na vida por não saber ler e escrever “não sei lê:: nem escrevê:://escrevo só meu nome...//já tentei estudar... mas não entra nada na minha cabeça...//bem que minha mãe tentou muito”.

A orientação dá-se em “tenho três filhos...//moro no bairro Grande Circulá:://tenho duas netas...//tenho por enquanto... //a outra tá chegando por esses dias...//onde... Circulá... tenho acho que tenho uns 13 anos...//que moro no bairro...//tenho duas netas...//tenho por enquanto...//a outra tá chegando por esses dias...”.

A complicação dá-se em “minha mãe:: alegria foi quando comprei minha casa... //comprei por cem reais e parcela de duas vezes (risos) através do meu cunhado...//era de madeira só tinha dois cômodos... //agora é de alvenaria...//e tem 5 cômodos...não vendo... nem troco ...//eu ralei muito pra ter minha casa...//ainda ralo ainda...//no final do ano quero ir pra minha terra...//onde nasci... tenho... tenho...//não sei se vai dá...//mas vô fazê de tudo pra i:: //não sei lê::... nem escrevê:://escrevo só meu nome...// já tentei estudar...//mas não entra nada...na minha cabeça...//bem que minha mãe tentô muito...//quando eu era pequena...//A resolução “minha mãe diz...tu não aprendeu nada quando nova...//imagina quando grande...”. e a coda “...e nunca aprendi nada...//mãe mãe:: alegria foi quando comprei minha casa...//comprei por cem reais e parcela de duas vezes (risos) através do meu cunhado...//eu ralei muito pra ter minha casa...//não sei se vai dá...//já tentei estudar...//bem que minha mãe tentô muito...quando eu era pequena...// minha mãe diz...tu não aprendeu nada quando nova... e nunca aprendi nada...” .

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	<u>tenho</u> três filhos...	Orientação
2	SL	<u>moro</u> no bairro Grande Circulá::	
3	SL	<u>tenho</u> duas netas...	
4	SL	<u>tenho</u> por enquanto...	
5	SL	a outra <u>tá chegando</u> por esses dias...	
6	SL	onde... Circulá... <u>tenho</u> ... acho que <u>tenho</u>	

7	SL	uns 13 ano... que <u>moro</u> no bairro...	
8	SL	<u>tenho</u> duas neta...	
9	SL	<u>tenho</u> por enquanto...	
10	SL	a outra <u>tá chegando</u> por esses dia...	
11	SS	minha maiô:: alegria <u>foi</u> quando <u>comprei</u> mãa casa...	Complicação
12	SS	<u>comprei</u> por cem reais e parcela de duas veze (risos) através do meu cunhado...	
13	SL	<u>era</u> de madeira só <u>tinha</u> dois cômodo...	
14	SL	agora <u>é</u> de alvenaria	
15	SL	e <u>tem</u> 5 cômodo...não <u>vendo</u> ... nem <u>troco</u> ...	
16	SS	eu <u>ralei</u> muito pra <u>tê</u> minha casa...	
17	SL	ainda <u>ralo</u> ainda	
18	SL	no final do ano <u>quero ir</u> pra mãa terra...	
19	SL	onde <u>nasci</u> ... <u>tenho</u> ... <u>tenho</u> ...	
20	SS	não <u>sei</u> se <u>vai</u> dá...	
21	SL	mas <u>vô fazê</u> de tudo pra <u>ir</u> ::	
22	SL	não <u>seilê</u> ::... nem <u>escrevê</u> ::	
23	SL	<u>escrevo</u> só meu nome	
24	SS	já <u>tentei</u> estudá...	
25	SL	mas não <u>entrá</u> nada...na minha cabeça	
26	SS	bem qui minha mãe <u>tentô</u> muito...	
27	SL	quando eu <u>era</u> pequena...	
28	SS	mãa mãe <u>diz</u> ...tu não <u>aprendeu</u> nada quando nova...	Resolução
29	SL	<u>imagina</u> quando grande...	
30	SR	e nunca <u>aprendi</u> nada...	Coda

9ª Narrativa

Na narrativa 9, a narradora conta os caminhos pelos quais passou até chegar a Manaus “e desse Andirobal eu conheci meu marido que é hoje meu marido...//e ele aí nós se

namoremo cinco ano...//e se noivemo...//e quatro ano e um ano de noivo casamo...//e tivemo oito filho e quatro perca...//aí viemo pro município de Imperatriz fomo pra lá://e passemos uns 14 ano...//e de lá viemo aqui pra Progresso aqui no sul do Pará chama do Progresso Matogrosso...//morei por lá://agora vim...//tô aqui no Progresso opa Manaus...//aqui tô morando...”. Aqui descobre que o marido está doente, mas que os médicos, ainda, não sabem o que é “tenho meus filho se formando...então graças a Deus...//e hoje eu vivo triste...porque meu marido veve doente...//e ainda não se discubriram...//qui doença é mas Deus sabe”.

A orientação dá-se em “tenho 73 ano... //moro na Colina do Alexo... //e na rua 19...e que mais... //aí eu morava primeiramente no Andirobal...”.

Em seguida, inicia a complicação “e desse Andirobal...eu conheci meu marido que é hoje meu marido...//e ele...aí... nós se namoremo cinco ano... //e se noivemo... //e quatro ano e um ano de noivo casamo... //e tivemo oito filho e quatro perca... //aí viemo pro município de Imperatriz fomo pra lá://e passemos uns 14 ano...//e de lá: viemo aqui pra Progresso...//aqui no sul do Pará...chama do Progresso Matogrosso... //morei por lá: //agora vim...//tô aqui no Progresso opa Manaus...//aqui tô morando... //tenho meus filho...se formando...então graças a Deus...//e hoje eu vivo triste...//porque meu marido veve doente...//e ainda não se discubriram... //qui doença é... mas Deus sabe...//e isso é uma grande alegria...//eu vê meus filho... //tenho... tenho... tudo já né://com essa idade...a mais nova tá com 36 ano...”.

A resolução “essa é uma grande alegria pra gente...”a coda “que muita gente já foram...”.

O uso dos verbos no indicativo marcam ações pontuais da narrativa “e desse Andirobal...eu conheci meu marido que é hoje meu marido...//e ele...aí... nós se namoremo cinco ano...//e se noivemo... //e quatro ano e um ano de noivo casamo... //e tivemo oito filho e quatro perca...//aí viemo pro município de Imperatriz fomo pra lá://e passemos uns 14 ano...//e de lá: viemo aqui pra Progresso...aqui no sul do Pará...chama do Progresso Matogrosso...//morei por lá://agora vim...//e ainda não se discubriram...// que muita gente já foram...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	<u>tenho</u> 73 ano...	Orientação
2	SL	<u>moro</u> na Colina do Alexo... e na rua 19...e que mais...	
3	SL	aí eu <u>morava</u> primeiramente no	

		Andirobal...		
4	SS	e desse Andirobal...eu <u>conheci</u> meu marido	Complicação	
5	SL	que <u>é</u> hoje meu marido...		
6	SS	e ele...aí... nós se <u>namoremo</u> cinco ano...		
7	SS	e se <u>noivemo</u> ...		
8	SS	e quatro ano e um ano de noivo <u>casamo</u> ...		
9	SS	e <u>tivemo</u> oito filho e quatro perca...		
10	SS	aí <u>viemo</u> pro município de Imperatriz <u>fomo</u> pra lá::		
11	SS	e <u>passemo</u> uns 14 ano...		
12	SS	e de lá:: <u>viemo</u> aqui pra Progresso... aqui no sul do Pará... <u>chama</u> do Progresso Matogrosso...		
13	SS	<u>morei</u> por lá::		
14	SS	agora <u>vim</u> ...		
15	SL	<u>tô</u> aqui no Progresso ôpa Manaus...		
16	SL	aqui <u>tô morando</u> ...		
17	SL	<u>tenho</u> meus filho...se <u>formando</u> ...então graças a Deus...		
18	SL	e hoje eu <u>vivo</u> triste...		
19	SL	porque meu marido <u>veve</u> doente...		
20	SS	e ainda não se <u>discubriram</u> ...		
21	SL	qui doença <u>é</u> ... mas Deus <u>sabe</u> ...		
22	SL	e isso <u>é</u> uma grande alegria...		
23	SL	eu <u>vê</u> meus filho...		
24	SL	<u>tenho</u> ... <u>tenho</u> ... tudo já né::		
25	SL	com essa idade...a mais nova <u>tá</u> com 36 ano...		
26	SL	essa <u>é</u> uma grande alegria pra gente...		Resolução
27	SR	que muita gente já <u>foram</u> ...		Coda

10ª Narrativa

Na narrativa 10, o narrador encontrava-se em um ponto chave da cidade de Manaus, vendendo água e cerveja, quando policiais o abordaram, querendo levá-lo preso por achar que estava vendendo drogas “aí isso faz muito tempo...//isso aí era eu e minha irmã...//então... um dia... os cara chegaru...//os banudi filho da mãe pode chama nome? //aí chegaru comigo...//queriam me levá preso...//disse qui eu tava... vendenu pó...mas não...//eu tava... vendenu latinha skol refrigerante e água mineral ali na Zé Cremente com Lobo D`Almada ...”. Há um conflito, porque os policiais acreditam que o vendedor-enunciador estivesse traficando “aí... um tenente da polícia militá chegô só porque minhas latinha exposta assim dentu da caxa...//eles pegaru as mĩa latĩa... o dinheiro...//pensarum qui tĩa alguma coisa lá dentu né?...//não... por isso que eu eu mandei eles pra muito longe...”. Todavia, acabou não sendo preso, porque havia outras pessoas olhando a cena “eu só não fui preso... porque felizmente...//porque tinha gente dotro lado...”.

Nessa narrativa, o narrador faz um resumo do que vai apresentar, chamando a atenção do ouvinte para sua narrativa “minha história é muito cumpricada...//ela foi cumpricada...//foi triste...foi bacana...mui...foi triste...//mas foi legal também...”. A orientação “eu era camelô:://eu vendia cerveja lá:: no cantu do Rêmulos...Zé Cremente com Lobo D`Almada... isso tendo...//aí...isso faz muito tempo...//isso aí era eu e minha irmã...”.

A complicação “então... um dia... os cara chegaru...os banudi...filho da mãe...//pode chamá nome?//aí chegaru comigo...//queriam me levá preso...//disse qui eu tava... vendenu pó...mas não...//eu tava... vendenu latinha skol refrigerante e água mineral ali na Zé Cremente com Lobo D`Almada ...//aí... um tenente da polícia militá:: chegô só porque minhas latinha exposta...assim... dentu da Nessa sentenças constata-se o uso de orações subordinadas “pensarum qui tĩa alguma coisa lá dentu né?...//não... por isso que eu eu mandei eles pra muito longe...; “eu só não fui preso... porque felizmente... //porque tinha gente dotro lado...//qui se dizia ir por mim...”.

A resolução “eu só não fui preso... porque felizmente... //porque tinha gente dotro lado...//qui se dizia ir por mim...”. A coda traz o ouvinte para o momento presente “só isso mermo que tenho que falá...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	minha história <u>é</u> muito cumpricada...	Resumo
2	SS	ela <u>foi</u> cumpricada...	

3	SS	<u>foi</u> triste... <u>foi</u> bacana...mui... <u>foi</u> triste...	
4	SS	mas <u>foi</u> legal também...	
5	SL	eu <u>era</u> camelô::	Orientação
6	SL	eu <u>vendia</u> cerveja lá:: no cantu do	
7	SL	Rêmulos...Zé Cremente com Lobo D`Almada... isso <u>tendo</u> ...	
8	SL	aí...isso <u>faz</u> muito tempo...	
9	SL	isso aí <u>era</u> eu e minha irmã...	
10	SS	então... um dia... os cara <u>chegaru</u> ...os	Complicação
		banudi...filho da mãe...	
11	SL	<u>pode chamá</u> nome?	
12	SS	aí <u>chegaru</u> comigo...	
13	SL	<u>queriam</u> me <u>levá</u> preso...	
14	SL	disse qui eu <u>tava</u> ... <u>vendenu</u> pó...mas não...	
15	SL	eu <u>tava</u> ... <u>vendenu</u> latinha skol refrigerante e água mineral ali na Zé Cremente com Lobo D`Almada ...	
16	SS	aí... um tenente da polícia militá:: <u>chegô</u> só porque minhas latinha... exposta...assim... dentu da caixa...	
17	SS	eles <u>pegaru</u> as minha latinha... o dinheiro...	
18	SS	<u>pensarum</u> qui <u>tinha</u> alguma coisa lá dentu né?...	
19	SS	não... por isso que eu eu <u>mandei</u> eles pra muito longe...	
20	SS	eu só não <u>fui</u> preso... porque felizmente...	Resolução
21	SL	porque <u>tinha</u> gente dotro lado...	
22	SL	qui se <u>dizia</u> ir por mim...	
23	SR	só isso mermo que <u>tenho</u> que <u>falá</u> ...	Coda

4.1.3 Pessoas letradas

1ª Narrativa

A narradora orienta o ouvinte sobre que, quem e onde “bem... eu tava brincando com minha prima...//eu era criança...//tava brincando junto com ela no quarto da minha avó...”.

A complicação da narrativa dá-se, quando o enunciador conta que foi se balançar com uma prima, mas como na hora que foi subir ele foi empurrado e se acidentou “aí ela subiu em cima de uma rede...// e começô a balançá sozinha...//e eu queria me balançá junto com ela...//eu tentei subi em cima da rede ...//e como a rede tava balançando...//a rede acabô me empurrando...//e eu acabei batendo na parede que era de madeira... e na parede de madeira tinha um quadro antigo de madeira que acabô balançando.../e [acabou]caindo na minha cabeça”

A resolução ocorre quando “...//[acabou] provocando uma cicatriz”. Finalmente, a marca que perdura “que tenho...// até hoje”.

A complicação em “aí ela subiu em cima de uma rede...//e começô a balançá sozinha...//e eu queria me balançar:: junto com ela...//eu tentei subi em cima da rede...//e como a rede tava balançando...a rede acabô me empurrando...//e eu acabei batendo na parede...//que era de madeira...//e na parede de madeira tinha um quadro... antigo de madeira que acabô balançando...//e acabô caindo na minha cabeça...”.

A resolução dá-se após a complicação “acabô provocando uma cicatriz...”. a coda em “que tenho até hoje...”.

O uso de verbos no pretérito perfeito remete ao tempo da narrativa “aí ela subiu em cima de uma rede...//e começô a balançá sozinha...//eu tentei subi em cima da rede...//a rede acabô me empurrando...//e eu acabei batendo na parede...// e na parede de madeira tinha um quadro... antigo de madeira que acabô balançando...e acabô caindo na minha cabeça...// acabô provocando uma cicatriz...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	Bem... eu <u>tava brincando</u> com minha prima	Orientação
2	SL	eu <u>era</u> criança...	
3	SL	<u>tava brincando</u> junto com ela no quarto da minha avó...	

4	SS	aí ela <u>subiu</u> em cima de uma rede...	Complicação
5	SS	e <u>começô</u> a <u>balança</u> sozinha...	
6	SL	e eu <u>queria</u> me <u>balança</u> :: junto com ela...	
7	SS	eu <u>tentei subi</u> :: em cima da rede...	
8	SL	e como a rede <u>tava balançando</u> ...	
9	SS	a rede <u>acabô</u> me <u>empurrando</u> ...	
10	SS	e eu <u>acabei batendo</u> na parede...	
11	SL	que <u>era</u> de madeira...	
12	SL	e na parede de madeira <u>tinha</u> um quadro...	
13	SS	antigo de madeira que <u>acabô balançando</u> ...	
14	SS	e <u>acabô caindo</u> na minha cabeça...	
15	SS	<u>Acabô provocando</u> uma cicatriz...	Resolução
16	SR	que <u>tenho</u> até hoje...	Coda

2ª Narrativa

A narradora orienta o ouvinte “moro aqui em Manaus há vinte e três anos...//antes de vim morar aqui...//eu morava num interior bem distante daqui...//

Nessa narrativa, a enunciativa conta que “trabalhei na roça com meus pais...//foi quando surgiu a oportunidade de vir trabalhar aqui na capital...”//separada... com duas filhas pequenas tive que deixá-las com minha mãe para poder trabalhar...//trabalhei numa empresa terceirizada por dois anos...//foi quando tudo mudou na minha vida... ralei muito...//troquei de empresa... recebendo um pouco mais...//fiz um curso de técnico de contabilidade...//alguns anos depois consegui comprar minha casinha... onde moro até hoje...//pra melhorar minha situação com minhas filhas já grandes e morando comigo...//fiz uma faculdade na minha área...//tenho uma vida confortável hoje resumindo (risos)...//essa é mais ou menos um pouco de uma pessoa trabalhadora... trabalhadora...//e...espero continuar com essa força...//e... coragem de lutar na vida...”.

A resolução em “tenho uma vida confortável hoje resumindo (risos)...//essa é mais ou menos um pouco de uma pessoa trabalhadora... trabalhadora...”. a coda em “e...espero continuar com essa força e coragem de lutar na vida...”.

O uso de verbos no pretérito perfeito remonta ao tempo que de fato aconteceu ou teria acontecido eventos “antes de vim morar aqui...eu morava num interior bem distante...//

trabalhei na roça com meus pais...//foi quando surgiu a oportunidade de vir trabalhar aqui na capital...//separada...com duas filhas pequenas...tive que deixá-las com minha mãe para poder trabalhar...//trabalhei numa empresa terceirizada por dois anos...//foi quando tudo mudou na minha vida... ralei muito...//troquei de empresa...//fiz um curso de técnico de contabilidade...//alguns anos depois...consegui comprar minha casinha...//fiz uma faculdade na minha área...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	<u>Moro</u> aqui em Manaus <u>há</u> vinte e três anos	Orientação
2	SS	antes de <u>vim morar</u> aqui...	
3	SL	eu <u>morava</u> num interior bem distante daqui...	
4	SS	<u>trabalhei</u> na roça com meus pais...	Complicação
5	SS	<u>foi</u> quando <u>surgiu</u> a oportunidade de <u>vir</u>	
6	SL	<u>trabalhar</u> aqui na capital... separada...com duas filhas pequenas...	
7	SS	<u>tive</u> que <u>deixá</u> -las com minha mãe para	
8	SL	<u>poder trabalhar</u> ...	
9	SS	<u>trabalhei</u> numa empresa terceirizada por dois anos...	
10	SS	<u>foi</u> quando tudo <u>mudou</u> na minha vida...	
11	SS	<u>ralei</u> muito...	
12	SS	<u>troquei</u> de empresa...	
13	SL	<u>recebendo</u> um pouco mais...	
14	SS	<u>fiz</u> um curso de técnico de contabilidade...	
15	SS	alguns anos depois... <u>consegui comprar</u> minha casinha...	
16	SL	onde <u>moro</u> até hoje...	
17	SL	pra <u>melhorar</u> minha situação com minhas	
18	SL	filhas já grandes e <u>morando</u> comigo...	
19	SS	<u>fiz</u> uma faculdade na minha área...	
20	SL	<u>tenho</u> uma vida confortável hoje <u>resumindo</u> (risos)...	Resolução

21	SL	essa <u>é</u> mais ou menos um pouco de uma pessoa trabalhadora... trabalhadora...	
22	SR	e... <u>espero continuar</u> com essa força e coragem de <u>lutar</u> na vida...	Coda

3ª Narrativa

A narradora orienta o ouvinte sobre o lugar, as pessoas “meu nome é xxxxxxxxxxxx, mas todos me chamam de xxxxxxxxxxxx //nasci em Fortaleza...//e há dezoito anos estou fora da minha terrinha...”. Em seguida, inicia a complicação com uma sequência de eventos que formam a sequência narrativa “sou de família humilde...//onde os filhos precisavam começar a trabalhar cedo para ajudar os pais...//por isso comecei a trabalhar cedo para ajudar os pais...//por isso comecei a trabalhar aos 13 anos prá ajudar em casa...//meu pai não valorizou os estudos...//por ele... os filhos não tinham frequentado a escola...//minha mãe foi quem lutou para que a gente estudasse e fosse alfabetizado...//dos quatro irmãos apenas eu me interessei mais pelos estudos...//aos 18 anos consegui entrar prá servir na aeronáutica como soldado...//no primeiro ano que servia...consegui ser aprovado no concurso prá sargento...//deixei minha família em Fortaleza...//eu fui morar em São Paulo para fazer o curso de Especialistas da Aeronáutica ... eu tinha apenas 19 anos ao terminar esse curso que durou dois anos...//eu fui transferido para Brasília onde morei sete anos...//depois morei em Natal mais seis anos...//lá... eu passei no vestibular da UFRN para o curso de Matemática...com...mas devido a minha carreira militar onde estou sempre em missões...//ainda não consegui concluir o curso...//vim morar aqui em Manaus há três anos...//é um lugar muito quente...mas muito abençoado...

O uso de verbos no pretérito perfeito constituem o eixo narrativo“nasci em Fortaleza...// sou de família humilde...//onde os filhos precisavam começar a trabalhar cedo pra ajudar os pais...//por isso comecei a trabalhar cedo...pra ajudar os pais...//por isso comecei a trabalhar aos 13 anos... pra ajudar em casa...//meu pai não valorizou os estudos...//minha mãe foi quem lutou...//dos quatro irmãos apenas eu me interessei mais pelos estudos...//aos 18 anos consegui entrar prá servir na aeronáutica como soldado...//consegui ser aprovado no concurso pra sargento...//deixei minha família em Fortaleza... //eu fui morar em São Paulo...//que durou dois anos...//eu fui transferido para Brasília onde morei sete anos...//depois morei em Natal mais seis anos...//lá... eu passei no vestibular da UFRN para o curso de

Matemática...//mas devido a minha carreira militar...onde estou sempre em missões...ainda não consegui concluir o curso...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	Meu nome é xxxxxxxxxxxxxx	Orientação
2	SL	mas todos me <u>chamam</u> de xxxxxxxxxxxx...	
3	SS	<u>nasci</u> em Fortaleza...	
4	SL	e <u>há</u> dezoito anos <u>estou</u> fora da minha terrinha...	
5	SL	<u>sou</u> de família humilde...	Complicação
6	SS	onde os filhos <u>precisavam começar</u> a	
7	SL	<u>trabalhar</u> cedo pra <u>ajudar</u> os pais...	
8	SS	por isso <u>comecei</u> a <u>trabalhar</u> cedo...	
9	SL	pra <u>ajudar</u> os pais...	
10	SS	por isso <u>comecei</u> a <u>trabalhar</u> aos 13 anos...	
11	SL	pra <u>ajudar</u> em casa...	
12	SS	meu pai não <u>valorizou</u> os estudos...	
13	SL	por ele... os filhos não <u>tinham frequentado</u> a escola...	
14	SS	minha mãe <u>foi</u> quem <u>lutou</u> ...	
15	SL	para que a gente <u>estudasse</u> e <u>fosse</u> alfabetizado...	
16	SS	dos quatro irmãos apenas eu me <u>interessei</u> mais pelos estudos...	
17	SS	aos 18 anos <u>consegui entrar</u> prá <u>servir</u> na aeronáutica como soldado...	
18	SL	no primeiro ano que <u>servia</u> ...	
19	SS	<u>consegui ser aprovado</u> no concurso pra sargento...	
20	SS	<u>deixei</u> minha família em Fortaleza...	
21	SS	eu <u>fui morar</u> em São Paulo	
22	SL	para <u>fazer</u> o curso de Especialistas da Aeronáutica ...	

23	SL	eu <u>tinha</u> apenas 19 anos ao <u>terminar</u> esse curso...	
24	SS	que <u>durou</u> dois anos...	
25	SS	eu <u>fui transferido</u> para Brasília onde <u>morei</u> sete anos...	
26	SS	depois <u>morei</u> em Natal mais seis anos...	
27	SS	lá... eu <u>passei</u> no vestibular da UFRN para o curso de Matemática... mas devido a minha carreira militar...onde	
28	SS	<u>estou</u> sempre em missões...	
29	SS	ainda não <u>consegui concluir</u> o curso...	
30	SS	<u>Vim morar</u> aqui em Manaus...	Resolução
31	SL	<u>há</u> três anos...	
32	SR	<u>é</u> um lugar muito quente...mas muito abençoado...	Coda

4ª Narrativa

Nesta narrativa, o narrador orienta o ouvinte iniciando com um marcador verbal “bom...morei...//passei muito tempo lá com minha mãe...//lá no sítio com minha mãe...//onde ela morava em Nova Olinda...//ái eu queria ser mais independente...//assim então vim mim bora pra Manaus...”. //eu conheci minha madrinha...//ái eu fiquei com ela morando... trabalhando...na casa dela...//morando... trabalhando... fiquei dez anos...//ái... estudei...terminei o ensino médio...//ái fui embora prá Fortaleza...//de lá fomos prá lá...//ficamos mais ou menos uns 3 anos com ela...//ái... comecei a estuda://tive oportunidade de estudar lá://só que não terminei meu curso de nutrição porque tive que vim embora por causa do meu pai que tinha falecido ...//então vim embora por causa da minha família...//eu me sentia muito triste que tava longe mas tava feliz porque minha madrinha me tratava muito bem...//passei 3 anos com ela...//vim prá cá com minha família...cheguei em Manaus...//fiquei com meu irmão que se chama Elielson na casa onde ele morava...//ái fiquei...//passei mais ou menos uns 3 meses...//ái eu conheci o meu marido...que foi o Miguel...//ái eu conheci e fiquei namorando mais ou menos 3 meses com ele...//ái se juntamos...//depois nós fomos no cartório...//e nos casamos...//ái vivo até hoje com ele...

A complicação em “eu conheci minha madrinha...//aí...eu fiquei com ela...//morando... trabalhando...na casa dela...//morando... trabalhando...//fiquei dez anos...//aí... estudei...terminei o ensino médio...//aí fui embora prá Fortaleza//de lá fomos pra lá...//ficamos mais ou menos uns 3 anos com ela...//aí... comecei a estudar...tive oportunidade de estudar lá...//só que não terminei meu curso de nutrição...//porque tive que vim embora...//por causa do meu pai que tinha falecido... //então vim embora por causa da minha família...//eu me sentia muito triste...//que tava longe...mas tava feliz...//porque minha madrinha me tratava muito bem...//passei 3 anos com ela...//vim prá cá com minha família...//cheguei em Manaus...//fiquei com meu irmão...//que se chama Elielson...//na casa onde ele morava...//aí fiquei...//passei mais ou menos uns 3 meses...//aí eu conheci o meu marido...//que foi o Miguel...//aí eu conheci e fiquei namorando mais ou menos 3 meses com ele...//aí se juntamos...”.

A resolução em “depois nós fomos no cartório...//e nos casamos...”. A coda em “aí vivo até hoje com ele...”.

Os verbos no modo indicativo, tempo presente são os que formam o eixo narrativo “bom morei...//passei muito tempo lá:: com minha mãe...//assim... então vim mim bora pra Manaus...//eu conheci minha madrinha...//aí...eu fiquei com ela...//fiquei dez anos...//aí... estudei...terminei o ensino médio...//aí fui embora prá Fortaleza//de lá fomos pra lá...//ficamos mais ou menos uns 3 anos com ela...//aí... comecei a estudar...//tive oportunidade de estudar lá...//só que não terminei meu curso de nutrição...//porque tive que vim embora...//então vim embora por causa da minha família...//passei 3 anos com ela...//vim prá cá com minha família...//cheguei em Manaus...//fiquei com meu irmão...//aí fiquei...//passei mais ou menos uns 3 meses...//aí eu conheci o meu marido...//que foi o Miguel...//aí eu conheci e fiquei namorando mais ou menos 3 meses com ele...//aí se juntamos...// depois nós fomos no cartório...//e nos casamos...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	Bom <u>morei</u> ...	Orientação
2	SS	<u>passei</u> muito tempo lá:: com minha mãe... lá:: no sítio com minha mãe...	
3	SL	onde ela <u>morava</u> em Nova Olinda...	
4	SL	aí... eu <u>queria ser</u> mais independente...	
5	SS	assim... então <u>vim</u> mim bora pra Manaus...	

6	SS	eu <u>conheci</u> minha madrinha...	Complicação
7	SS	aí...eu <u>fiquei</u> com ela...	
8	SL	<u>morando</u> ... <u>trabalhando</u> ...na casa dela...	
9	SL	<u>morando</u> ... <u>trabalhando</u> ...	
10	SS	<u>fiquei</u> dez anos...	
11	SS	aí... <u>estudei</u> ... <u>terminei</u> o ensino médio...	
12	SS	aí <u>fui</u> embora prá Fortaleza///	
13	SS	de lá <u>fomos</u> pra lá...	
14	SS	<u>ficamos</u> mais ou menos uns 3 anos com ela...	
15	SS	aí... <u>comecei</u> a <u>estudar</u> ...	
16	SS	<u>tive</u> oportunidade de <u>estudar</u> lá...	
17	SS	só que não <u>terminei</u> meu curso de nutrição...	
18	SS	porque <u>tive</u> que <u>vim</u> embora...	
19	SL	por causa do meu pai que <u>tinha falecido</u> ...	
20	SS	então <u>vim</u> embora por causa da minha família...	
21	SL	eu me <u>sentia</u> muito triste...	
22	SL	que <u>tava</u> longe...mas <u>tava</u> feliz...	
23	SL	porque minha madrinha me <u>tratava</u> muito bem...	
24	SS	<u>passei</u> 3 anos com ela...	
25	SS	<u>vim</u> prá cá com minha família...	
26	SS	<u>cheguei</u> em Manaus...	
27	SS	<u>fiquei</u> com meu irmão...	
28	SL	que se <u>chama</u> Elielson...	
29	SL	na casa onde ele <u>morava</u> ...	
30	SS	aí <u>fiquei</u> ...	
31	SS	<u>passei</u> mais ou menos uns 3 meses...	
32	SS	aí eu <u>conheci</u> o meu marido...	
33	SS	que <u>foi</u> o Miguel...	
34	SS	aí eu <u>conheci</u> e <u>fiquei namorando</u> mais ou	

35	SS	menos 3 meses com ele... aí se <u>juntamos...</u>	
36	SS	depois nós <u>fomos</u> no cartório...	Resolução
37	SS	e nos <u>casamos...</u>	
38	SR	aí <u>vivo</u> até hoje com ele...	Coda

5ª Narrativa

O narrador-enunciador orienta o ouvinte usando um marcador verbal “bom minha infância foi no interior...//estudava também no interior...//minha mãe era professora...//eu estudava com ela... aí depois até a ... até a 4ª série...”.

A complicação dá-se em “e depois eu tive outros professores...//estudei até a 7ª série...//aí eu vim pra Manaus...//fazer curso no Pro Menor D. Bosco...//fazer curso pra mim estudar aqui em Manaus...//também em 2001...eu fui prá Belém...//e de lá terminei meu estudo lá em Belém...//aí passado uns tempos...vim prá cá::prá Manaus...//com a intenção de estudar de fazer uma faculdade e também trabalhar...”.

A resolução em “para melhorá a minha renda...”. a coda em “então é isso minha vida é essa.”.

O informante utiliza os verbos no pretérito perfeito para formar o eixo narrativo “bom minha infância foi no interior...//e depois eu tive outros professores...//estudei até a 7ª série...//aí eu vim pra Manaus...//também em 2001...eu fui prá Belém...//e de lá terminei meu estudo lá em Belém...//aí passado uns tempos...vim prá cá::prá Manaus...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	Bom minha infância <u>foi</u> no interior...	Orientação
2	SL	<u>estudava</u> também no interior...	
3	SL	minha mãe <u>era</u> professora...	
4	SL	eu <u>estudava</u> com ela...aí depois até a ... até a 4ª série...	

5	SS	e depois eu <u>tive</u> outros professores...	Complicação	
6	SS	<u>estudei</u> até a 7ª série...		
7	SS	aí eu <u>vim</u> pra Manaus...		
8	SL	<u>fazer</u> curso no Pro Menor D. Bosco...		
9	SL	<u>fazer</u> curso pra mim <u>estudar</u> aqui em Manaus...		
10	SS	também em 2001...eu <u>fui</u> prá Belém		
11	SS	e de lá <u>terminei</u> meu estudo lá em Belém...		
12	SS	aí passado uns tempos... <u>vim</u> prá cá::prá Manaus...		
13	SL	com a intenção de <u>estudar</u> de <u>fazer</u> uma		
14	SL	faculdade e também <u>trabalhar</u> ...		
15	SL	para <u>melhorar</u> a minha renda...		Resolução
16	SR	então <u>é</u> isso minha vida <u>é</u> essa.		Coda

6ª Narrativa

Iniciei os primeiros passos em dança aos seis anos de idade na escola SESI CAT3 dançando todos os ritmos...//minha família não tinha condições financeiras para colocar-me numa academia de balé profissional...//então continuei esta arte até os meus treze anos na escola SESI CAT3...//parei por um ano...//e voltei aos quinze anos de idade... porém no CCA BERG...//depois fui para o Cláudio Santoro...//e ingressei na universidade...//Atualmente... sou professora do clube do trabalhador do SESI... //há três anos ministro aulas para crianças... jovens... adultos e terceira idade...//sou muito feliz...//e realizada profissionalmente...

A orientação da narrativa dá-se em “Iniciei os primeiros passos em dança aos seis anos de idade na escola SESI CAT3... dançando todos os ritmos...”. em seguida a complicação em “minha família não tinha condições financeiras... //para colocar-me numa academia de balé profissional...//então continuei esta arte...até os meus treze anos na escola SESI CAT3...//parei por um ano...//e voltei aos quinze anos de idade... porém no CCA BERG...//depois fui para o Cláudio Santoro...//e ingressei na universidade...//atualmente... sou professora do clube do trabalhador do SESI...”. logo após, a resolução dá-se em “há três anos ministro aulas para crianças... jovens... adultos e terceira idade...”. e, finalmente, a coda em “sou muito feliz...”.

O uso de verbos no pretérito perfeito forma o esqueleto narrativo “inicie os primeiros passos em dança aos seis anos de idade na escola SESI CAT3...//então continue esta arte...até os meus treze anos na escola SESI CAT3...//parei por um ano...//e voltei aos quinze anos de idade... porém no CCA BERG...//depois fui para o Cláudio Santoro...//e ingressei na universidade...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	<u>Inicie</u> os primeiros passos em dança aos seis anos de idade na escola SESI CAT3...	Orientação
2	SL	<u>dançando</u> todos os ritmos...	
3	SL	minha família não <u>tinha</u> condições financeiras...	Complicação
4	SL	para <u>colocar-me</u> numa academia de balé profissional...	
5	SS	então <u>continue</u> esta arte...até os meus treze anos na escola SESI CAT3...	
6	SS	<u>parei</u> por um ano...	
7	SS	e <u>voltei</u> aos quinze anos de idade... porém no CCA BERG	
8	SS	depois <u>fui</u> para o Cláudio Santoro...	
9	SS	e <u>ingressei</u> na universidade...	
10	SL	atualmente... <u>sou</u> professora do clube do trabalhador do SESI...	
11	SL	<u>há</u> três anos <u>ministro</u> aulas para crianças... jovens... adultos e terceira idade...	Resolução
12	SL	<u>sou</u> muito feliz...	Coda
13	SR	e <u>realizada</u> profissionalmente...	

7ª Narrativa

O narrador orienta o ouvinte apresentando o local, o momento e as pessoas envolvidas na narrativa “bem... meu nome é xxxxx...//sou natural de Porto Alegre - Rio Grande do Sul... uhn...”.

A complicação em “mas morei quase toda minha vida no nordeste... né...//passei por vários estados... desde o Ceará... Paraíba... Pernambuco... Alagoas...//e agora estou aqui em Manaus – Amazonas...//uhn::: passei por vários estados... desde o Ceará... Paraíba... Pernambuco... Alagoas...//e agora estou aqui em Manaus – Amazonas...uhn::://assim::: o meu sotaque mesmo...quando eu vou lá:://pro sul me chamam de nordestino, né:://meus primos e tios tiram onda de mim falando...//que eu sou o nordestino da família...//mas quando eu morava no nordeste o pessoal me confundia com paulista...né:://não me conheciam como gaúcho mesmo não...//mas me conheciam como paulista...//diziam que eu tinha um sotaque paulista...//e eu assim...de verdade...eu não sei...//se o sotaque é paulista...se é gaúcho...se é nordestino...alagoano...paraibano...pernambucano ou manauara...”.

A resolução em “agora é uma salada só...”. a coda em “então é isso ah...eh...”.

O uso dos verbos no pretérito perfeito mostram a temporalidade narrativa “mas morei quase toda minha vida no nordeste... né...//passei por vários estados... desde o Ceará... Paraíba... Pernambuco... Alagoas...//uhn::: passei por vários estados... desde o Ceará... Paraíba... Pernambuco... Alagoas...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	Bem... meu nome <u>é</u> xxxxx...	Orientação
2	SL	<u>sou</u> natural de Porto Alegre - Rio Grande do Sul... uhn...	
3	SS	mas <u>morei</u> quase toda minha vida no nordeste... né...	Complicação
4	SS	<u>passei</u> por vários estados... desde o Ceará... Paraíba... Pernambuco... Alagoas...	
5	SL	e agora <u>estou</u> aqui em Manaus – Amazonas	
6	SS	uhn::: <u>passei</u> por vários estados... desde o Ceará... Paraíba... Pernambuco... Alagoas...	
7	SL	e agora <u>estou</u> aqui em Manaus – Amazonas...uhn:::	
8	SL	assim::: o meu sotaque mesmo...quando eu <u>vou</u> lá::	
9	SL	pro sul me <u>chamam</u> de nordestino, né::	
10	SL	meus primos e tios <u>tiram</u> onda de mim	

11	SL	<u>falando...</u>	
12	SL	que eu <u>sou</u> o nordestino da família...	
13	SL	mas quando eu <u>morava</u> no nordeste o	
14	SL	peçoal me <u>confundia</u> com paulista...né::	
15	SL	não me <u>conheciam</u> como gaúcho mesmo	
		não...	
16	SL	mas me <u>conheciam</u> como paulista...	
17	SS	<u>diziam</u> que eu <u>tinha</u> um sotaque paulista...	
18	SL	e eu assim...de verdade...eu não <u>sei</u> ...	
19	SL	se o sotaque <u>é</u> paulista...se <u>é</u> gaúcho...se <u>é</u>	
		nordestino...alagoano...paraibano...	
		pernambucano ou manauara...	
20	SL	agora <u>é</u> uma salada só..	Resolução
21	SR	então <u>é</u> isso ah...eh...	Coda

8ª Narrativa

A narradora orienta o ouvinte com as sentenças “bem... eu nasci na cidade de Uruará - interior do estado do Amazonas...//sou filho de xxxx...//minha mãe tem o nome de xxxxx...//nós somos... éh... por todo nove irmãos...//eh... sendo que sete são homens e duas... são mulheres...//e... bem... a minha origem...na época dos meus avós... que vieram do Líbano da Segunda Guerra...//Mundial...”.

Na complicação, há uma série de eventos que estão organizados temporalmente e do ponto de vista organizacional em “e... bem... a minha origem...na época dos meus avós... que vieram do Líbano da Segunda Guerra Mundial...// então sou de origem libanesa...//eh... minha família alí na minha cidade tem uma tradição política:://onde o meu avô Antônio Felipe foi prefeito:://o meu tio... irmão do meu avô... também foi prefeito...//e.. o meu pai tem aí uma carreira política... onde teve cinco mandatos de vereador... duas de vice prefeito e uma de prefeito...//desde então...assim... é... a origem da minha história...//tive uma adolescência um tanto quanto conturbada...//porém tenho orgulho de ser filho dos...dos meus pais...//devido pra mim... eles tem sido até hoje um referencial como pais exemplares...//que muito se esforçaram...//para criarem seus filhos... né...dentro dessa... dentro de muita dificuldade financeira...//mas nunca deixaram de lutarem pra criar... seus filhos... obtendo... assim... o

êxito...//que eles o obtiveram na criação de nove filhos...que já todos adultos, casados... né...//deram muitos netos pra ele...em decorrência de algumas vezes... na ausência do meu pai...//é.. isso influenciou muito na.. no meu crescimento... na minha criação...//devido meu pai ter que sair pra trabalhar...//ir buscar de nosso sustento...//então... eu passei minha infância e adolescência sem a presença de meu pai muitas das vezes...//então... logo... chegando na fase de adolescente...//tive uma adolescência complicadíssima... que ao invés de ter uma convivência saudável na minha fase de adolescente com meus amigos, com meus colegas...//tive uma adolescência um tanto quanto conturbada com características de violência...//é... provei de bebidas alcoólicas muito cedo... né:...//devido a toda essa situação de meu pai ter que trabalhar...//e ficar longe da família pra sustentar os filhos quando chegasse...//então logo após tudo isso... eu vim para Manaus...né:...//resolver alguns problemas familiares... fazer algum exame...né:...//é... vim pra médico aqui em Manaus... porque no interior naquela época não existia tanto recurso assim...//então... logo... eu tive uma oportunidade de... na viagem... dentro de um barco...//ter um encontro com Deus...//que foi um ponto crucial na minha vida...//pra reestruturar minha situação emocional...//que naquela época estava um tanto destruída...//logo após isso... retornei a minha cidade de Uruará...//vivi uma nova vida... né...//nessa nova vida... encontrei uma comunidade de pessoas diferenciadas da onde eu convivia... né:...//e passado alguns três anos... passados três anos...//depois aí eu tive uma situação um tanto que desagradável...//tive que retornar pra Manaus...//aí... foi quando eu comecei a estudar...//terminando o meu ensino médio...//buscando emprego pra que eu tivesse renda...//nisso consegui um emprego de vendedor de sapatos no shopping...//depois prestei o vestibular pra direito...//passei...//e assim minha vida foi se modificando...//fui sendo assessor na Assembleia Legislativa do Estado...//fui galgando espaço no meio da sociedade Manauara...//então... logo... comecei a estudar...//encontrei uma namorada...//que hoje é a mãe dos meus filhos...//somos casados...//temos dois filhos...//e... tivemos alguns problemas de conflitos familiares...//porém nós superamos isso... né://devido mesmo ter casado antes de ter uma vida estabilizada financeiramente...//e... graças a Deus... hoje... nós superamos...//hoje estou... continuo a estudar... né://voltei a estudar novamente...//teve uma época que eu tranquei...//fui garçom...//vi que o meu sonho de... de ser advogado estava ficando pra trás...//retornei a faculdade com ajuda de Deus e de meus pais...//e hoje estou finalizando meu curso...”.

A resolução em “tenho uma vida um tanto que mais... tranquila junto da minha família... né:”. A coda em “essa é um pouco de história de vida que eu tenho...”.

bem... eu nasci na cidade de Urucará - interior do estado do Amazonas...// meus avós... que vieram do Líbano da Segunda Guerra Mundial...// onde o meu avô Antonio Felipe foi prefeito:://o meu tio... irmão do meu avô... também foi prefeito...//e.. o meu pai tem aí uma carreira política... onde teve cinco mandatos de vereador... duas de vice prefeito e uma de prefeito...//tive uma adolescência um tanto quanto conturbada... //que muito se esforçaram...”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	bem... eu <u>nasci</u> na cidade de Urucará - interior do estado do Amazonas...	Orientação
2	SL	<u>sou</u> filho de xxxx...	
3	SL	minha mãe <u>tem</u> o nome de xxxxx...	
4	SL	nós <u>somos</u> ... éh... por todo nove irmãos...	
5	SL	eh... <u>sendo</u> que sete <u>são</u> homens e duas...	
6	SL	<u>são</u> mulheres...	
7	SS	e... bem... a minha origem...na época dos meus avós... que <u>vieram</u> do Líbano da Segunda Guerra Mundial...	
8	SS	então <u>sou</u> de origem libanesa...	Complicação
9	SL	eh... minha família alí na minha cidade <u>tem</u> uma tradição política::	
10	SS	onde o meu avô Antonio Felipe <u>foi</u> prefeito::	
11	SS	o meu tio... irmão do meu avô... também <u>foi</u> prefeito...	
12	SL	e.. o meu pai <u>tem</u> aí uma carreira política...	
13	SS	onde <u>teve</u> cinco mandatos de vereador... duas de vice prefeito e uma de prefeito	
14	SL	desde então...assim... <u>é</u> ... a origem da minha história...	
15	SS	<u>tive</u> uma adolescência um tanto quanto conturbada...	
16	SL	porém <u>tenho</u> orgulho de <u>ser</u> filho dos...dos	

17		meus pais...	
	SL	devido pra mim... eles <u>tem sido</u> até hoje	
18	SS	um referencial como pais exemplares... que muito se <u>esforçaram</u> ...	
19	SL	para <u>criarem</u> seus filhos... né...dentro dessa... dentro de muita dificuldade financeira...	
20	SS	mas nunca <u>deixaram</u> de <u>lutarem</u> pra <u>criar</u> ...	
21	SL	seus filhos... <u>obtendo</u> ... assim... o êxito	
22	SL	que eles o <u>obtiveram</u> na criação de nove filhos...que já todos adultos, casados...	
23	SS	né... <u>deram</u> muitos netos pra ele...em	
24	SS	decorrência de algumas vezes... na	
25	SS	ausência do meu pai...	
26	SL	<u>é</u> . isso <u>influenciou</u> muito na.. no meu	
27	SS	crescimento... na minha criação... devido meu pai ter que <u>sair</u> pra <u>trabalhar</u> ...	
28	SL	<u>ir buscar</u> de nosso sustento então... eu <u>passei</u> minha infância e	
29	SS	adolescência sem a presença de meu pai muitas das vezes	
30	SL	então... logo... chegando na fase de adolescente...	
31	SL	<u>tive</u> uma adolescência complicadíssima... que ao invés de ter uma convivência	
32	SS	saudável na minha fase de adolescente	
33	SL	com meus amigos, com meus colegas... <u>tive</u> uma adolescência um tanto quanto	
34	SS	conturbada com características de violência..	
35	SL	é... <u>provei</u> de bebidas alcoólicas muito	
36	SL	cedo... né...	

		devido a toda essa situação de meu pai ter ir que trabalhar...	
37	SL	e ficar longe da família pra sustentar os filhos quando chegasse...	
38	SL	então logo após tudo isso... eu <u>vim</u> para Manaus...né...	
39	SL	resolver alguns problemas familiares... fazer algum exame...né	
40	SL	é... <u>vim</u> pra médico aqui em Manaus...	
41	SL	porque no interior naquela época não <u>existia</u> tanto recurso assim...	
42	SS	então... logo... eu <u>tive</u> uma oportunidade de... na viagem... dentro de um barco...	
43	SL	<u>ter</u> um encontro com Deus...	
44	SS	que <u>foi</u> um ponto crucial na minha vida...	
45	SL	pra <u>reestruturar</u> minha situação emocional...	
46	SL	que naquela época <u>estava</u> um tanto destruída...	
47	SS	logo após isso... <u>retornei</u> a minha cidade de Urucará...	
48	SS	<u>vivi</u> uma nova vida... né...	
49	SS	nessa nova vida... <u>encontrei</u> uma comunidade de pessoas diferenciadas da	
50	SL	onde eu <u>convivia</u> ... né...	
51	SL	e <u>passado</u> alguns três anos... <u>passados</u> três anos...	
52	SS	depois aí eu <u>tive</u> uma situação um tanto que desagradável...	
53	SS	<u>tive</u> que <u>retornar</u> pra Manaus...	
54	SS	aí... <u>foi</u> quando eu <u>comecei</u> a <u>estudar</u> ...	
55	SL	<u>terminando</u> o meu ensino médio	
56	SL	<u>buscando</u> emprego pra que eu <u>tivesse</u>	

		renda...	
57	SS	nisso <u>consegui</u> um emprego de vendedor de sapatos no shopping...	
58	SS	depois <u>prestei</u> o vestibular pra direito	
59	SS	<u>passei</u> ...	
60	SS	e assim minha vida <u>foi se modificando</u> ...	
61	SS	<u>fui sendo</u> assessor na Assembleia Legislativa do Estado...	
62	SS	<u>fui galgando</u> espaço no meio da sociedade Manauara...	
63	SS	então... logo... <u>comecei a estudar</u> ...	
64	SS	<u>encontrei</u> uma namorada...	
65	SL	que hoje <u>é</u> a mãe dos meus filhos...	
66	SS	<u>somos</u> casados...	
67	SL	<u>temos</u> dois filhos...	
68	SS	e... <u>tivemos</u> alguns problemas de conflitos familiares...	
69	SS	porém nós <u>superamos</u> isso... né::	
70	SL	devido mesmo <u>ter casado</u> antes de <u>ter</u> uma	
71	SL	vida estabilizada financeiramente...	
72	SS	e... graças a Deus... hoje... nós <u>superamos</u> ...	
73	SS	hoje <u>estou</u> ... continuo a <u>estudar</u> ... né::	
74	SS	<u>voltei a estudar</u> novamente...	
75	SS	<u>teve</u> uma época que eu <u>tranquei</u> ...	
76	SS	<u>fui</u> garçom...	
77	SS	<u>vi</u> que o meu sonho de... de <u>ser</u> advogado	
78	SL	<u>estava ficando</u> pra trás...	
79	SS	<u>retornei</u> a faculdade com ajuda de Deus e de meus pais...	
80	SL	e hoje <u>estou finalizando</u> meu curso...	
81	SL	<u>tenho</u> uma vida um tanto que mais... tranquila junto da minha família... né::	Resolução

82	SR	essa <u>é</u> um pouco de história de vida que eu <u>tenho</u> ...	Coda
----	----	--	------

9ª Narrativa

A orientação da narrativa dá-se em “sou casada...//tenho quatro filho... um morto e três vivo...//e desde... quando nasci... quando eu nasci...cum mês que tinha nascido...//minha mãe me deu pra uma tia me criar...”

O uso dos verbos no pretérito perfeito formam o eixo narrativo e situam o narrador no tempo narrativo“foi quando surgiu a oportunidade de vir trabalhar aqui na capital...//separada... com duas filhas pequenas tive que deixá-las com minha mãe para poder trabalhar...//trabalhei numa empresa terceirizada por dois anos...//foi quando tudo mudou na minha vida... ralei muito...//troquei de empresa... recebendo um pouco mais...//fiz um curso de técnico de contabilidade...//alguns anos depois... consegui comprar minha casinha... onde moro até hoje...//fiz uma faculdade na minha área...”.

A complicação dá-se em “e desde...quando nasci... quando eu nasci...//cum mês que tinha nascido...//minha mãe me deu...//pra uma tia me criar...//então... até os quatorze anos...eu achava...//que essa tia era minha mãe verdadeira...//que era a que me criou...//mas quando eu completei quatorze pra quinze ano... descobri que não era minha mãe verdadeira...//ela era minha tia... que a mãe verdadeira era a outra que eu chamava de tia... né...//eu fiquei um pouco revoltada por uns tempos...//mas depois consegui superar tudo...//porque minha mãe e meu pai... que me criaram...//eram muito bons comigo... apesar de meu pai ser bastante rígido...//mas no fundo eles eram bom comigo...//ele... porque me criou... me educou... me deu estudo até o tanto que ele pôde...//então... pra mim... isso foi bom...//depois aos dezessete ano... fui mãe solteira...//tive um filho que o nome dele é Maicon...né:...//então... depois que esse filho nasceu... passei muito sufoco...//porque logo em seguida... com dois meses que meu filho nasceu...//minha mãe morreu...//minha mãe que me criou...chegou a falecer...//então... eu tive que me virar sozinha...//pra criar meu filho...com dois meses... eu com dezessete ano...//tive que trabalhar...//e ao mesmo tempo cuidar do meu filho... né:...//antes não precisava...porque tinha minha mãe e ela cuidava dele... né:...//mas agora... aí... depois... eu peguei... né:...//devido à falta que a mãe fazia pra mim...//eu vim pra Manaus...//deixei meu filho com meu pai...//e vim embora pra Manaus atrás de um emprego melhor... //aonde eu pudesse ganhar melhor pra sustentar meu filho... né:...//porque o pai

nunca ajudou em nada...//chegando aqui, eu trabalhei em várias casas de família... né:...aí... trabalhei cinco anos como doméstica...//aí... cinco anos que eu já tinha de doméstica...//aí...eu casei... //e tive mais três filho...//ah... com esse casamento que durou dezessete ano...//só que eu tive que me separar...//eu... infelizmente... tive que me separar...//hoje em dia... faz um ano que sou separada e... casei de novo... né:...//tô cum quatro meses de casada com meu novo marido... né:...//e... vivemos eu... ele e meu filho... né:...//e essa é minha história de vida...//e essa é minha história de vida... né:...//é como eu vivo...”.

A resolução “e hoje em dia eu continuo sendo empregada doméstica com Dona Creuza que já conheço... há oito ano... né:...//continuo trabalhando pra ela...//e meu marido trabalha em uma empresa também...”. A coda “e essa é minha história de vida”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	<u>sou</u> casada...	Orientação
2	SL	<u>tenho</u> quatro filho... um morto e três vivo	
3	SS	e desde...quando <u>nasci</u> ... quando eu <u>nasci</u> ...	Complicação
4	SL	cum mês que <u>tinha nascido</u> ...	
5	SS	minha mãe me <u>deu</u> ...	
6	SL	pra uma tia me <u>criar</u> ...	
7	SL	então... até os quatorze anos...eu <u>achava</u> ...	
8	SL	que essa tia <u>era</u> minha mãe verdadeira...	
9	SS	que era a que me <u>criou</u> ...	
10	SS	mas quando eu <u>completei</u> quatorze pra	
11	SS	quinze ano... <u>descobri</u> que não <u>era</u> minha mãe verdadeira...	
12	SL	ela <u>era</u> minha tia... que a mãe verdadeira	
13	SL	<u>era</u> a outra que eu <u>chamava</u> de tia... né...	
14	SS	eu <u>fiquei</u> um pouco revoltada por uns tempos...	
15	SS	mas depois <u>consegui superar</u> tudo...	
16	SS	porque minha mãe e meu pai... que me <u>criaram</u> ...	
17	SL	<u>eram</u> muito bons comigo... apesar de meu	
18	SL	pai <u>ser</u> bastante rígido...	

19	SL	mas no fundo eles <u>eram</u> bom comigo
20	SS	ele... porque me <u>criou</u> ... me <u>educou</u> ... me
21	SS	<u>deu</u> estudo até o tanto que ele <u>pôde</u>
22	SS	então... pra mim... isso <u>foi</u> bom
23	SS	depois aos dezessete ano... <u>fui</u> mãe solteira...
24	SS	<u>tive</u> um filho que o nome dele <u>é</u> Maicon...né...
25	SS	então... depois que esse filho <u>nasceu</u> ...
26	SS	<u>passei</u> muito sufoco... porque logo em seguida... com dois meses
27	SS	que meu filho <u>nasceu</u> ...
28	SS	minha mãe <u>morreu</u> ...
29	SS	minha mãe que me <u>criou</u> ... <u>chegou</u> a <u>falecer</u>
30	SS	então... eu <u>tive</u> que me <u>virar</u> sozinha...
31	SL	pra criar meu filho...com dois meses... eu com dezessete ano...
32	SS	<u>tive</u> que <u>trabalhar</u> ...
33	SL	e ao mesmo tempo <u>cuidar</u> do meu filho... né...
34	SL	antes não <u>precisava</u> ...porque <u>tinha</u> minha
35	SL	mãe e ela <u>cuidava</u> dele... né
36	SS	mas agora... aí... depois... eu <u>peguei</u> ... né::
37	SL	devido à falta que a mãe <u>fazia</u> pra mim...
38	SS	eu <u>vim</u> pra Manaus...
39	SS	<u>deixei</u> meu filho com meu pai...
40	SS	e <u>vim</u> embora pra Manaus atrás de um emprego melhor...
41	SL	aonde eu <u>pudesse ganhar</u> melhor pra
42	SL	<u>sustentar</u> meu filho... né::
43	SS	porque o pai nunca <u>ajudou</u> em nada...
44	SS	<u>chegando</u> aqui, eu <u>trabalhei</u> em várias casas de família... né::

45	SS	aí... <u>trabalhei</u> cinco anos como doméstica...	
46	SL	aí... cinco anos que eu já <u>tinha</u> de doméstica...	
47	SS	aí...eu <u>casei</u> ...	
48	SS	e <u>tive</u> mais três filho...	
49	SS	ah... com esse casamento que <u>durou</u> dezessete ano...	
50	SS	só que eu <u>tive</u> que me <u>separar</u> ...	
51	SS	eu... infelizmente... <u>tive</u> que me <u>separar</u> ...	
52	SS	hoje em dia... <u>faz</u> um ano que <u>sou</u> separada	
53	SS	e... <u>casei</u> de novo... né::	
54	SL	<u>tô</u> cum quatro meses de casada com meu novo marido... né::	
55	SS	e... <u>vivemos</u> eu... ele e meu filho... né::	
56	SL	e essa <u>é</u> minha história de vida...	
57	SL	e essa <u>é</u> minha história de vida... né::	
58	SL	<u>é</u> como eu <u>vivo</u> ...	
59	SL	e hoje em dia eu <u>continuo sendo</u>	Resolução
60	SL	empregada doméstica com Dona Creuza que já <u>conheço</u> ... <u>há</u> oito ano... né...	
61	SL	<u>continuo trabalhando</u> pra ela...	
62	SL	e meu marido <u>trabalha</u> em uma empresa também...	
63	SR	e essa <u>é</u> minha história de vida.	Coda

10ª Narrativa

A orientação dá-se em “olá...bem:: meu nome é xxxxxxxx...//eu sou professor... de matemática...//de...do...Waldocke...terceiro colégio militar... da... polícia militar...” quando o narrador mostra ao ouvinte o local, a pessoa que desenvolverá a narrativa.

A complicação dá-se em “eu quero contar a minha história...//é o seguinte...é o seguinte ((risos)) quando eu era criança...//eu sempre sonhei em ser astronauta...certo?...mais:: eh...como no caso... o passar do tempo...//eu nunca tive apoio da família...//e...apesar de

minha mãe nunca morar...//comigo...meu pai...//então...eu vivia na casa da minha vó://e...como toda criança...eu...sonhava né?...//aí...toda madrugada eu saía do...saía de dentro do quarto ...//e...como via a porta...era...apenas travada pelo ferrolho...aquele ferrolho...//saía...para ver as estrelas...//e eu achava aquilo tão bonito...//então aquilo...foi através dali;;...//que eu consegui verificar::...//que...sei lá::...//eu me apaixonei pela primeira vez...//foi quando tive a sensação que aquilo...é bom pra mim...//aí...eu verifiquei que...//eu queria ser alguma coisa...relacionado ao universo...ou seja...fora da terra...//e...então...foi daí:: que eu criei a ideia de ser um astronauta...//apesar de não conhecer...não saber o que era isso...//mas...eu já tive esse sonho comigo... então...até hoje...eu gosto de...desafios...//eu procurei a matemática...//porque a matemática...é uma ciência muito...ela é um tipo da...digamos que o professor de matemática é o inimigo de muitos alunos...porém...por ser desafiante...//eu gostei...”.

A resolução “e...hoje...vinte e seis anos de idade...eu...ainda...sonho ser um astronauta...”. A coda em “e...meu sonho vai ser realizado...obrigado”.

Linhas	Sentenças	Eventos	Elementos
1	SR	Olá...bem:: meu nome é <u>é</u> xxxxxxxx...	Orientação
2	SL	eu <u>sou</u> professor... de matemática de...do...Waldocke...terceiro colégio militar... da... polícia militar...	
3	SL	eu <u>quero contar</u> a minha história...	Complicação
4	SL	<u>é</u> o seguinte... <u>é</u> o seguinte ((risos)) quando	
5	SI	eu <u>era</u> criança...	
6	SS	eu sempre <u>sonhei</u> em <u>ser</u> astronauta...certo?...mais:: eh...como no caso... o <u>passar</u> do tempo...	
7	SS	eu nunca <u>tive</u> apoio da família...	
8	SL	e...apesar de minha mãe nunca <u>morar</u> ... comigo...meu pai...	
9	SL	então...eu <u>vivia</u> na casa da minha vó::	
10	SL	e...como toda criança...eu... <u>sonhava</u> né?...	
11	SL	aí...toda madrugada eu <u>saía</u> do...saía de dentro do quarto	

12	SL	e...como <u>via</u> a porta... <u>era</u> ...apenas travada pelo ferrolho...aquele ferrolho	
13	SL	<u>saía</u> ...para <u>ver</u> as estrelas	
14	SL	e eu <u>achava</u> aquilo tão bonito...	
15	SS	então aquilo... <u>foi</u> através dali	
16	SS	que eu <u>consegui verificar</u> ::	
17	SL	que... <u>sei</u> lá::	
18	SS	eu me <u>apaixonei</u> pela primeira vez...	
19	SS	foi quando <u>tive</u> a sensação que aquilo... <u>é</u> bom pra mim...	
20	SS	aí...eu <u>verifiquei</u> que...	
21	SL	eu <u>queria ser</u> alguma coisa...relacionado ao universo...ou <u>seja</u> ... <u>fora</u> da terra...	
22	SS	e...então... <u>foi</u> daí:: que eu <u>criei</u> a ideia de	
23	SL	<u>ser</u> um astronauta...	
24	SL	apesar de não <u>conhecer</u> ...não <u>saber</u> o que <u>era</u> isso...	
25	SS	mas...eu já <u>tive</u> esse sonho comigo...	
26	SL	então...até hoje...eu <u>gosto</u> de...desafios...	
27	SS	eu <u>procurei</u> a matemática...	
28	SL	porque a matemática... <u>é</u> uma ciência	
29	SL	muito...ela <u>é</u> um tipo da... <u>digamos</u> que o	
30	SL	professor de matemática <u>é</u> o inimigo de	
31	SL	muitos alunos...porém...por <u>ser</u> desafiante...	
32	SS	eu <u>gostei</u>	
33	SL	e...hoje...vinte e seis anos de idade...eu...ainda...sonho ser um astronauta...	Resolução
34	SR	e...meu sonho vai ser realizado...obrigado	Coda

4.2 Avaliação

A avaliação é um mecanismo que o narrador-enunciador utiliza para manifestar o seu ponto de vista e despertar o interesse pelas informações, em relação à história contada, por isso é elemento de relevância na estrutura narrativa.

No desenvolvimento narrativo, os recursos avaliativos destacam cada acontecimento, tornando-se, nesse sentido, o enfeite que embeleza e atrai aquilo que se conta. É o efeito de encantamento.

Para Labov (1997) e Ferreira Netto (2008), as sentenças avaliadoras são constituídas, basicamente, por sentenças livres, que se manifestam pelo uso do subjuntivo, o verbo no modo *irrealis*, podendo aparecer também no indicativo, modo *realis*, nas formas do imperfeito, condicional e futuro. Outras formas que podem ser entendidas como avaliação são as cláusulas negativas, as comparações, os intensificadores e as repetições.

Há, no modelo laboviano, quatro tipos de avaliação: avaliação externa, avaliação encaixada, ação avaliativa e avaliação mediante suspensão da ação, que servem para que o narrador valorize determinados fatos narrados. A utilização desse recurso, na maioria das vezes, evidencia o desvio da sintaxe da narrativa. O encadeamento das sentenças narrativas é constituído por sentenças sequenciais, livres e presas, que [...] “podem assumir um caráter avaliativo e assim podem ser classificadas como sentenças avaliadoras”(Ferreira Netto, 2008, p.44).

A organização discursiva, portanto, é marcada por verbos no modo “*realis*”, pretérito perfeito, presente e pretérito imperfeito, corroborando com as proposições de Labov (1972), de que as orações narrativas têm como base tais verbos, como estratégia para o narrador situar a fala no local imaginado, dando a visão de completude da ação realizada. Outra estratégia para compor a narrativa são os verbos “*irrealis*” que garantem a atenção do ouvinte ao que está sendo narrado.

Os elementos avaliativos são utilizados pelo narrador para dar vida ao texto: é o ponto de vista deste em relação à história que conta e podem ser encontrados em qualquer ponto da narrativa (Labov, 1972).

Todas narrativas apresentadas neste trabalho retratam as experiências vivenciadas pelos narradores. Como constatado a avaliação ocorre no desenrolar narrativo, isto é, acaba por enriquecer o ato narrado. Essa postura reafirma o que Waletzky (1967) e Labov (1972) referiram-se de que as narrativas de experiência pessoal apresentam seções de avaliação.

Os diferentes tipos de avaliação que são inseridos no discurso mostram o perfil dos informantes. O texto é tecido por mecanismos que apresentam a identidade dos informantes, visto que as escolhas lexicais determinam os diferentes autores, corrobora com as ideias de Labov (1972) de que o falante se envolve ao narrar ou lembrar os eventos vividos. É o momento no qual os narradores-enunciadores compartilham com o outro a sua relação com o mundo.

No caso da avaliação externa, constatou-se que as pessoas não-letradas usaram mais esse mecanismo para apresentarem seus pontos de vistas do fato narrado do que os letrados.

Abaixo estão as expressões que os narradores-enunciadores usaram para prender a atenção do ouvinte. Os números que as antecedem significa o número referente ao informante

Há, segundo Labov (1972), quatro tipos de avaliações:

4.2.1 Externa – quando o narrador para a narrativa e vira-se para o ouvinte para lhe comunicar qual é o seu ponto de vista sobre o fato narrado:

Pessoas não-letradas:

(1) “o homem:: marido:: endoidô”; “nós conseguiu fazê a minha no São José IV”; “dá:: sol::...dá sol::...dá sol::...dá::aquela quentura::...demora::”; “e aquilo passa semana...assim...de frio::”; “uhn::: caramba::...é tão bom (risos)”; “graças a Deus::...tô bem aqui...”.

(2) “é longe ainda”... “lá tinha muito peixe-boi”... “já morreu”... “tinha bicho”... “pessoal fazia promessa”... “a sobrinha do Hermógenes... a Edite... lia”... “eu tinha loiça...loiça”... “eu num se...se ele ainda está vivo”... “não tinha nada”... “a gente já sabe o ônibus que passa lá”.

(3) “daquele que piô que tem... daquele que todo mundo sabe”... “eu...muita vergonha também...muita vergonha”... “nós:::mas meu pai era seringueiro”... “andano na mata”... “quem estive estudando”.

(4) “é muito bacana o trabalho... eu trabalho... eu trabalho na Associação... eles precisam que eu guarde a Associação”.

(5) “já tô mais parada”... “e a gente também precisa de muito”... “faz mais de trinta anos de casada”... “hoje...eu sô muito feliz”... “também sô evangélica”.

(6) “o problema é qui na época... não tínhamo professô na escola”... “era o que tinha na época”.

(7) “num tinha INSS...num tinha ajuda de nada”... “o meu irmão foi embora o meu irmão foi embora”...” ele foi ficando cego...não pôde fazê mais nada”... “de lutá por ele”... “e ele não tinha religião... era ignorante na... nas religiões”... “até Morrê::eu enterrei ele...mandei

enterrá”... “ele direitinho”... “eu tô aqui...acho quem...acho quem...encha meu pote todo dia todo dia...eu como... bebo... visto... calço”.

(8) “tenho acho”... “tenho por enquanto... a outra tá chegando por esse dia”... “através do meu cunhado”... “não vendo... nem troco”... “bem que minha mãe tentô muito”.

(9) “aqui no sul do Pará”... “se formando”... “isso é uma grande alegria”.

(10) “os banudi...filho da mãe”... “ali na Zé:: Cremente com Lobo D`Almada”... “por isso que eu eu mandei eles pra muito longe”.

Pessoas letradas

(1) “aí... ela subiu em cima de uma rede...e começou a balançar sozinha”... “antigo de madeira”.

(2) “ralei muito”... “pra melhorar minha situação”... “essa é mais ou menos um pouco de uma pessoa trabalhadora... trabalhadora”.

(3) “e há dezoito anos estou fora da minha terrinha”... “onde estou sempre em missões”.

(4) “eu me sentia muito triste”.

(5) “para melhorá a minha renda”.

(6) “sou muito feliz...e realizada profissionalmente”.

(7) “agora é uma salada só”.

(8) “então sou de origem libanesa”... “a origem da minha história”... “eles têm sido até hoje um referencial como pais exemplares”... “provei de bebidas alcoólicas muito cedo”... “assim minha vida foi se modificando”... “tivemos alguns problemas de conflitos familiares”... “fui garçom”.

(9) “eram muito bons comigo”... “e essa é minha história de vida...e essa é minha história de vida”... “essa é minha história de vida”.

(10) “terceiro”... “foi através dali”... “eu me apaixonei pela primeira vez”.

4.2.2 Encaixada – quando a avaliação vem encaixada na narrativa preservando, desta forma, a continuidade dramática desta, corresponde ao discurso direto e orações subordinadas.

Não-letrados

(1) “que abriu falência”.

(2) “porque nós morava lá no Calado::...Boca do Jutáí::...que agora é cidade”... “parece que um irmão que moro lá pra cima::morava lá pro Japurá::...esse que é lá no Bom Futuro que é

na cidade... no Juruá”... “ele tava noivo com muié::...tava noivo pá casarem...a noiva dele botô chifre mole...quando ele chegô na festa...ela tava na rede com otro namorando...ele me contô”... “a fim da Augusta vendê terreno grande na bera do lago”... “onde morei mais tempo aqui no Calado”... “lembreu... ele perguntô:: se eu queria namorá:: com ele...eu disse... que não... sabia”... “aí eu disse assim... a Tereza mandô buscá vocês”... “o senô:: que ajudô:: a fazê:: a construção, a levantá:: a igreja...depois fizeram o colégio do mudo:: escola estadual Felipe Smaldone”... “depois fomo pros franceses”... “tinha uma menina que queria”... “a gente já sabe o ônibus que passa lá”.

(3)“daquele pior que tem...daquele que todo mundo sabe...que é analfabeto”... “quando eu... é:: pra assiná um documento...adonde eu trabalho”... “que na época que...nós morava no interiô”... “então que eu queria...eu sempre que tive doze anos”... “quando eu cheguei que viemo embora pra uma cidade”... “que eu sinto muita vergonha...quando eh... pra mim assiná um documento na frente de uma pessoa...que não sei lê”... “porque eu sô::... uma pessoa trabalhado::...trabalho... vivo com meu trabalho...mas que o estudo tá fazendo muita falta”... “eu queria que ninguém deixe seu estudo pra outra coisa...porque é o estudo que leva você pra frente...que faz você crescê:: na vida”.

(4)“minha vida que eu morava no interiô”... “eles precisam que eu guarde a Associação”... “que estuda aqui tu tu também muita pessoa”.

(5)“quando a gente morava no interiô”... “que eu já trabalho só em casa mesmo... em casa...porque eu já tenho cinquenta e sete anos... cinquenta e oito”... “quando era jovi numa fábrica do Distrito”... “porque hoje se você não tivé o segundo grau né”.

(6)“devido as dificuldades de ensino na localidade onde moravamo...não tivemo condições de irmo a escola”... “o único problema que tinha...é que precisa assiná o documento de recebimento da mesma...o problema é que...na época...não tinhamo professô”... “que... quase fiz xixi nas calcinha”... “que não sabe escrevê”... “era o que tinha na época”... “alguma coisa que deu para entendê o meu nome... aí foi quando eu fui comprá::foi quando eu fui...consegui comprá:: minha casa...aí onde eu moro”.

(7)“Quando o meu pai envelheceu...num tinha INSS...num tinha ajuda de nada...// tive que segurá:: as ponta dele”... “quando ele ficô:: cego...eu levava tudo pra ele...o alimento... os alimentos”... “quando eu levava água...quando eu levava o remédio...quando eu levava a comida”... “até que consegui...colocá ele direitinho...lá:: no túmulo dele”... “quem encha teu pote”... “tenho minhas coisinha como pobre”.

(8)“tenho acho... que tenho uns 13 ano...que moro no bairro...tenho duas neta...tenho por enquanto...a outra tá chegando por esses dia... minha maiô:: alegria foi quando comprei minha casa”... “onde nasci”... “bem que minha mãe tentô muito...quando eu era pequena... “minha mãe diz...tu não aprendeu nada quando nova...imagina quando grande”.

(9)“eu conheci meu marido que é hoje meu marido”... “porque meu marido teve doente”... “ainda não se descobriram...que doença é”... “que muita gente já foram”.

(10)“disse que eu tava... vendendo pó”... “porque minhas latinha exposta”... “pensar que tinha alguma coisa lá dentu né?...não... por isso que eu mandei eles pra muito longe... eu só não fui preso... porque felizmente...porque tinha gente do outro lado...que se dizia... ir por mim...// só isso mesmo que tenho que fala”.

Pessoas letradas

(1)“que era de madeira”... “antigo de madeira que acabou balançando”... “que tenho até hoje”.

(2)“foi quando surgiu a oportunidade de vir...trabalhar aqui na capital”... “tive que deixá-las com minha mãe para poder... trabalhar”... “foi quando tudo mudou na minha vida”.

(3)“sou de família humilde...onde os filhos precisavam começar a trabalhar cedo prá ajudar os pais”... “minha mãe foi quem lutou...para que a gente estudasse e fosse alfabetizado”... “no primeiro ano que servi... “que durou dois anos...eu fui transferido para Brasília onde morei sete anos...depois morei em Natal... “onde estou sempre em missões”.

(4)“onde ela morava em Nova Olinda”... “porque tive que vim embora...por causa do meu pai que tinha falecido”... “que tava longe”... “porque minha madrinha me tratava muito bem”... “que se chama Elielson...na casa onde ele morava”... “que foi o Miguel”.

(5)“depois eu tive outros professores”.

(6)“Iniciei os primeiros passos em dança... aos seis anos de idade”.

(7)“quando eu vou lá::pro sul me chamam de nordestino”... “que eu sou o nordestino da família”... “mas quando eu morava no nordeste o pessoal me confundia com paulista”...né?::não me conheciam como gaúcho mesmo...não...mas me conheciam como paulista...diziam que eu tinha um sotaque paulista”.

(8)“sendo que sete são homens e duas... são mulheres”... “que vieram do Líbano da Segunda Guerra Mundial”... “onde o meu avô Antonio Felipe foi prefeito”... “onde teve cinco mandatos de vereador”... “desde então...assim... é... a origem da minha história”... “eles têm sido até hoje um referencial como pais exemplares...que muito se esforçaram...para criarem seus filhos”... “que eles o obtiveram na criação de nove filhos...que já todos adultos...”

casados”... “devido meu pai ter que sair pra trabalhar”... “que ao invés de ter uma convivência saudável na minha fase de adolescente com meus amigos...com meus colegas...tive uma adolescência um tanto quanto conturbada com características de violência”... “que trabalhar”... “quando chegasse”... “então logo após tudo isso... eu vim para Manaus”... “porque... no interior... naquela época não existia tanto recurso assim...então... logo... eu tive uma oportunidade de... na viagem”... “que foi um ponto crucial na minha vida”... “que naquela época estava um tanto destruída”... “logo após isso... retornei a minha cidade de Urucará”... “onde eu convivia”... “depois aí eu tive uma situação um tanto que desagradável...tive que retornar prá Manaus...aí... foi quando eu comecei a estudar”... “que eu tivesse renda”... “depois prestei o vestibular prá direito”... “que hoje é a mãe dos meus filhos...somos casados...temos dois filhos”... “devido mesmo ter casado antes de ter uma vida estabilizada financeiramente”... “que eu tranquei”... “tenho uma vida um tanto que mais... tranquila junto da minha família... né:// essa é um pouco de história de vida que eu tenho”.

(9)“quando nasci... quando eu nasci..com mês que tinha nascido...minha mãe me deu...pra uma tia me criar”... “que essa tia era minha mãe verdadeira...que era a que me criou...mas quando eu completei quatorze pra quinze ano... descobri que não era minha mãe verdadeira... ela era minha tia... que a mãe verdadeira era a outra que eu chamava de tia”... “porque minha mãe e meu pai... que me criaram...eram muito bons comigo... apesar de meu pai ser bastante rígido... “porque me criou... me educou... me deu estudo até o tanto que ele pôde”... tive um filho que o nome dele é Maicon”... “depois que esse filho nasceu”... “que meu filho nasceu”... “que me criou...chegou a falecer...então... eu tive que me virar sozinha”... “que trabalhar...e ao mesmo tempo cuidar do meu filho... né::...antes não precisava...porque tinha minha mãe e ela cuidava dele”... “porque o pai nunca ajudou em nada”... “que eu já tinha de doméstica”... “que durou dezessete ano”...só que..eu tive que me separar...eu... infelizmente... tive que me separar...hoje em dia... faz um ano que sou separada”... “que já conheço”.

(10)“quando...eu era criança”... “apesar de minha mãe nunca morar...comigo”... "que...sei lá:: eu me apaixonei pela primeira vez...foi quando tive a sensação que aquilo...é bom pra mim...aí...eu verifiquei que...eu queria ser alguma coisa...relacionado ao universo”... “que eu criei a ideia de ser um astronauta...apesar de não conhecer...não saber o que era isso mais”... “porque a matemática...é uma ciência muito”...”digamos que o professor de matemática é o inimigo de muitos alunos”.

4.2.3 Açãoavaliativa – quando o narrador descreve o que as pessoas fizeram em vez de o que elasdisseram.

Pessoas não-letradas

- (1) “o homem:: marido:: endoidô”.
- (2) “quando ele chegô na festa... ela tava na rede com otro namorano... ele me contô”... “aí ele foi lá:: no motô:: compra:: lembreu... ele perguntô:: se eu queria namorá:: com ele...eu disse... que não... sabia”... “o Aluízio mandava muita carta pra mim... a sobrinha do Hermógenes... a Edite... lia”... “ o Hermógenes estava bêbado... e colocô a vela perto da botija de gás... ele mandô:: o João quebrá burbuleta... já tinha... tudinho já...eu queria que tu vê...a espingarda de matar paca...começo:: a atirá:: sozinha...ninguém ajudô:: nada não”... “a Tereza mandô::buscá... a Tereza mandô buscá vocês... ela vai alugá um quarto pra vocês”... “ele no Buriti...foi morá:: no terreno do deputado Belo”.
- (3) não apresenta
- (4) “que estuda aqui tu tu também muita pessoa”
- (5) não apresenta
- (6) “e aí fiquei tão nervosa... que quase fiz xixi nas calcinha”...
- (7) “aí...ele foi ficando cego”... “o meu irmão foi embora”
- (8) não apresenta
- (9) “meus filho...se formando”.
- (10) nãoapresenta.

Pessoas letradas

- (1) “aí ela subiu em cima de uma rede”.
- (2) Não apresenta
- (3) “minha mãe foi quem lutou...para que a gente estudasse e fosse alfabetizado”.
- (8) “minha madrinha me tratava muito bem”.
- (9) “minha mãe e ela cuidava dele”.

4.2.4 Elementos avaliativos - quando o narrador se serve de elementos sintáticos para comunicar o seu ponto de vista. Tais elementos são: a) Intensificadores - repetições, os quantificadores, a fonologia expressiva; b) Comparadores - além dos comparativos propriamente ditos, os futuros, os modais e o imperativo; c) Correlativos: dois eventos que

realmente aconteceram, correlacionados em uma única oração independente. Os progressivos, apostos, adjetivos duplos, os correlativos mais comuns; d) Explicativos: A explicação de vários eventos de uma narrativa geralmente tem uma função avaliativa.

Não-letrados

(1) O narrador manteve o interesse do ouvinte ao utilizar-se tanto de mecanismos internos como de externos, conforme alguns exemplos: uso de negativas “ninguém ajudô:: nada não”; fonologia expressiva “aí:: não deu mais certo”; “ele tava noivo com muié::...//a noiva dele botô:: chifre mole”, comparações, intensificadores “onde morei mais tempo aqui no Calado.”, repetições “pra casa da Rocineide::... na casa da Rocineide:://dá sol::...dá sol::...dá sol::...dá::...//e aquilo passa... semanas...assim de frio::...//passa calô::...passa tudo:://tá bom...bom...”.

(2) Apresentam, também, objetos diretos como “pra mim assina um documento na frente de uma pessoa”. Uso de advérbios “donde, lá e aí”.

(3) O narrador utiliza-se de intensificadores como “muito, melhô, todo”; de advérbios “aqui, aí”; de oração substantiva como “eles precisam que eu guarde a Associação”, “encontrei muita pessoa aqui...que estuda aqui”, adjetiva - encontrei muita pessoa aqui...que estuda aqui”.

(4) A narrativa está marcada por intensificadores como “muito, muitas, pôco, bem, mais, bastante”; de advérbios – “aqui, agora, hoje”; A narrativa está marcada por intensificadores como “muito, muitas, pôco, bem, mais, bastante”; de advérbios – “aqui, agora, hoje”;

(5) A narrativa está marcada por intensificadores como “muito, muitas, pôco, bem, mais, bastante”; de advérbios – “aqui, agora, hoje”; de verbos *realis* – teve, trabalhei, pude, estudo, *irrealis* – “morava, tô, morando, é, morava, morando, tem, tenho, temos, trabalhando, tive, trabalho, era, ajuda, precisa, tá, qué, fazê, ganha, sô, faz, tão, estudando, formando, crescerem, vale, varrê, consegue, agradeço”; de orações subordinadas e coordenadas - não tô:: trabalhando...que eu já trabalho só em casa mesmo em casa...porque eu já tẽu cinquenta e sete anos”, “trabalhei...quando era jovi numa fábrica do Distrito”, “e agora tamos aqui”; de objeto – “agradeço a vida que Deus tem me dado com saúde”, “eu sô muito feliz...// por isso agradeço né”.

(6) A narrativa, também, apresenta intensificadores como “mais, muito, tão”; de advérbios – “onde, lá, aí”; de verbos; de orações coordenadas e subordinadas – “na localidade onde moravamo”, “é muito vergonhoso a gente dizê::que não sabe escrevê”.

(7) Na sentença narrativa, há, além dos verbos que marcam a temporalidade da narrativa; as pausas, os advérbios, oração adverbial “quando o meu pai envelheceu...num tinha INSS...num tinha ajuda de nada”. O fechamento da narrativa dá-se em “tenho minhas coisinha como pobre...//mais tenho...”. nesse sentido sô feliz...”. há o emprego de advérbios “todo, aqui, daqui, dacolá, aí”, lá”; de intensificador “mais”; verbos *realis* – “foi, fiquei, pôde, passei, ficô, aprendeu, enterrei, mandei, fiz, consegui, morreu, vai, era, ficando, fazê, cuidá, lutando, levava, fazia, tirava, deixava, comê, tã, deixa, luta, agradecia, levava, dizia, abençoe, proteja, acha, encha, morre, enterrá, achava, pelejando, coloca, dizendo, tô, acho, como, bebo, visto, calço, tenho, sô” marcam a organização do tópico discursivo, permitindo a compreensão do ouvinte.

(8) O discurso da narradora compõe-se de intensificadores como “mais, grande, muita”; de advérbios como “aí, aqui, primeiramente, hoje, lá, agora”; de verbos *realis* “conheci, namoremo, noivemo, casamo, tivemos, viemo, fomo, passemo, morei, vim, discutiram, foram, tenho, moro, morava, tô, é, morando, formando, vivo, veve, sabe, vê, tá”; de orações coordenadas e subordinadas “e desse Andirobal...eu conheci meu marido que é hoje meu marido”, “e hoje eu vivo triste...porque meu marido veve doente”.

(9) O discurso da narradora compõe-se de intensificadores como “mais, grande, muita”; de advérbios como “aí, aqui, primeiramente, hoje, lá, agora”; de verbos *realis* “conheci, namoremo, noivemo, casamo, tivemos, viemo, fomo, passemo, morei, vim, discutiram, foram”; tenho, moro, morava, tô, é, morando, formando, vivo, veve, sabe, vê, tá”; de orações coordenadas e subordinadas “e desse Andirobal...eu conheci meu marido que é hoje meu marido”, “e hoje eu vivo triste...porque meu marido veve doente”.

(10) Nessas sentenças, a repetição é usada para reformular ou fortalecer o que foi dito “foi cumpricada...//foi triste...foi bacana...mui...foi triste...//mas foi legal também...// então... um dia... os cara chegaru...os banudi...filho da mãe...//aí chegaru comigo.

Nessa narrativa, há o intensificador “muito”, os advérbios “lá, ali, aí, felizmente”; os verbos *realis* “foi, chegaru, pôde, chegô, pegaru, pensarum, mandei, fui, é, era, vendia, tendo, faz, chama, queriam, leva, disse, tava, vendenu, tava, tã, dizia, ir, tenho, fala”; as orações coordenadas e subordinadas “eu tava... vendenu latã skol refrigerante e água mineral ali na Zé Cremente com Lobo D`Almada”, “eu só não fui preso... porque felizmente...porque tã gente dotro lado...qui se dizia ir por mim”.

Pessoas letradas

(1) A narrativa tem o intensificador “bem”; em sua composição, além de advérbios “daqui, aqui, bem, aí, em cima, hoje”; de verbos *realis* “subiu, começo,acabô, acabei, vim, trabalhei, foi, surgiu, vim, tive, mudou,ralei,troquei, fiz, consegui,tava, brincando, era, brincando, balança, queria, subi, empurrando, batendo, tinha, caindo, provocando, tenho, moro, há, morar, morava, vir, trabalhar, deixa, poder, trabalhar, recebendo, comprar, melhorar, espero, continuar, lutar”; de orações coordenadas e subordinadas “aí ela subiu em cima de uma rede...e começô a balançá sozinha...e eu queria me balança:: junto com ela”, na parede de madeira tinha um quadro... antigo de madeira que acabô balançando...e acabo caindo na minha cabeça”.

(2) A narradora usou dos seguintes elementos para compor sua narrativa: intensificadores “mais, menos, grandes, daqui, muito”; de advérbios “aqui, bem, depois, onde, hoje”; de verbos *realis* “vim, trabalhei, foi, surgiu, tive, mudou, troquei, fiz, consegui, moro, há, morar, morava, vir, trabalhar, deixa, poder, recebendo, comprar, melhorar, morando, tenho, é, espero, continuar, lutar”; de orações subordinadas e coordenadas “trabalhei na roça com meus pais...foi quando surgiu a oportunidade de vir trabalhar aqui na capital”, “.foi quando tudo mudou na minha vida... ralei muito...troquei de empresa...recebendo um pouco mais...fiz um curso de técnico de contabilidade...alguns anos depois...consegui comprar minha casinha...onde moro até hoje”.

(3) Nesta narrativa, há a composição de intensificadores “muito, mais”; do advérbio “onde, cedo, depois”; de verbos *realis* “nasci,precisavam,comecei,valorizou,foi, lutou, interessei, consegui,deixei,fui,durou,morei,passei,estou,é, chamam, há, estou, sou, começar, trabalhar, ajudar, ajudar, tinham, frequentado, estudasse, fosse, entrar, servir, servia, ser, morar, fazer, tinha, terminar, transferido, concluir, morar”; de orações subordinadas e coordenadas.

(4) A narradora usou de alguns intensificadores como “muito, mais, menos”; de advérbios “lá, aí, então, depois”; de verbos *realis* “morei...passei, fiquei, vim, conheci, estudei, terminei, fui, vim, fomos, ficamos, comecei, tive, cheguei, foi, juntamos, casamos e *irrealis* “morava, queria, morando, trabalhando, estudar, tinha, falecido, sentia, tava, tratava, chama, namorando, vivo”; orações coordenadas e subordinadas “estudei...terminei o ensino médio”, “comecei, tive oportunidade de estudar lá...só que não terminei meu curso de nutrição... porque tive que vim embora...por causa do meu pai que tinha falecido”.

(5) Nesta narrativa, o discurso foi constituído com os advérbios: “depois, aqui, lá, cá”; com os verbos *realis* “foi,tive, estudei, vim, fui, terminei”, estudava, era, fazer, estudar, trabalhar,

melhorá, é”; orações coordenadas “vim prá cá::prá Manaus...com a intenção de estudar de fazer uma faculdade e também trabalhar...// para melhorá a minha renda”.

(6) Uso de negativas “não tinha condições financeiras”; uso de advérbios: depois, atualmente, muito. Verbos *realis*: tinha, colocar, continuei, parei, voltei, fui, ingressei, sou, há, realizada.

(7) A narrativa está constituída com advérbios “agora, bem, aqui, assim”; de verbos *realis* “morei, passei, estou, é, sou, vou, chamam, tiram, falando, morava, confundia, conheciam, diziam, tinha, sei, é”; de orações “compostas “meus primos e tios tiram onda de mim falando...que eu sou o nordestino da família...mas quando eu morava no nordeste o pessoal me confundia com paulista”.

(8) A narradora, nesta narrativa, utilizou de advérbios como “bem, longe, então, onde, depois, assim, logo, mais”; de verbos *realis* “nasci, vieram, foi, teve, tive, esforçaram, deixaram, obtiveram, deram, influenciou, passei, provei, vim, retornei, vivi, encontrei, comecei, consegui, prestei, passei, fui, superamos, estou, voltei, tranquei, vi, retornei, sou, tem, somos, são, é, tenho, sido, criarem, lutarem, criar, ter, sair, trabalhar, ir, buscar, ir, ficar, sustentar, chegasse, fazer, existia, reestruturar, passados, estudar, terminando, buscando, tivesse, modificando, sendo, galgando, casado, continuo, ser, estava, ficando, estou, finalizando, tenho, é”; orações coordenadas e subordinadas “encontrei uma namorada...que hoje é a mãe dos meus filhos...somos casados...temos dois filhos...e... tivemos alguns problemas de conflitos familiares...porém nós superamos isso... né”.

(9) A narrativa compõe-se de advérbios “bastante, hoje, logo, então, agora, depois, antes, aí, aqui, infelizmente”; de verbos *realis* “encontrei, somos, tivemos, superamos, encontrei, nasci, deu, criou, completei, descobri, fiquei, consegui, criaram, educou, pôde, foi, fui, tive, nasceu, passei, morreu, criou, chegou, peguei, vim, deixei, ajudou, trabalhei, casei, durou, faz, vivemos, é, temos, tenho, tinha, achava, era, chamava, superar, eram, ser, falecer, virar, criar, trabalhar, cuidar, precisava, cuidava, fazia, pudesse, ganhar, sustentar, chegando, separar, sou, separada, tô, é, vivo, continuo, sendo, conheço, há, trabalhando, trabalha”; orações coordenadas e subordinadas “até os quatorze anos...eu achava... que essa tia era minha mãe verdadeira...que era a que me criou...mas quando eu completei quatorze pra quinze ano... descobri que não era minha mãe verdadeira... ela era minha tia”.

(10) A narrativa compõe-se de advérbios como “lá, aí, então, hoje, apesar, já”; o uso de verbos *realis* “sonhei,tive,foi,consegui,apaixonei,verifiquei,criei,procurei,gostei, é, sou, quero, contar, era, ser, morar, vivia, sonhava, saía, via, ver, achava, verificar, sei, queria,

conhecer, saber, gosto, digamos, vai, realizado; orações coordenadas e subordinadas “foi através dali que eu consegui verificar:: que...sei lá:: eu me apaixonei pela primeira vez...foi quando tive a sensação que aquilo...é bom pra mim”, “e...então...foi daí:: que eu criei a ideia de ser um astronauta”.

5 DISCUSSÃO

Na interrelação narrador-enunciador e ouvinte há o jogo da construção do significado da narrativa a ser contada: o narrador, ao contar sua história não expõe, somente, uma parte de sua vida, mas revive e reconstrói eventos vivenciados acontecidos em um determinado contexto. É importante estudá-las, visto que é uma forma de compreender a vida em sociedade. De acordo com Bruner (1991), as narrativas são formas de se organizar a experiência e a memória dos acontecimentos humanos, principalmente na forma de histórias, desculpas, mitos, razões para fazer e não fazer, e assim por diante. Sobrepondo a isso, Halbwachs (2006, p. 29) afirma que “se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos”. As lembranças armazenadas estão baseadas no pensamento do indivíduo, mas também nas dos outros, visto que são coletivas.

Sobre isso, Bruner (1991) refere-se que a inteligência de um indivíduo nunca é um “solo”, ou melhor, não pode ser entendida sem levar em conta as referências de reserva, notas, programas de computação e bases de dados, ou o que é mais importante, a rede de amigos, colegas ou mentores em quem a pessoa se apoia para ajuda e conselho, reforça argumentando que na mais recente visão leva o nome de “inteligência distribuída”. Segundo ele, a narrativa é o meio pelo qual o homem constrói sua identidade, ou melhor, a identidade deste é criada e recriada, através das relações entre seus pares. Nessa dialética, a cultura é refletida.

Estudos de Goody e Watt (2006) e Goody (1987) sobre a memória apontam que os fatos e acontecimentos relevantes para a sociedade são armazenados na memória e transmitidos para outras gerações, porém, nem tudo é guardado na memória, visto que só fica o que tem significado. Isso quer dizer que ao narrar eventos vivenciados, lembra-se daqueles que, realmente, são importantes.

Ferreira Netto (2008, p.31) argumenta que

[...] na memória individual, que se repetem entre vários indivíduos que participam da mesma comunidade de interlocução geradora desses mesmos fatos memorizados. As memórias, dessa maneira, se associam pela comunhão de lembranças comuns que permitem, por sua vez, o reconhecimento e a familiaridade entre todos os membros participantes dessa comunidade.

Na pesquisa realizada, os informantes recorreram à memória, buscando as lembranças das histórias vividas, por isso tornaram-se fatos importantes para sua vida. Demonstraram

lembranças comuns, ao descreverem eventos que ocorreram no dia a dia, como exemplo a busca por melhores condições de vida e os problemas que passaramora no interior, ora na capital do Amazonas. Eles contaram histórias, especialmente, de caráter pessoal, mostrando a experiência de vida. A interação entre narrador-enunciador e ouvinte é uma relação importante, porque o aprendizado é mútuo, pois, ao contar sua história, o narrador-enunciador revive de forma criativa o que aconteceu. Ele tece a narrativa interligando elementos que possam aparecer ininteligíveis e caóticos, mas que têm significação em sua vida.

Diante da expectativa do ouvinte, o narrador prossegue utilizando estratégias para convencê-lo a ouvir e, a princípio, as sentenças das narrativas que pareciam interligadas de forma incompreensível, são ordenadas de modo que tornam coerente os acontecimentos que julga significativos em sua vida. As estratégias utilizadas farão com que o ouvinte o escute e fique atento.

As narrativas do *corpus* retratam experiências pessoais, confirmando a concepção de Labov (1972, p.4) de que “o falante se torna profundamente envolvido em relatar detalhadamente, ou até em reviver, eventos de seu passado”. Essa busca pela memória acaba por ser um reviver.

Para tecer a trama de seu enunciado, os narradores-enunciadores empregaram recursos para construir seu discurso pelo qual relatam eventos vivenciados.

As narrativas coletadas corroboram com a proposição laboviana sobre estrutura organizacional. Em todas as narrativas há o núcleo, que funciona como o “esqueleto”, visto que são relatados os episódios que formam a base das narrativas, coincidindo, portanto, com a complicação, de Labov (1972).

A primeira seção da estrutura é o *resumo* que, de acordo com o modelo laboviano, é uma cláusula inicial em uma narrativa que relata toda a sequência de acontecimentos. Ela é um breve relato do narrador sobre o conteúdo da narrativa. É um elemento estrutural que pode não ocorrer (Labov & Waletzky, p. 1996), isto é, a presença desse elemento, segundo Labov (1967), é opcional, não implica na estrutura narrativa, mas cumpre a função de estimular o interesse do ouvinte para o que será narrado.

O resumo responde a questão: do que se trata? Todavia a presença desse elemento, na narrativa, é facultativa, por isso constatou-se que na análise das narrativas de pessoas letradas não há o resumo, enquanto entre as narrativas de pessoas não-letradas, três apresentam resumo, isto é, sintetizaram o que, realmente, discorreram.

A organização das sentenças forma o eixo da narrativa, cuja ordem apresenta uma relação de sequencialidade, marcada por verbos no modo “*realis*”, pretérito perfeito, presente e pretérito imperfeito. Tudo isso corrobora com as proposições de Labov (1972), de que as orações narrativas têm como base tais verbos, uma vez que com essa estratégia, o narrador situa a fala no local imaginado, dando a visão de completude da ação realizada.

Diante disso, a qualidade de uma narrativa é marcada pelo processo de chamar a atenção do ouvinte, mantendo-o informado sobre o desenvolvimento narrativo. Isso é o que se chama de evento relatável, quando trata de morte, sexo e indignação social (Labov, 1997).

Dentre as narrativas apresentadas, as de pessoas letradas não apresentaramo resumo, sentença inicial que relata uma sequência de eventos da narrativa, de acordo com a proposta de Labov (1972), todavia esse elemento é opcional.

As narrativas das peessoas não-letradas apresentam o resumo, são elas: as de número 6, 7 e 10.

(6) “devidos as dificuldades de ensino na localidade onde morávamo... não tivemos condições de irmo à escola...”;

(7) “quando o meu pai envelheceu...num tã INSS...num tã ajuda de nada...”;

(10) “minha história é muito cumpricada...ela foi cumpricada...foi triste...foi bacana...mui...foi triste...mas foi legal também...”.

O resumo é um elemento não necessário em uma narrativa, mas o emprego faz com que o ouvinte fique atento, pois ela é como se fosse um apelo do narrador ao ouvinte, para que este espere o relato.

A orientação, por conseguinte, situa o ouvinte sobre quem? o quê? quando? onde?, referindo-se ao local, ao tempo, cenas, as pessoas envolvidas na história e a situação da fala. Ela desempenha a função referencial, é facultativa e é constituída por orações livres.

5.1 A orientação das narrativas de pessoas não-letradas:

(1) aí:: foi o tempo... que abriu falência...// e nós viemos:: pra:: Presidente Figueredo...

(2) naquele tempo:: não tinha nome não::...igual... // na Redenção... antigamente era a Redenção...Planeta do Macaco ...//eu não fiquei logo em Manaus...//porque nós morava lá no Calado::...Boca do Jutáí::...// que agora é cidade... //naquele tempo era uma vila... agora... Atalaia do Norte...//não conheço nêum parente... por parte do pai e da mãe:://meu parente do Juruá é parte do marido...//parece que um irmão

que moro lá pra cima...//morava lá pru Japurá...//esse que é lá no Bom Futuro que é na cidade... no Juruá::

- (3) eu sô natural de Eurinepé...// sô amazonense... // nunca estudei...
- (4) minha vida que eu morava no interiô...// aí do interiô eu vim po Uarini...aí do Uarini pa Manaus...de Manaus assim...não...não do Uarini pa Tefé...de Tefé...// do Uarini fui pa Tefé...de Tefé pa Manaus...
- (5) Eu morava no município de Borba, no rio Madeira...//agora estou morando aqui em Manaus...
- (6) a história que eu tenho para conta...// é que quando eu tinha de 14 para 15 ano...
- (7) teve que segurar as ponta dele...// foi eu...//e eu fui a luta pela vida e por ele pelos meus pais só era eu...
- (8) tenho três filho...// moro no bairro Grande Circulá ...// tenho duas neta...// tēju por enquanto a outra tá chegando por esses dia...//onde Circulá... tēju acho que tēju uns 13 ano que moro no bairro...//tēju duas neta tēju por enquanto a outra tá chegando por esses dia...
- (9) tenho 73 ano...// moro na Colina do Alexo ...// e na rua 19...e que mais...//aí eu morava primeiramente no Andirobal...
- (10) eu era camelô...// eu vendia cerveja lá no cantu do Rêmulos... Zé Cremente com Lobo D`Almada isso tendo...

5.2 A orientação das narrativas de pessoas letradas:

- (1) bem...eu tava brincando com minha prima...eu era criança...tava brincando junto com ela no quarto da minha avó...
- (2) moro aqui em Manaus há vinte e três anos...//antes de vim morar aqui...//eu estava num interior bem distante daqui...//trabalhei na roça com meus pais...//foi quando surgiu a oportunidade de vir trabalhar aqui na capital...
- (3) meu nome xxx mas todos me chamam de xxxxx...// e há dezoito anos estou fora da minha terrinha...sou de família humilde...//onde os filhos precisavam começar a trabalhar cedo para ajudar os pais...
- (4) bem morei...//passei muito tempo lá:: com minha mãe...//lá::no sítio com minha mãe...//onde ela morava em Nova Olinda...//aí...eu queria ser mais independente...//assim...então...vim mim bora pra Manaus...

- (5) bom...minha infância foi no interior...//estudava também no interior...//minha mãe era professora...//eu estudava com ela...aí...depois...até a 4ª série...
- (6) iniciei meus primeiros passos em dança aos seis anos de idade na escola Sesi Cat3...//dançando todos os ritmos...minha família não tinha condições financeiras para colocar-me numa academia de balé profissional...
- (7) bem...nome é xxxx...//sou natural de Porto Alegre...Rio Grande do Sul...ihn...
- (8) bem...eu nasci na cidade de Urucará...//interior do estado do Amazonas...//sou filho de xxxx...//minha mãe tem o nome de xxx...//nós somos...eh...por todo nove irmãos...//eh...sendo que sete são homens e duas mulheres...//e...bem...a minha origem...na época dos meus avós...que vieram do Líbano da Segunda Guerra Mundial...
- (9) sou casada...//tenho quatro filho...um morto e três vivo...//e...desde...quando nasci...quando eu nasci...cum mês que tinha nascido...//minha mãe me deu para uma tia me criar...
- (10) Olá...bem:: meu nome é xxxxxxxx...eu sou professor... de matemática de...do...Waldocke...terceiro colégio militar... da... polícia militar...

As sentenças de orientação determinam o lugar, o momento, as atividades os indivíduos desenvolvem na narrativa. A sintaxe das narrativas das pessoas letradas apresenta o uso (1) dos itens lexicais “aí” e “e” repetidamente; (2) de orações coordenadas, subordinadas adjetivas e substantivas; (3) de advérbios de lugar tempo e (4) de repetição. Enquanto nas narrativas das pessoas letradas, têm-se (1) uso de itens lexicais como bem, bom, o aí e o e aparecem, apenas, uma vez cada.

A complicação dá-se através das sequências sequenciais, permeadas de sequências livres que tecem o quê aconteceu, respondendo a uma questão: “E [então] o que aconteceu”? (Labov, 1997, p.6). As ações complicadoras que formam a sentença narrativa estão dispostas em ordem como os eventos aconteceram. Isso implica dizer que a inversão na ordem das sentenças alteraria o sentido da sentença narrativa.

A complicação e a resolução são partes essenciais para a formação da sentença narrativa. Labov (1967) argumenta que é preciso que haja uma junção temporal, isto é, uma relação de dependência entre elas, de modo que se as sentenças forem invertidas alterarão o sentido semântico. Isso corrobora com a proposta de Ferreira Netto (2008, p. 41) que “as sentenças sequenciais são as que se vinculam numa junção temporal, isto é, aquelas cuja

ordem de aparecimento temporal está correlacionada à ordem de ocorrência dos eventos que apresentam”.

Na seção complicadora, como se vê abaixo, há uma sequência de eventos que definem o raio de ação das sentenças narrativas. As narrativas apresentam um fluxo informacional que permite inferir sobre a identidade do grupo, visto que, embora sejam pessoas diferentes, falando de lugares diferentes, acabam por falar de questões semelhantes: o deslocar-se pelas cidades interioranas até chegar a capital, o trabalho, a dificuldade e a pobreza. Há uma série de eventos que constituem a narrativa, organizada pelas sentenças sequenciais (SS) que compõem o conteúdo da narrativa e a descrição de como os eventos ocorreram, utilizando verbos no pretérito perfeito.

5.3 As ações complicadoras de narrativas das pessoas não-letradas:

Na narrativa 2, a narradora narra vários eventos para mostrar como conheceu o marido.

A complicação dá-se quando a narradora inicia com as sequências (3) “eu não fiquei logo em Manaus...” e, em seguida, utiliza sequências para justificar a não permanência em Manaus. (4) “porque nós morava lá no Calado::...Boca do Jutai::...”. Há o uso do verbo *realis*, no pretérito perfeito (fiquei) para demonstrar o quê de fato ocorreu e, logo em seguida, justifica a razão pela qual não ficou na cidade, para isso, utiliza-se do elemento avaliativo explicativo “porque”, pelo qual a narradora evidencia a prova do porque não ficara em Manaus. Com isso, ela descreve os eventos relacionados à percepção da realidade. São sentenças sequenciais marcadas pelo verbo *realis* (pretérito perfeito), cuja ordem obedece a ordem dos eventos (15) “a noiva dele botô chifre mole...(16) quando ele chegô na festa...(18) ele me contô...(19) e foi...assim... (24) nós fumu morá:: lá:: pro Juruá::(28) do Juruá...antes de casá::eu veio pru Peru...(30) nós fumu pro Pesquero...(32) nós fez a casa na bera do garapé...da Ressaca...(33) nós fumu para o Calado... na fazenda do seu Francisco...(34) já morreu...o seu Francisco e a Lucila Praiana...(35) onde morei mais tempo aqui no Calado...” a narradora-enunciadora conta de como conheceu seu marido, da sua pouca idade que tinha e nos lugares por onde passou, no interior da Amazônia. Ao iniciar o evento, conta que o marido dirigia-se para o barco, que o interiorano chama de “motor”. Prosseguindo, ela ia iniciar outro evento (41) “aí ele foi lá:: no motô:: comprá::”, mas faz uma interrupção (42) “lembreu...” aqui ela faz um *flashback* para concluir a história com a qual iniciara a narrativa.

Em (43) ele pergunto::(47) aí...ele foi atentando....(50) eu vim pra Manaus...” ela complementa as informações anteriores sobre seu relacionamento. Novamente introduz novo evento, relatando que perdeu tudo, porque o marido que bebera, acabou por provocar um incêndio que fez com que perdesse tudo que possuía (51) “e não queimô a nossa...(53) e colocô a vela perto da botija de gás...(54) ele mandô::, (56) queimô a casa dele...(59) queimo:: tudo....(62) a espingarda de matar paca...começo:: a atirá:: sozinha...(63) ningueim ajudô:: nada não...”, e que uma amiga, ao ver a situação mandou buscá-los (66) “a Tereza mandô:: buscá...(68) a Tereza mandô buscá vocês...(73) viemo durmino...”. Até que ao chegar a Manaus, o marido foi morar em um local, pertencente ao deputado pelo estado do Amazonas, ao mesmo tempo que informa ao ouvinte que esse deputado construiu, na referida localidade, uma igreja e uma escola para deficientes (74) “ele no Buriti...foi mora:: no terreno do deputado Belo...(79) o senhô que ajudô a fazê a construção, a levantá a igreja...(80) depois fizeram o colégio do mudo:: escola estadual Felipe Smaldone...”. Por fim, ela relata sobre o bairro que, na época chamava de Franceses e, hoje, Planalto, onde foi morar com a filha (81) “aí seguno chegemo...(83) depois fomos pros franceses...”, (85) moremo lá:: com a Ana (filha)”.

Na narrativa 3, o narrador relata a tristeza em não conhecer as letras, não ter frequentado os bancos escolares “eh::...eu tenho muita vergonha também...muita vergonha...//quando eu... é:: pra assinar um documento...//a donde eu trabalho:: é preciso melá o dedo... //e... aquilo... eu fico com muita vergonha...//que na época que...nós morava no interiô...//num... naquele tempo... não existia escola”.Ele sempre marca que não estudou porque não tinha escola e que no interior trabalhava no seringal, extraíndo látex “nós:://mas meu pai era seringueiro...//e lá:: donde nós morava...//num tinha escola...//num tinha nada...//então que eu queria...//eu sempre que tive doze anos... dez anos até vinte anos...//eu tinha cortado seringa na mata...//andano na mata”.Quando chega a cidade, não teve oportunidade de estudar, porque teve que trabalhar “quando eu chegue que viemo embora pra uma cidade...//mas aí... tirei pra trabalhar...//só vivia trabalhando... né::?//e agora esse estudo tá... me fazendo muita falta...//e fazendo vergonha...//que eu sinto muita vergonha...quando eh... pra mim assina um documento na frente de uma pessoa...//que não sei ler...a respeito isso...//eu num tenho vergonha de otra coisa...//porque eu sô uma pessoa trabalhado...//trabalho... vivo com meu trabalho...//mas que o estudo tá fazendo muita falta”.

Na narrativa 4, o narrador-enunciador é analfabeto e relata que ao chegar em Manaus, arranjou um emprego em uma igreja e está muito satisfeito pelo que desempenha.Em sua

sentença narrativa, ele faz uso de verbos no pretérito para pontuar seu relato. E, depois, usa os verbos no pretérito perfeito, presente inserindo informações, que avaliam as sentenças sequenciais “aqui eu achei...//aqui eu... é muito bacana o trabalho...//eu trabalho...eu trabalho na Associação...//eles precisam que eu guarde a Associação...” Novamente insere uma sentença sequencial “eu conheci um amigo meu...”//eu tava trabalhando aí da vida...//eu...eu também conheci muito aluno aqui...muita pessoa aqui Dorian...Darcy...muita pessoa importante aqui... tu também...//encontrei muita pessoa aqui...//que estuda aqui tu tu também muita pessoa...//eu conheci aqui nesse lugar... //e também eu trabalho...//aqui é bom a...a...igreja...a igreja do Senhô:://pa fazê:: uma coisa melhor pa mim...//vesti... brincá... na casa do senhô...//cantá louvo:: na presença do Senhô:://

Na narrativa 5, a narradora conta que morava no interior e lá não tinha escola “...é na minha infância...//quando a gente morava no interiô:://eu... a gente morando no interiô:://a gente tem necessidade de muitas muitas coisas né?...//eu também não tenho estudo o estudo...//é pouco bem pouquinho mermo...//e não teve oportunidade ...//assim do ensino como hoje temos tem né?//eu morava eu morava no interiô:://agora estou morando aqui em Manaus...no bairro Jesus Jesus me Deu...”. Depois, veio para Manaus “e agora estamos aqui...//não estou trabalhando...//que eu já trabalho só em casa mesmo em casa...”. e agora estamos aqui...//não estou trabalhando...//que eu já trabalho só em casa mesmo em casa...”. Ficou indecisa quanto a idade e descreveu o local onde trabalhou como doméstica e no Pólo Industrial de Manaus “porque eu já tenho cinquenta e sete anos cinquenta e oito é cinquenta e sete...//já tô mais parada...//trabalhei...//quando era jovi numa fábrica do Distrito...//trabalhei bastante...//em casa de família para ajuda né?//em casa e a gente também precisa de muito...//está dependente muito do marido...//a gente o que a gente num que...a gente pude fazê:: pra ganha um dinheruzinho fora...é muito bom importante isso...”. Fala da família “e eu sou casada...//tenho faz mais de trinta anos de casada...//tenho quatro filhos... filhos... um homem e três mulheres...//e tão estudando...//tão se formando pra crescerem né? //isso é importante na vida de cada um...”. Considera o estudo do filhos importante, porque ela não o tem “o estudo hoje vale muita coisa...//se você não estudo...//você nem varrê rua né?//porque hoje se você não tivé o segundo grau né? //Você não consegue trabalho:: //o estudo é muito importante hoje...”

Na narrativa 6, a narradora não sabia ler nem escrever e um dia precisou receber uma sacola de mantimentos que a prefeitura da cidade distribuía, mas para isso precisava assinar o documento de recebimento, por isso ficou nervosa. Como a mãe não se encontrava em casa,

ela era a única pessoa da família que poderia receber “a prefeitura precisô entregar a sacola de rancho mensal...//e minha mãe não estava em casa para recebe:://então o que então mandaram eu i recebe:: como irmã mais velha...//o único problema qui tinha...//é qui precisa assiná o documento de recebimento da mesma...//o problema é qui na época...// não tínhamo professor na escola...//e estava na fila...//e aí fiquei tão nervosa... //qui quase fiz xixi nas calcinha...”. Nesse momento, ela descreve como é ruim uma pessoa que não sabe ler, nem escrever “era uma decisão muito dura...//eu não vô menti não...//é muito vergonhoso a gente dizê:://que não sabe escrevê:://ou eu assinava o documento...”. Ficou tensa, porque pensava que se não conseguisse receber o alimento, a família passaria fome//ou passava necessidade...//pois nesta época passávamos muita fome...//comíamos a broca de cumaru e babaçu...//era o que tinha na época... //então fui lá:://era tudo ou nada...//ou eu pegava o rancho...//e passava fome...”. Como disse: fez uma “rainadau” que foi entendida como assinatura “//aí eu fui lá:://entrei na fila...//peguei a caneta...//e fiz uma rainandau...//alguma coisa que deu para entender o meu nome...”.

Na narrativa 7, a narradora conta a história de como acompanhou a doença do pai “e eu fiquei sozinha mais eles...//aí ele foi ficando cego...//não pode fazer mais nada...//e eu passei a cuidá deles lutando pra sustentá-los ele o meu pai a minha mãe e eu...//quando ele ficou cego...//eu levava tudo pra ele o alimento os alimentos... eu fazia a comida dele...//tirava... deixava no ponto só dele comê:://to::do dia...eu tinha essa obrigação de deixa a comida dele...//de luta por ele sabe?”.

Este, embora cego, não se desesperou, até abençoava todos os dias, mesmo não sendo religioso “e ele num tinha religião...//era ignorante na nas religiões... //mais ele aprendeu uma coisa...//ele me agradecia quando eu levava água...//quando eu levava o remédio...//quando eu levava a comida...//ele dizia...Deus te abençoe minha filha...Deus te proteja...//tu vais acha quem encha teu pote... //to::do dia todo dia ele dizia isso pra mim...”. Em seguida, demonstra o carinho que devotou a ele “eu... até morre:://eu enterrei ele...//mandei enterrá ...//fiz tudo direitinho como pobre...//sem nada mais eu achava uma ajuda daqui outra dacolá pelejando...//até que consegui coloca ele direitinho lá no túmulo dele...//e ele morreu me agradecendo...//dizendo estas palavra todo dia Deus te abençoe Deus te proteja...//tu vai achá quem encha teu pote pro resto da tua vida”.

Na narrativa 8, a narradora conta a alegria ter comprado a casa “minha maiô alegria foi quando comprei minha casa...// comprei por cem reais e parcela de duas veze ((risos)) através do meu cunhado...//era de madeira só tinha dois cômodo... agora é de alvenaria e tem 5

cômodo...não vendo... nem troco ...//eu ralei muito pra tê minha casa...//ainda ralo ainda...//no final do ano quero ir pra minha terra onde nasci... tenho...tenho...//não sei se vai dá...mas vô fazê de tudo pra i...”. Conta a dificuldade que teve na vida por não saber ler e escrever “não sei lê:: nem escrevê:://escrevo só meu nome...//já tentei estudá... mas não entra nada na minha cabeça...//bem que minha mãe tentô muito”.

Na narrativa 9, a narradora conta os caminhos pelos quais passou até chegar a Manaus “e desse Andirobal eu conheci meu marido que é hoje meu marido...//e ele aí nós se namoremo cinco ano...//e se noivemo...//e quatro ano e um ano de noivo casamo...//e tivemos oito filho e quatro perca...//aí viemo pro município de Imperatriz fomo pra lá:://e passemos uns 14 ano...//e de lá viemo aqui pra Progresso aqui no sul do Pará chama do Progresso Matogrosso...//morei por lá:://agora vim...//tô aqui no Progresso opa Manaus...//aqui tô morando...”. Aqui descobre que o marido está doente, mas que os médicos, ainda, não sabem o que é “tenho meus filho se formando...então graças a Deus...//e hoje eu vivo triste...porque meu marido veve doente...//e ainda não se descubriam...//qui doença é mas Deus sabe”.

Na narrativa 10, o narrador encontrava-se em um ponto chave da cidade de Manaus, vendendo água e cerveja, quando policiais o abordaram, querendo levá-lo preso por achar que estava vendendo drogas “aí isso faz muito tempo...//isso aí era eu e minha irmã...//então... um dia... os cara chegaru...//os banudi filho da mãe pode chamá nome? //aí chegaru comigo...//queriam me levá preso...//disse qui eu tava... vendenu pó...mas não...//eu tava... vendenu latia skol refrigerante e água mineral ali na Zé Cresente com Lobo D’Almada”. Há um conflito, porque os policiais acreditam que o vendedor-enunciador estivesse traficando “aí... um tenente da polícia militá chegô só porque minhas latinha exposta assim dentu da caxa...//eles pegaru as mĩa latia... o dinheiro...//pensarum qui tãha alguma coisa lá dentu né?...//não... por isso que eu eu mandei eles pra muito longe...”. Todavia, acabou não sendo preso, porque havia outras pessoas olhando a cena “eu só não fui preso... porque felizmente...//porque tãha gente dotro lado...”.

5.4 Complicação das narrativas das pessoas letradas

Na narrativa 1. a complicação da narrativa dá-se, quando o enunciador conta que foi se balançar com uma prima, mas como na hora que foi subir na rede, a prima estava se balançando, ele foi empurrado e um quadro caiu e o acidentou “aí ela subiu em cima de uma rede...// e começô a balançá sozinha...//e eu queria me balançá junto com ela...//eu tentei subi em cima da rede ...//e como a rede tava balançando...//a rede acabô me empurrando...//e eu

acabei batendo na parede que era de madeira... e na parede de madeira tinha um quadro antigo de madeira que acabô balançando.../e acabou caindo na minha cabeça.

Na narrativa 2, a enunciativa conta que “trabalhei na roça com meus pais...//foi quando surgiu a oportunidade de vir trabalhar aqui na capital...”, mas que depois veio para Manaus e foi trabalhar no Industrial “separada... com duas filhas pequenas tive que deixá-las com minha mãe para poder trabalhar...//trabalhei numa empresa terceirizada por dois anos...//foi quando tudo mudou na minha vida... ralei muito...//troquei de empresa... recebendo um pouco mais”.Em seguida, estudou “fiz um curso de técnico de contabilidade...//alguns anos depois consegui comprar minha casinha... onde moro até hoje...//pra melhorar minha situação com minhas filhas já grandes e morando comigo...//fiz uma faculdade na minha área...//tenho uma vida confortável hoje resumindo (risos)”.

Na narrativa 3, o narrador conta que começou a trabalhar muito cedo, porque precisava ajudar a família, porém o pai não valorizava os estudos, quem permitiu que os filhos estudassem foi a mãe “por isso comecei a trabalhar aos 13 anos prá ajudar em casa...//meu pai não valorizou os estudos...//por ele... os filhos não tinham frequentado a escola...//minha mãe foi quem lutou para que a gente estudasse e fosse alfabetizado...//dos quatro irmãos apenas eu me interessei mais pelos estudos”.Depois, ele serviu na Aeronáutica e morou em vários lugares “aos 18 anos consegui entrar prá servir na aeronáutica como soldado...//no primeiro ano que servia...consegui ser aprovado no concurso prá sargento...//deixei minha família em Fortaleza...//eu fui morar em São Paulo para fazer o curso de Especialistas da Aeronáutica ... eu tinha apenas 19 anos ao terminar esse curso que durou dois anos...//eu fui transferido para Brasília onde morei sete anos...//depois morei em Natal mais seis anos”.Em seguida, relatou conta que foi aprovado em vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Norte “lá... eu passei no vestibular da UFRN para o curso de Matemática..mas devido a minha carreira militar...onde estou sempre em missões...//ainda não consegui concluir o curso”

Na narrativa 4, a narradora conta que conheceu a madrinha e ficou com ela, nesse momento, teve a oportunidade de estudar e trabalhar “eu conheci minha madrinha...//aí eu fiquei com ela morando... trabalhando...na casa dela...//morando... trabalhando... fiquei dez anos...//aí... estudei... terminei o ensino médio...//aí fui embora prá Fortaleza...//de lá fomos prá lá...//ficamos mais ou menos uns 3 anos com ela...//aí... comecei a estudar...//tive oportunidade de estudar lá...//só que não terminei meu curso de nutrição”.Depois, conta que veio para Manaus, ficou com o irmão, casou-se “porque tive que vim embora por causa do

meu pai que tinha falecido ...//então vim embora por causa da minha família...//eu me sentia muito triste que tava longe mas tava feliz porque minha madrinha me tratava muito bem...//passei 3 anos com ela...//vim prá cá com minha família...cheguei em Manaus...//fiquei com meu irmão que se chama Elielson na casa onde ele morava...//aí fiquei...//passei mais ou menos uns 3 meses...//aí eu conheci o meu marido...que foi o Miguel...//aí eu conheci e fiquei namorando mais ou menos 3 meses com ele...//aí se juntamos”.

Na narrativa 5, a narradora conta que quando estudava no interior, estudava com a mãe até a 4ª série e depois teve outros professores “e depois eu tive outros professores...//estudei até a 7ª série”. Em seguida, veio para Manaus “aí eu vim pra Manaus...//fazer curso no Pro Menor D. Bosco...fazer curso pra mim estudar aqui em Manaus...//também em 2001...eu fui prá Belém...//e de lá terminei meu estudo lá em Belém...//aí passado uns tempos vim prá cá prá Manaus com a intenção de estudar de fazer uma faculdade e também trabalhar”.

Na narrativa 6, a narradora conta sobre seus estudos de balé “então continuei esta arte até os meus treze anos na escola SESI CAT3...//parei por um ano...//e voltei aos quinze anos de idade... porém no CCA BERG...//depois fui para o Cláudio Santoro...//e ingressei na universidade”

Na narrativa 7, o narrador conta que morou em vários lugares do país “mas morei quase toda minha vida no nordeste... né...//passei por vários estados... desde o Ceará... Paraíba... Pernambuco... Alagoas...//e agora estou aqui em Manaus – Amazonas...//uhn::: passei...//por vários estados... desde o Ceará... Paraíba... Pernambuco... Alagoas...//e agora estou aqui em Manaus – Amazonas”.Depois relata que tem sotaque e que há alguns confusões, porque algumas pessoas querem descobrir de que lugar o sujeito é “uhn::://assim::: o meu sotaque...//mesmo...quando eu vou lá pro sul me chamam de nordestino... né...//meus primos e tios tiram onda de mim falando que eu sou o nordestino da família...//mas quando eu morava no nordeste o pessoal me confundia com paulista...né...//não me conheciam como gaúcho mesmo não...//mas me conheciam como paulista...//diziam que eu tinha um sotaque paulista...//e eu assim, de verdade eu não sei se o sotaque é paulista, se é gaúcho se é nordestino alagoano paraibano, pernambucano ou manauara”.

Na narrativa 8, o narrador relata que é de origem libanesa, cuja família é grande, mas que, embora os pais sejam maravilhosos, existe o conflito por causa da ausência do pai “desde então...assim... é... a origem da minha história...//tive uma adolescência um tanto quanto conturbada...//porém tenho orgulho de ser filho e o dos... dos meus pais...//devido pra mim...

eles tem sido até hoje um referencial como pais exemplares...//que muito se esforçaram para criarem seus filhos... né...dentro dessa...//dentro de muita dificuldade financeira...//mas nunca deixaram de lutarem pra criar seus filhos... obtendo... assim... o êxito...//que eles o obtiveram na criação de nove filhos...que já todos adultos, casados... né...//deram muitos netos pra ele...em decorrência de algumas vezes... na ausência do meu pai”.Toda essa vivência o influenciou em seu crescimento “é.. isso influenciou muito na.. no meu crescimento... na minha criação...//devido meu pai ter que sair pra trabalhar...//ir buscar de nosso sustento...//então... eu passei minha infância e adolescência sem a presença de meu pai muitas das vezes...//então... logo... chegando na fase de adolescente...//tive uma adolescência complicadíssima... que ao invés de ter uma convivência saudável na minha fase de adolescente com meus amigos... com meus colegas...//tive uma adolescência um tanto quanto conturbada... com características de violência...//eh... provei de bebidas alcoólicas muito cedo... né...//devido a toda essa situação de meu pai ter que trabalhar...//e ficar longe da família pra sustentar os filhos... quando chegasse...//então logo após tudo isso” Viaja a Manaus por duas vezes e os motivos, inclusive, a volta é a conclusão dos estudos “vim para Manaus...né...//resolver alguns problemas familiares... fazer algum exame...né...//é... vim pra médico aqui em Manaus porque no interior naquela época não existia tanto recurso assim...//então... logo... eu tive uma oportunidade de... na viagem... dentro de um barco...//ter um encontro com Deus... //que foi um ponto crucial na minha vida pra reestruturar minha situação emocional...//que naquela época estava um tanto destruída...//logo após isso... retornei a minha cidade de Uruará...//vivi uma nova vida... né...//nessa nova vida... encontrei uma comunidade de pessoas diferenciadas da onde eu convivia... né...//e passado alguns três anos... passados três anos...//depois aí eu tive uma situação um tanto que desagradável...//tive que retornar pra Manaus...//aí... foi quando eu comecei a estudar...terminando o meu ensino médio...//buscando emprego pra que eu tivesse renda...//nisso consegui um emprego de vendedor de sapatos no shopping...//depois prestei o vestibular pra direito...//passei...//e assim minha vida foi se modificando...//fui sendo assessor na Assembleia Legislativa do Estado...//fui galgando espaço no meio da sociedade Manauara...//então... logo... comecei a estudar’.Mais tarde, encontra a mulher que tornou-se sua esposa “encontrei uma namorada...//que hoje é a mãe dos meus filhos...//somos casados...//temos dois filhos...//e... tivemos alguns problemas de conflitos familiares...//porém nós superamos isso... né...//devido mesmo ter casado antes de ter uma vida estabilizada financeiramente...//e... graças a Deus... hoje... nós superamos...//hoje estou... continuo a estudar... né...//voltei a estudar

novamente...//teve uma época que eu tranquei...//fui garçom...//vi que o meu sonho de... de ser advogado estava ficando pra trás...//retornei a faculdade com ajuda de Deus e de meus pais...//e hoje estou finalizando meu curso”.

Na narrativa 9, a participante mostra o conflito da dúvida em sua vida “então... até os quatorze anos...eu achava que essa tia era minha mãe verdadeira...//que era a que me criou...//mas quando eu completei quatorze pra quinze ano... descobri que não era minha mãe verdadeira... ela era minha tia... que a mãe verdadeira era a outra que eu chamava de tia... né...//eu fiquei um pouco revoltada por uns tempos...//mas depois consegui superar tudo”.Mostra que embora vivesse em conflito com a situação, reconhecia que os pais adotivos foram pessoas maravilhosas “porque minha mãe e meu pai... que me criaram... eram muito bons comigo... apesar de meu pai ser bastante rígido...//mas no fundo eles eram bom comigo...//ele... porque me criou... me educou... me deu estudo até o tanto que ele pôde...//então... pra mim... isso foi bom”.Outra ação em seu relato é que foi mãe solteira e teve que deixar o filho com o avô para vir em busca de um trabalho, uma vez que quem a ajudava morrera “depois...aos dezessete ano... fui mãe solteira...//tive um filho...que o nome dele é Maicon...né...//então... depois que esse filho nasceu... passei muito sufoco...//porque logo em seguida... com dois meses que meu filho nasceu...//minha mãe morreu...//minha mãe que me criou...chegou a falecer...//então... eu tive que me virar sozinha pra criar meu filho...com dois meses... eu com dezessete ano...//tive que trabalhar...//e ao mesmo tempo cuidar do meu filho... né...//antes não precisava porque tinha minha mãe e ela cuidava dele... né...//mas agora... aí... depois... eu peguei... né...//devido à falta que a mãe fazia pra mim...//eu vim pra Manaus...//deixei meu filho com meu pai...//e vim embora pra Manaus atrás de um emprego melhor...//aonde eu pudesse ganhar melhor pra sustentar meu filho... né...//porque o pai nunca ajudou em nada”.Em Manaus, trabalhou, casou, separou e casou novamente “chegando aqui, eu trabalhei em várias casas de família... né...//aí... trabalhei cinco anos como doméstica...//aí... cinco anos que eu já tinha de doméstica... aí...//eu casei...//e tive mais três filho...//ah... com esse casamento que durou dezessete ano...//só que eu tive que me separar...//eu... infelizmente... tive que me separar...//hoje em dia... faz um ano que sou separada...//e... casei de novo... né...//tô cum quatro meses de casada com meu novo marido... né...//e... vivemos eu... ele e meu filho... né...e essa é minha história de vida...//e essa é minha história de vida...né...//é como eu vivo”.

Na narrativa 10, o informante conta que é professor de matemática em uma escola estadual em Manaus “colégio militar... da... polícia militar”. Em seguida explana o sonho que tem desde criança “quando...eu era criança...eu sempre sonhei em ser astronauta...certo?”, mas como não teve apoio para realizar o sonho, ele estudou matemática “eu nunca tive apoio da família... eu vivia na casa da minha vó:: foi daí:: que eu criei a ideia de ser um astronauta... então...até hoje...eu gosto de...desafios...eu procurei a matemática...porque a matemática...é uma ciência”.

As sentenças que compõem a complicação estão dispostas em ordem como os fatos aconteceram. As sentenças que compõem a complicação estão dispostas em ordem como os fatos aconteceram. Existem nas narrativas de pessoas letradas e não-letradas, semelhanças no emprego dos recursos para constituir e desenvolver as sentenças narrativas. Constatou-se o uso de itens lexicalizados e não-lexicalizados; sentenças negativas; advérbios de lugar, tempo e modo; intensificadores; repetições; orações subordinadas e coordenadas; repetições; locuções adverbiais; verbos nos tempos presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, infinitivo e gerúndio. Todos esses elementos serviram para pontuar os eventos realizados, ora para avaliar o que fora dito, ora para ampliar a sintaxe narrativa.

A resolução marca o fim da narrativa, cujas orações são ordenadas temporalmente; pode vir seguida da *coda*, secção opcional.

Pessoas não-letradas

- (1) “graças a Deus::...tô bem aqui:://ganhei um quarto...//tenho minha cama...//comprei um guarda-rôpa...//comprei umas coisinha ...aí...pra mim”
- (2) “é o chofê::a farda...a cascavel...//a gente sabe...assim...//o nome do ônibus que vai...//aí...pergunte...quer então...//assim...a gente...fica na frente do supermercado”
- (3) “e só no Mentebol... a gente vivia uma vida...assim...tão boa...//e criava galinha...e criava pato”
- (4) “no trabalho...na escola.../na faculdade...no curso...em todo canto...tá na nossa casa...na igueja...tudo”
- (5) “eu sô muito feliz...//por isso agradeço...né?...a Deus//também sô evangélica”
- (6) “aí foi quando eu fui compra...foi quando eu fui...consegui compra minha casa”
- (7) “tenho minhas coisinhas como pobre...mais tẽu”
- (8) “minha mãe diz...tu não apendeu nada...//quando nova...imagina quando grande”
- (9) “tenho...tenho tudo já...né?//com essa idade...a mais nova...tá com 36 ano”

- (10) “eu só não fui preso...porque felizmente...porque tã gente dotro lado...que se dizia...ir por mim”

Pessoas letradas

- (1) “acabou provocando uma cicatriz”
- (2) “essa é mais ou menos um pouco de uma pessoa trabalhadora...trabalhadora”
- (3) “vim morar aqui...em Manaus há três anos”
- (4) “depois...nós fomos ao cartório e...nos casamos”
- (5) “para melhorar a minha renda”
- (6) “há três anos ministro aulas para crianças...jovens...adultos e terceira idade”
- (7) “agora é uma salada só”
- (8) “tenho uma vida um tanto...que mais tranquila..junto da minha família...né?”
- (9) “e hoje em dia...eu continuo sendo empregada doméstica com Dona Creuza...que já conheço...há oito ano...né?//continuo trabalhando pra ela...//e meu marido trabalha em uma empresa”
- (10) “porém...por ser desafiante...eu gostei e...hoje...vinte e seis anos de idade...eu...ainda...sonho ser um astronauta”.

A *coda* é um elemento opcional, mas que, quando presente, finaliza a narrativa, pois a função é trazer o ouvinte ao momento presente. Nesse final, o narrador faz a avaliação geral do que aconteceu, também a participação do ouvinte é importantíssima, porque deve mostrar interesse, surpresa e apreciação do que fora narrado.

A narrativa é, portanto, o produto da memória dos informantes, visto que relatam as experiências vivenciadas, utilizando a linguagem. foi o meio pelo qual refelatarem as ações ou acontecimentos passados. Para formar a trama, o narrador-enunciador utiliza recursos que ao longo da narração, envolvem o ouvinte. A esse fenômeno Labov (1972) postulou de avaliação, pertencente a estrutura funcional. Vansina (1981) ao abordar sobre as formas, argumenta que na narrativa , o artista tem liberdade, visto que permite numerosas combinações, muitas remodelações, reajustes dos episódios, ampliação das descrições, desenvolvimentos etc.

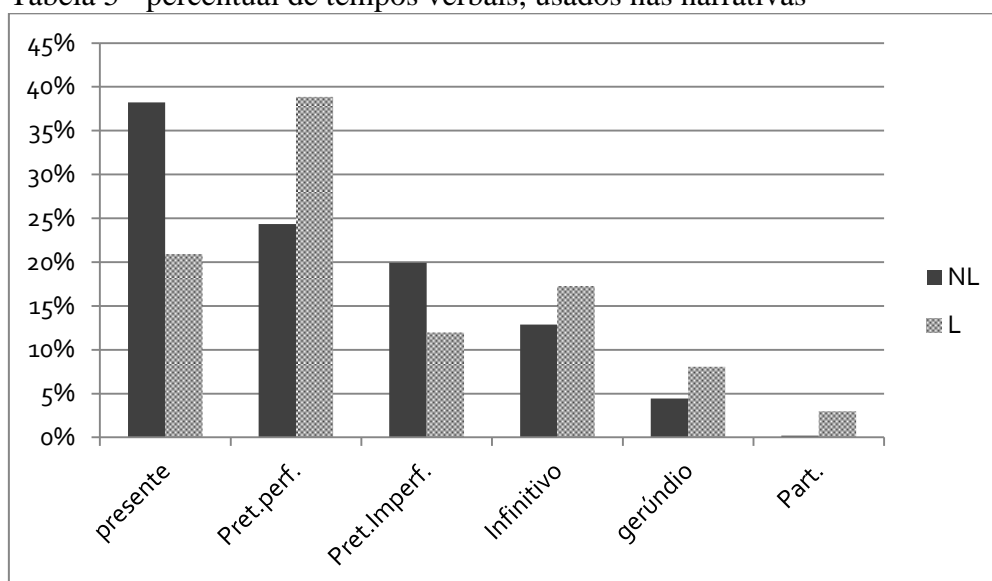
Tabela 3 – tempo verbal de pessoas não-letradas

Narrativas	Tempo Verbal					
	presente	Pret.perf.	Pret.Imperf.	Infinitivo	Gerúndio	Part.
1	15	15	6	1	-	-
2	32	31	40	15	1	-
3	21	7	13	5	6	-
4	8	3	1	4	-	-
5	32	4	5	5	6	1
6	14	11	11	11	-	-
7	20	15	13	12	4	-
8	25	10	2	7	1	-
9	17	13	1	-	2	-
10	6	12	7	4	2	-

Tabela 4 – tempo verbal de pessoas letradas

Narrativas	Tempo Verbal					
	Presente	Pret.perf.	Pret.Imperf.	Infinitivo	gerúndio	Part.
1	2	9	5	4	7	-
2	6	12	1	8	3	-
3	10	14	1	13	-	4
4	3	30	7	3	4	1
5	2	7	3	7	-	-
6	5	6	1	1	1	-
7	15	3	8	-	1	-
8	27	40	3	22	9	5
9	10	35	12	4	10	3
10	11	13	11	13	-	-

Tabela 5 - percentual de tempos verbais, usados nas narrativas



A análise comparada das tabelas acima aponta para uma diferença significativa ($\chi^2=4,81$, $p<0,01$) entre o uso feito pelos informantes não-lettrados dos tempos presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito em relação ao uso dos informantes letrados.

Todo recurso que o autor utiliza-se para tecer seu discurso visa chamar atenção do ouvinte. Isto determina a qualidade da narrativa, visto que mantém o ouvinte informado sobre o desenvolvimento narrativo. É o evento relatável, conforme Labov (1997). Nas narrativas acima apresentadas, os eventos relatáveis são demonstrados por situações vivenciadas pelos narradores.

A credibilidade dá-se, quando os narradores retratam a própria experiência, através de expressões corporais e entonação na voz. Momento no qual o ouvinte acredita que os eventos narrados ocorreram de fato. Nesse caso, os narradores contaram casos ocorridos em sua vida, ela selecionou o caso da falência e as situações posteriores vivenciadas, apresentando um quadro de causas e consequências.

Quanto à atribuição do elogio e da culpa, ponto de vista do narrador, segundo Labov (1997, p. 13), “Não se trata, todavia, de uma informação que conscientemente o narrador transmita a seus ouvintes, mas sim uma estrutura ideológica a partir da qual os eventos são vistos”. Nas narrativas analisadas, apresentam a existência dos eventos relatáveis, visto que trata de situações vivenciadas pelos narradores.

Quanto à credibilidade, os narradores manifestam ao retratarem, a própria experiência, através de expressões corporais e entonação na voz. Momento no qual o ouvinte acredita que os eventos narrados ocorreram de fato.

Para construir o discurso, os narradores utilizaram de articuladores como *aí, que, e, lá, daí, né, então*, além do marcador não lexicalizado *uhh* e prosódico (pausas) para destacar a relação de continuidade discursiva, estabelecendo a conexão entre as sequências, ou melhor, servem para dar continuidade e consonância àquilo que foi dito, conduzindo a atenção do interlocutor para trás no discurso. Ao contar, os emissores parecem testar o apoio do ouvinte, uma vez que se utilizam de “marcadores de atenção ou apoio” como **sabe, né** (Urbano, 2003, p.111).

Os eventos são organizados em sequências de frases simples e curtas, justapostas. Em algumas passagens, houve o emprego do uso de orações subordinadas. E, ainda, houve narradores que utilizaram do recurso da repetição como – *casa, casa; também, também* – provavelmente para intensificar ou reforçar o que disseram.

A pesquisa mostrou que a narrativa é um importante recurso discursivo, visto que os informantes narraram diferentes contextos. Foram situações vivenciadas que passam ao leitor as informações de como é viver no interior da Amazônia, o vai e vem do caboclo pelas cidades interiores, até a chegada na capital amazonense. Alguns não são caboclos, ribeirinhos, vieram de outros lugares do país, mas sempre em busca de melhorias sócio-econômicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem se organiza em sociedade, ao se relacionar com outro. Nessa interação, ele dá sentido ao mundo que o rodeia, utilizando-se da linguagem verbal e não-verbal, em um trabalho cooperativo.

Na perspectiva de sociabilidade, o homem passa a armazenar seus conhecimentos, através de narrativa, uma das formas de atividade linguística quando faz referência a uma série de ações ou acontecimentos situados no passado, sejam esses reais ou ficcionais.

A narrativa é uma atividade linguística pela qual os indivíduos constroem a identidade social e as relações interpessoais, independente do nível sócio-cultural. O narrador desenvolve a coordenação de ações e habilidades linguísticas, quando organiza o texto narrativo, dando significações e re-significações às experiências de vida.

Do ponto de vista de Bruner (1991), as narrativas servem como meio de percepção e a realidade é resultado de uma construção narrativa. Narrar contribui para a estruturação da experiência humana, quando se organiza a experiência e a memória, principalmente.

O homem modela suas experiências e as tornam socialmente conhecidas, por meio das narrativas. Estas parecem monológicas, todavia são construídas dialogicamente, visto que há a participação do ouvinte em uma construção precisa de cooperação. Os sujeitos contam suas histórias em estrutura narrativa, em sequência, em relação ao tempo e de acordo com um tema. Esses eventos, realizados ou experienciados pelos sujeitos, são organizados de modo que pelo menos duas sentenças são ligadas na ordem que realmente aconteceram.

A presente pesquisa mostra a relevância das narrativas orais de experiências vivenciadas, cujo objetivo foi analisar as mudanças que ocorrem no processo do saber acumulado. Para responder ao questionamento se as mudanças dos conteúdos aprendidos, a partir de uma nova reorganização do saber acumulado, interferem nas formas de contar suas narrativas, buscou-se os fundamentos teóricos para dar embasamento ao material coletado. Reuniu-se dezesseis narrativas de pessoas letradas e dezesseis de pessoas não-letradas, mas analisou-se, apenas, dez de cada, porque os fatos se repetiam.

Na análise dos dados, fez-se o cotejamento com as teorias de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1997), quando se averiguou os eixos formal e funcional tanto das narrativas dos letrados, quanto das dos não-letrados. Na organização temporal da narrativa, verificou-se

que as narrativas contemplavam sentenças sequenciais, livres, restritivas e presas. E, em seguida, segmentou-se a estrutura narrativa em resumo, orientação, complicação, resolução e coda. Depois, verificou-se como os informantes avaliavam suas narrativas, seguindo as proposições de Labov e Waletzky (1966) e Labov (1997).

As análises comprovam que os informantes não-letrados são afetados pelos usos cotidiano da escrita, embora suas narrativas apontem certo grau de descontextualização, isto é, as narrativas de pessoas não-letradas usam mais os verbos *realis*, mostrando um maior número de avaliação em relação aos informantes letrados. Isso mostra, também, que a relação letramento e escolaridade não é precisa como afirma Tfouni (2005), uma vez que a organização textual está de acordo com a ótica de Labov (1997), além do que eles avaliam mais que os letrados.

Embora Bernstein postule que é a estrutura social que determina o comportamento linguístico, a teoria tão contestada, teve Haliday como seu defensor, salientando que o fato de Bernstein “demonstrar que nas formas de aprender e usar um discurso, a criança aprende um código que regula suas ações verbais e o que é necessário para atuar na estrutura social em que está inserida”. Isso reflete nos dados analisados. Independente de estrutura social, porque todos os informantes estão inclusos nas classes D e E, o que se constata é que quanto maior o grau de escolarização amplia-se o grau de letramento.

Há na superfície textual dos informantes não-letrados uma visibilidade na escolha lexical, nas conexões entre as sentenças. Isso não impede que se entenda o que foi dito, mas traz para discussão deste trabalho os postulados de Labov (1972, p. 372) quando aborda que nos estudos realizados por ele, as narrativas parecem “essencialmente monológicas e mostraram algum grau de descontextualização [...] estudos de conversa espontânea também mostram uma alta frequência de narrativas monológicas que prendem a atenção dos ouvintes da mesma maneira que as narrativas das entrevistas”.

É importante ressaltar pelas análises realizadas que as narrativas dos informantes não-letrados assimilam as formas do pensamento da sociedade de escrita, uma vez que seu discurso está permeado de orações subordinadas.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Armando. **Pontos da Historia da Amazônia**. V.II. 2 ed. Belém: Paka-Tatu, 2000.

ANDRADE, Aldair Oliveira. **Migração para Manaus e seus reflexos**. n.º.2 jul./dez. Manaus: UFAM, 2012.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta de. **Estrutura Narrativa e Espaços Mentais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

BARTHES, Roland. **Introdução à Análise Estrutural da Narrativa**. In: Análise Estrutural da Narrativa. Vozes: Rio de Janeiro, 2008, págs. 19-60.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. 3ed. Manaus: Valer, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. 2 ed. 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BREMOND, Claude. **A dos possíveis narrativos**. In: Análise Estrutural da Narrativa. Vozes: Rio de Janeiro, 2008, págs. 114-141.

BRUNER, Jeromer. **A construção narrativa da realidade**. Trad. Waldemar Ferreira Netto. *Critical Inquiry* 18 (1), 1991, págs. 1-21.

CARVALHO, José Augusto. **Análise de alguns componentes da narrativa**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Linguística da Universidade de Campinas, 1975.

[ECHEVERRIA, Rafael. **Ontologia da Linguagem**. Argentina: Dolmen Ediciones / Ediciones Granica, 2001.](#)

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição Oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

GENETTE, Gérard. **Fronteiras da Narrativa**. In: **Análise Estrutural da Narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, págs. 265-284.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GOODY, Jack; WATT, Ian. **As consequências do letramento**. Trad. Waldemar Ferreira Netto. São Paulo: Paulistana, 2006.

GREIMAS, A. J. **Elementos para uma teoria da interpretação da narrativa mítica**. In: **Análise Estrutural da Narrativa**. Vozes: Rio de Janeiro, 2008, págs. 63-113.

GRICE, Herbert P. **Lógica e Conversação**. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da Linguística**. v. IV. Campinas: Particular, 1982, p. 81-103.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Leon Shaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos tribunais, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Angela B. (Org). **Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1995.

LABOV, William e WALETZKY, Joshua. **Analysis: oral versions of personal experience journal of narrative and life history**. In *Essays on the verbal and visual arts*. EUA: University of Washington Press, 1966.

LABOV, William. **Some further steps in narrative analysis**. Trad. Waldemar Ferreira Netto. *The Journal of Narrative and Life History*. Vol. 7, 1997. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu>>. Acesso em: 10. 03. 2010.

_____. **The transformation of Experience in Narrative Syntax.** In (Labov, org.): Language in the inner city. Studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: USA, 1972: 354-396.

LEAKEY, Richard. **A Arte da Linguagem.** trad. Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LeGOFF, Jacques. **A história nova.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** 15 reimp. Trad. Carlos Inineu da Costa. Rio de Janeiro: Sindicat Nacional dos Editores de Livros, 2008.

LURIA, Alexander Romanovich. **A construção da Mente.** Trad. por Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992.

_____. **Desenvolvimento Cognitivo.** Trad. por Fernando Limongeli. 6ª ed. São Paulo: Ícone, 2010.

MALINOWSKY, Bronislaw. **Magia, Ciência, Religião.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MARCONI, Marina Andrade e PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução.** 7 ed. 4ª. Reimp. São Paulo: Atlas, 2011.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. **Narrativas, identidades e ação política na pós-modernidade.** Vol 31, n 111. Campinas: Educação e Sociedade, 2010, p. 87-602, abr – jun.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Tad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Da fala para a escrita.** Atividades de retextualização. 10ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MESQUITA, Otoni. **La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890- 1900).** Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura Neves (org.) **Gramática do Português Falado.** Vol VII: novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. **Gramática de Usos do Português.** São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, Auricléa Oliveira das. **A Amazônia na visão dos viajantes: séculos XVI e XVII; percurso e discurso.** Manaus: Valer, 2011.

OLIVEIRA, José Samico de. **Seringalismo um novo modelo.** Belém: Graficentro, 1997.

ONG, Walter. **Orality and Literacy.** London: Routledge, 2002.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem.** Trad. Cláudia Berlinger. São Paulo: Martins fontes, 2004.

PRETI, Dino (Org.) (1993). **Análise dos Textos Oraís.** 6 ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do Conto Maravilhoso.** São Paulo: CopyMarket, 2001.

RAMALHO, Elba Braga. 2000. **Cultura Oral em novos estudos: a cantoria nordestina.** Revista O público e o privado. Julho/dezembro de 2001.

REIS, C. e LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia.** 7ed. Coimbra: Almedina, 2007.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. **Bernstein e o campo educacional: relevância, influência e incompreensão.** Caderno de Pesquisa n°. 120. São Paulo: Scielo, nov. 2003.

SIMÕES, Sara Gonçalves. **Narrativas e Vinculação: coerência, complexidade e diversidade narrativa em adolescente.** Portugal: Faculdade de Psicologia e Ciências em Educação da Universidade de Porto, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 5 ed. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUSA, Marta Noronha e. **A Narrativa na Encruzilhada: a questão da fidelidade na adaptação de obras literárias ao cinema.** Ed. Eletrônica: Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade. ISBN 978-989-8600-01-1. Universidade do Minho: Portugal, 2012.

SOUZA, João Mendonça. **O grande Amazonas: Mitologia, História e Sociologia**. 2. rev. e aum. Manaus: Coleção Documentos Amazônicos, 2000.

STREET, Brian. **Cross-cultural perspectives on literacy**. In: TANNEN, Deborah. *The Myth of Orality and Literacy*. In: W. Frawley, 1982.

TANNEN, Deborah. *The Myth of Orality and Literacy*. In: W. Frawley, 1982.

TERZI, Sylvia. **A identificação do cidadão no processo de letramento crítico**. Florianópolis: Perspectiva, 2006, v. 24 n2 665 – 686, jul’dez.

_____. **A construção da leitura**. Minas Gerais: Editora Pontes, 2001.

TFOUNI, Leda. Verdiani. **Letramento, heterogeneidade alteridade: análise de narrativas orais produzidas por uma mulher não-alfabetizada**. São Paulo: Alfa, 2005, 49 (1) 31 – 49.

THOMAS, Rosalind. **Letramento e oralidade na Grécia antiga**. São Paulo: Odysseus, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **As Categorias da Narrativa Literária**. In: *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

URBANO, Hudinilson. **Oralidade na Literatura: o caso Rubem Fonseca**. São Paulo: Cortez, 2000.

VIEIRA, André Guirland. **Do conceito de estrutura narrativa à sua crítica**. *Psicologia: reflexão e crítica*. Vol. 14. nº. 3. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

VANSINA, J. História e da Cultura Africana in **História Geral da África**. São Paulo: Ática, 1981 volume 1.

_____. **Oral Tradition: a study in historical methodology**. New Brunswick – NY, Aldine Pub. Co, 2009.

ZUNHOR, Paul. **Aletra e a voz: a “literatura” medieval**. Trad. Amálio Pinheiro (Parte I) e Jerusa Pires Ferreira (Parte 2). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OBRAS CONSULTADAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral & tradição escrita**. São Paulo: Parábola, 2011.

DESCARDECI, Maria Alice A.S. **Pedagogia e Letramento: questões para o ensino da língua maternal**. Universidade de Tuiuti: Paraná, Disponível em: <www.boaula.com.br>. Acesso em : 10.09.2010.

PRETI, Dino. **Estudo de língua ora e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ANEXO

PESSOAS NÃO-LETRADAS

1ª Narrativa

Local: São José – bairro da Zona Leste de Manaus

Nome: participante 1

Idade: 68 anos

Ela conta sobre uma falência, provavelmente, que a família sofreu e, logo após, viajou para o município de Presidente Figueiredo, localizado a oeste do Estado do Amazonas. Em seguida, migrou para cidade de Manaus, onde reside até hoje.

- (11) aí:: foi o tempo... que abriu falência...e nós viemo:: pra:: Presidente Figueredo...// aí:: não deu mais certo...o homem:: marido:: endoidô::me deixô:::e::vim me embora pra cá::...pra casa da Rocineide::...na casa da

Rocineide...nós conseguiu fazê a minha no São José IV...nós vivia tão bem...também de lá a Rocineide me convidô pra i pro Acre...daí eu foi pro Acre...lá era muito bom...dá sol::...dá sol::...dá sol::...dá ...aquela quentura::...demora:: vem a friagem...e aquilo passa semana...assim de frio::uhn:: caramba::...é tão bom (risos)...passa calô::... passa tudo::e mais quem pede o calô:: oh::...meu Deus...aí:: depois passei um ano lá::aí::vim me embora pra cá:://graças a Deus::...tô bem aqui...ganhei um quarto...têü minha cama...comprei um guarda-rôpa...comprei umas coisinha aí pra mim...// tá bom ...bom::... chega.

2ª Narrativa

Local: Colônia Monte das Oliveiras – bairro da Zona Norte de Manaus

Nome: participante 2

Idade: 65 anos

A narrativa trata da experiência de uma mulher que vivia no interior do Amazonas, mas que conhece a pessoa que viria a ser seu marido. Ela relata vários eventos vividos, desde que o conheceu: o casamento, as frequentes mudanças, a perda dos bens por causa de um incêndio, a vinda para Manaus, o não saber ler e como se mobiliza na cidade.

- (12) naquele tempo:: não tinha nome não::...igual...na Redenção... antigamente era a Redenção...Planeta do Macaco...eu não fiquei logo em Manaus...porque nós morava lá no Calado::...Boca do Jutaí::...que agora é cidade...naquele tempo era uma vila... agora... Atalaia do Norte...não conheço nenhum parente:: por parte do pai e da mãe::...meu parente do Juruá:: é parte do marido::... parece que um irmão que moro lá pra cima::morava lá pro Japurá::...esse que é lá no Bom Futuro que é na cidade... no Juruá::// eu era menina ainda...ele tava noivo com muié::...tava noivo pá casarem...a noiva dele botô chifre mole...quando ele chegô na festa...ela tava na rede com otro namorando...ele me contô... e foi...assim...é longe ainda...eu era menina...tava com 15 anos... era menina ainda...nós fomo morá:: lá:: pro Juruá::nós morava no rio Javarino... Benjamin Constant...depois Boca do Jutaí... rio Memeirua:: fica na Boca...assim... quase perto da Boca do Juruá...lá tinha muito peixe-boi...do Juruá...antes de casá::eu veio pro Peru...a fim da Augusta vendê terreno grande na bera do lago... barracão...do Peru...nós fomo pro Pesquero...do Pesquero...pra cima nós mora no terreno do seu Carlos...a cunhada do Hermógenes...nós fez a casa na bera do garapé...da

Ressaca...nós fomo para o Calado...na fazenda do seu Francisco...já morreu...o seu Francisco e a Lucila Praiana...onde morei mais tempo aqui no Calado...nós já tinha terreno...um terreno...eu lá pra dentro...tinha bicho... enchia a canoa de ovo de tracajá...tinha a promessa do Epaminondas...irmão de Hermógenes por parte de mãe...tinha festejo três dias...rezando em festejo de maio...pessoal fazia promessa...aí ele foi lá:: no motô::comprá::lembreu... ele perguntô:: se eu queria namorá:: com ele...eu disse... que não... sabia...aí...ele foi atentando...o Aluízio mandava muita carta pra mim...a sobrinha do Hermógenes... a Edite... lia...eu vim pra Manaus...e não queimô a nossa...o Hermógenes estava bêbado e colocô a vela perto da botija de gás...ele mandô::o João quebrá burbuleta... queimô a casa dele... o recreio encostava lado lá::eu tinha loiça...loiça... queimo:: tudo...já tinha... tudinho já...eu queria que tu vê...a espingarda de matar paca...começo:: a atirá:: sozinha...ninguém ajudô:: nada não... uh:: não sei bem quantos ano...eu não me lembro...a Tereza mandô:: buscá...aí eu disse assim... a Tereza mandô buscá vocês...ela vai alugá um quarto pra vocês...eu não queria vi... queria tirá:: madera...fazê tua casa...viemo dormino... ele no Buriti...foi mora:: no terreno do deputado Belo... eu num sei...se ele ainda está vivo...era só pro Hermógenes zelá:: a Igreja...o Hermógenes é o zeladô da Igreja...o senô:: que ajudô:: a fazê:: a construção, a levantá:: a igreja...depois fizeram o colégio do mudo:: escola estadual Felipe Smaldone...aí seguno chegemo... lá:: não tinha nada...depois fomo pros franceses...moremo lá:: com a Ana (filha)...não tinha escola nesse tempo...tinha uma menina que queria... assim...mas não tinha colégio...eu num sei escrevê:: não sei lê::// é o chofé:: a farda... a cascavel...a gente sabe assim...nome do ônibus que vai...aí...pergunte...qué então...assim... fica na frente do supermercado...// aí... a gente já sabe o ônibus que passa lá.

3ª Narrativa

Local: São José I – bairro da Zona Leste de Manaus

Nome: participante 3

Idade: 66 anos

O participante relata sobre a vergonha que tem em não saber ler e escrever, visto que não teve oportunidade de frequentar uma escola.

- (13) eu sô natural de Eurinepé...sô amazonense...nunca estudei...eu sô analfabeto mesmo...daquele pior que tem...daquele que todo mundo sabe...que é analfabeto...// eh::...eu...muita vergonha também...muita vergonha...quando eu... é:: pra assiná um documento...adonde eu trabalho:: é preciso melá o dedo...e... aquilo... eu fico com muita vergonha...que na época que...nós morava no interiô...num... naquele tempo... num existia escola...nós::mas meu pai era seringueiro...e lá:: donde nós morava...num tinha escola...num tinha nada...então que eu queria...eu sempre que tive doze anos... dez anos até vinte anos...eu tinha cortado seringa na mata...andano na mata...quando eu cheguei que viemo embora pra uma cidade...mas aí... tirei pra trabalhar...só vivia trabalhando... né::?e agora esse estudo tá... me fazendo muita falta...e fazendo vergonha...que eu sinto muita vergonha...quando eh... pra mim assiná um documento na frente de uma pessoa...que não sei lê::a respeito disso...eu num tenho vergonha de outra coisa...porque eu sô::... uma pessoa trabalhado::...trabalho... vivo com meu trabalho...mas que o estudo tá fazendo muita falta...quem estive estudando...eu queria que ninguém deixe seu estudo pra outra coisa...porque é o estudo que leva você pra frente...que faz você crescê:: na vida...// e só no Mentembol agente vivia uma vida, assim tão boa...e criava galinha...e criava pato...// vivia uma vida sossegada...num sabe?

4ª Narrativa

Local: Colônia Monte das Oliveiras – bairro da Zona Norte de Manaus

Nome: participante 4

Idade: 21 anos

O participante relata que migrou do interior para a capital e que aqui conseguiu um emprego, onde tem a oportunidade em conhecer outras pessoas.

- (14) minha vida que eu morava no interiô::...aí...do interiô:: eu vim po Uarini...aí...do Uarini pá Manaus...de Manaus...assim...não...não do Uarini pá Tefé...de Tefé...do Uarini fui pá Tefé...de Tefé pá Manaus...// aqui eu achei...aqui eu... é muito bacana o trabalho...eu trabalho...eu trabalho na Associação...eles precisam que eu guarde a Associação...eu conheci um amigo meu...eu tava trabalhando aí da vida...eu...eu também conheci muito aluno aqui...muita pessoa aqui Dorian...Darcy...muita pessoa importante aqui... tu também...encontrei muita pessoa

aqui...que estuda aqui tu tu também muita pessoa...eu conheci aqui nesse lugar...e também eu trabalho...aqui é bom a...a...igreja...a igreja do Senhor:...pá fazê uma coisa melhô pá mim...vesti... brincá... na casa do Senhor...cantá louvô na presença do Senhor:...// e a palavra do senhor é muito bonita boa pa nós...pá todos nós, pá todos nós pá todos nós pá todos nós é muito bom...tá na faculdade...no trabalho... na escola... na faculdade... no curso...em todo canto tá na nossa casa...na igreja...tudo:// Deus tá com nós...

5ª Narrativa

Local: Novo Israel – bairro da Zona Norte de Manaus

Nome: participante 5

Idade: 57 anos

A participante relata que veio para a cidade, mas não teve oportunidade para estudar. Na capital manauara trabalhou no Polo Industrial, em uma fábrica, mas também como doméstica.

- (15) Eu morava no município de Borba, no rio Madeira...agora tô:: morando aqui em Manaus...// é na minha infância...quando a gente morava no interior::eu... a gente morando no interior::a gente num tem necessidade de muitas... muitas coisas né?...eu também não tenho estudo...o estudo...é pôco...bem...pôquinho mermo...e não teve oportunidade...assim...do ensino como hoje temos... tem né?...eu morava... eu morava no interior::agora tô:: morando aqui em Manaus...no bairro Jesus... Jesus me Deu...e agora tamo aqui...não tô:: trabalhando...que eu já trabalho só em casa mesmo... em casa...porque eu já tenho cinquenta e sete anos... cinquenta e oito... é cinquenta e sete... já tô mais parada...trabalhei...quando era jovi numa fábrica do Distrito...trabalhei bastante...em casa de família para ajudá né?...em casa e a gente também precisa de muito...tá dependente muito do marido...a gente... o que a gente num qué::a gente pudé fazê prá ganhá um dinheruzinho fora...é muito bom... importante isso...e eu sô casada...tenho... faz mais de trinta anos de casada...tenho quatro filhos... filhos... um homem e três mulheres...e tão estudando...tão se formando prá crescerem né?...isso é importante na vida de cada um...o estudo hoje vale muita coisa...se você não estudô::você nem varrê rua né?...porque hoje se você não tivé o segundo grau né?...Você não consegue trabalho...o estudo é muito importante...

hoje...eu sô muito feliz...// por isso agradeço né? a Deus...também sô evangélica...// agradeço a vida que Deus tem me dado com saúde né?

6ª Narrativa

Local: São José – bairro da Zona Leste de Manaus

Nome: participante 6

Idade: 40 anos

A participante relata a vergonha que tem em não dominar a escrita e a leitura. O grande dilema que vivenciou, quando precisou assinar um documento.

- (16) devido as dificuldades de ensino na localidade onde moravamo...não tivemos condições de irmo a escola...// a prefeitura precisô:: entregá:: a sacola de rancho mensal... e minha mãe não estava em casa para recebê::então o que então... mandaram eu ir...recebê:: como irmã mais velha...o único problema que tinha...é que precisa assiná o documento de recebimento da mesma...o problema é que...na época...não tinhamo professô:: na escola...e tava na fila...e aí fiquei tão nervosa...que... quase fiz xixi nas calcinha...era uma decisão muito dura...eu não vô menti:: não...é muito vergonhoso a gente dizê::que não sabe escrevê::ou eu assinava o documento...ou passava necessidade...pois nesta época passávamo muita fome...comíamos a broca de cumaru e babaçu...era o que tinha na época...então fui lá::era tudo ou nada...ou eu pegava o rancho...ou passava fome...aí eu fui lá...entrei na fila...peguei a caneta...e fiz uma rainandau...alguma coisa que deu para entendê o meu nome...// aí foi quando eu fui comprá::foi quando eu fui...consegui comprá:: minha casa...aí onde eu moro...// moramo 26 ano...

7ª Narrativa

Local: Novo Israel – bairro da Zona Norte de Manaus

Nome: participante 7

Idade: 55 anos

A participante relata como auxiliou seus pais na velhice, principalmente, o pai que ficou cego e teve que receber dela todo o apoio.

- (17) Quando o meu pai envelheceu...num tinha INSS...num tinha ajuda de nada...// tive que segurá:: as ponta dele...fui eu...e eu fui a luta pela vida...e pô ele...pelos meus pais só era eu...o meu irmão foi embora...// e eu fiquei sozinha mais eles...ái...ele foi ficando cego...não pôde fazê mais nada...e eu passei a cuidá deles lutando pra sustentá-los ele o meu pai... a minha mãe e eu...quando ele ficô:: cego...eu levava tudo pra ele...o alimento... os alimentos...eu fazia a comida dele...tirava... deixava no ponto só dele comê...to::do dia...eu tinha essa obrigação...de deixá a comida dele...de lutá por ele sabe?...e ele num tinha religião...era ignorante na nas religiões...mas ele aprendeu uma coisa...ele me agradecia...quando eu levava água...quando eu levava o remédio...quando eu levava a comida...ele dizia...Deus te abençoe minha filha...Deus te proteja...tu vais acha quem encha teu pote...to::do dia todo dia... ele dizia isso prá mim...e eu...até morrê::eu enterrei ele...mandei enterrá::...fiz tudo direitinho como pobre...sem nada mais...eu achava uma ajuda daqui otra dacolá::pelejando...até que consegui...colocá ele direitinho...lá:: no túmulo dele...e ele morreu me agradecendo...dizendo estas palavra todo dia...Deus te abençoe...Deus te proteja...tu vai achá quem encha teu pote... pro resto da tua vida...e graças a Deus eu tô aqui...acho quem...acho quem...encha meu pote todo dia todo dia...eu como... bebo... visto... calço...// tenho minhas coisinha como pobre...mas tenho...// nesse sentido sô feliz...

8ª Narrativa

Local: São José – bairro da Zona Leste de Manaus

Nome: participante 8

Idade: 60 anos

A participante relata que tem 60 anos, não foi à escola e mora no bairro da zona Leste de Manaus.

- (18) tenho três filho...moro no bairro Grande Circulá::...tenho acho... que tenho uns 13 ano...que moro no bairro...tenho duas neta...tenho por enquanto...a outra tá chegando por esses dia...// minha maiô:: alegria foi quando comprei minha casa...comprei por cem reais e parcela de duas veze ((risos)) através do meu cunhado...era de madeira só tinha dois cômodo...agora é de alvenaria...e tem 5 cômodo...não vendo... nem troco...eu ralei muito pra tê minha casa...ainda ralo ainda...no final do ano quero ir pra minha terra...onde nasci... tenho... tenho...não sei se

vai dá...mas vô:: fazê:: de tudo pra ir::não sei lê::... nem escrevê::escrevo só meu nome...já tentei estudá...mas não entra nada...na minha cabeça...bem que minha mãe tentô muito...quando eu era pequena...// minha mãe diz...tu não aprendeu nada quando nova...imagina quando grande...// e nunca aprendi nada...

9ª Narrativa

Local: Colina do Aleixo – bairro da Zona Leste de Manaus

Nome: participante 9

Idade: 73 anos

A participante relata os lugares onde viveu e vive, além de falar sobre os filhos e a doença do marido.

- (1) tenho 73 ano...moro na Colina do Alexo...e na rua 19...e que mais...aí eu morava primeiramente no Andirobal...// e desse Andirobal...eu conheci meu marido que é hoje meu marido...e ele...aí... nós se namoremo cinco ano...e se noivemo...e quatro ano e um ano de noivo casamo...e tivemo oito filho e quatro perca...aí viemo pro município de Imperatriz fomo prá lá::e passemos uns 14 ano...e de lá:: viemo aqui prá Progresso...aqui no sul do Pará...chama do Progresso Matogrosso...morei por lá::agora vim...tô:: aqui no Progresso ôpa... Manaus...aqui tô:: morando...tenho meus filho...se formando...então graças a Deus...e hoje eu vivo triste...porque meu marido veve doente...e ainda não se discubriram...qui doença é... mas Deus sabe...e isso é uma grande alegria...eu vê meus filho...tenho... tenho... tudo já né::com essa idade...a mais nova tá com 36 ano...// essa é uma grande alegria pra gente...// que muita gente já foram...

10ª Narrativa

Local: Centro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome: participante 10

Idade: 45 anos

O participante é vendedor ambulante. Ele relata que um dia policiais o abordaram no ponto de sua venda e o investigam sobre o que vendia, suspeitando ser venda de droga.

(19) minha história é muito cumpricada...ela foi cumpricada...foi triste...foi bacana...mui...foi triste...mas foi legal também...// eu era camelô::eu vendia cerveja lá:: no cantu do Rêmulos...Zé Cremenente com Lobo D`Almada... isso tendo...aí...isso faz muito tempo...isso aí era eu e minha irmã...// então... um dia... os cara chegaru...os banudi...filho da mãe...pode chamá:: nome?...aí chegaru comigo...queriam me levá preso...disse que eu tava... vendeno pó...mas não...eu tava... vendeno latinha skol... refrigerante e água mineral ali na Zé:: Cremenente com Lobo D`Almada...aí... um tenente da polícia militá:: chegô:: só porque minhas latinha exposta...assim... dentro da caxa...eles pegaru as minha latinha... o dinheiro...pensaru que tinha alguma coisa lá dentu né?...não... por isso que eu eu mandei eles pra muito longe...// eu só não fui preso... porque felizmente...porque tinha gente dotro lado...que se dizia... ir por mim...// só isso mermo que tenho que falá...

Local: Centro – Zona Leste de Manaus

Nome: participante 11

Idade: 73 anos

A participante relata que morava no interior e não teve oportunidade de estudar.

(2) nasci no interiô:: de Autazes... antigamente... em 1935... meu pai... muito pobre... e nós vivamo no interior... não estudei... porque... naquela época... era muito difícil professô:: e ... a minha experiência que eu tenho é... e o que eu passei... (pausa) porque meu pai... não... não tinha condições de... de me manda:: aqui... para Manaus... porque... naquela época... era o ... Santa Terezinha... o colégio Santa Terezinha... recebia as meninas, acolhia aquelas meninas que vinham da... do interiô:: prá:: como que:: a gente diz...internato...a gente... ficava no internato.. mas... só:: num tinhamo... nem conhecimento disso...aí... um certo tempo... já tava com quatorze ano... quase quinze ano... apareceu em Itacoatiara... uma professora... por nome dona Maria Helena... e lá:: que eu estudei... uns mese... num chegô:: nem ser um ano... eu estudei uns mese... mas como eu tinha inteligência... como eu tenho até agora (risos)... sô:: inteligente... eu aprendi... eu não sô analfabeta... e por incrível que pareça eu fiquei mocinha... adolescente e... aconteceu uma coisa... eu num sei se eu posso conta... eu posso contar isso...da minha vida...eu tive uma filha... e meu pai não me quis mais em casa... e eu fiquei sem saber prá onde eu ia... o delegado tinha uma família... aqui em Manaus...me mandô... prá cá:: prá mim ser serviçal... e eu fui ser serviçal... como eu

tinha muita inteligência de fazê:: comida... né::eu fui aprendendo a fazê:: comida e... lá:: eu vivi cinco anos nessa casa... trabalhando... lutando para sobrevivê::nunca... nunca... me prostitui... fiquei na bêra da calçada rodando bolsinha (risos) prá vive::a minha vida foi de luta...até hoje... eu mostro prós meus filho... essas mão... num é mão grã-finas... são mãos de luta... de sacrifício... de lágrimas... entendeu...? que... naquela época... naquela época... mas... naquela época... a vida era dura... logo a gente tinha exclusão...excluía...como eu tive uma filha... as pessoas que tinham dinheiro... fazendeiro... excluía...eles vinham procura:: aquela moça... os homem... mas só para seduzi... aí:: deixavam o filho... e caíam fora... entendeu? Mas... eu vim embora... prá cá:: prá...Manaus... prá casa... dessa família (do delegado)... passei todo esse tempo e... aprendi... aprendi.. como é a vida...a vida num é... num é... só:: era só rosa... era lágrimas também...eu sozinha aqui... dentro de Manaus... sem ninguém... sem família... e trabalhando... trabalhando... lutando... carregando, carregando lata de carvão – que naquela época num tinha, num tinha fogareiro a gás... fogão a gás... era fogareiro... e eu ia busca:: lá na bêra... lá na praia... as latas de carvão na cabeça... passando por... na ... passando... ali:: na Marcílio Dias... e o pessoal até ... ah! eu queria uma nova como essa... e tal... né? mas graças a Deus... apareceu um homem na minha vida... e esse homem... se tornou meu marido...apareceu esse homem... que esse homem... depois se tornou o meu marido...e graças a Deus... eu sempre aconselho os meus filhos... sejam o que vocês são... trabalhem... não roubem... nunca... um filho meu... nunca a polícia bateu na minha porta... vindo busca:: meus filho... tavam drogado... porque tavam roubando... não!...eu ensinei...a experiência de vida... que eu tenho... o sofrimento que eu passei na minha vida... hoje... eu aconselho meus filho... hoje... sô uma mulhé:: casada... hoje... eu sô uma mulhé... honesta... hoje... sô uma mulhé:: respeitada...e eu dô... muito conselho prós meus filho... por favor... NUNCA seja... como a sua mãe... seja humilde... vista o que vocês pode vesti::... calce o que vocês pode calçá:: e vamo vivendo...hoje... você vê:: eu tenho a minha casa... hoje... eu tenho uma boa aposentadoria... que meu marido faleceu... que você sabe... que com trinta e tantos dias... mas ele não me deixô... não me deixô:: eu sem nada...hoje... eu tenho as minhas coisa... graças a Deus... por quê::? Porque:: ele sabe... ele dá:: ele me deu valô::como eu também...porque... aprendi a sê família. Hoje eu sou família, hoje eu tenho paz na minha casa. Hoje eu tenho meus bons amigos. Inclusive até vô citar o dei valô a ele e dô:: até hoje... eu respeito o meu marido... que morreu... como eu

sempre digo... nunca vô desrespeitá minha família... nome de uma pessoa... o senadô Eduardo Braga... é meu amigo... o pai dele é meu amigo...todas essas pessoa... eu sô de fazê:: amizade com essas pessoa... por intermédio do meu marido... que era muito amigo... então... hoje eu digo... vamo olhá:: olhá:: prá frente...mas sabê pisá:: onde a gente deve pisá:: olhá... a gente não... não quêra mal a ninguém... não::mas... vamo fica:: não se metê:: em certas coisa... porque o mundo nos oferece coisa boa... e coisa ruim...e nós temo... que procura:: as coisa boa na nossa vida...é isso que eu tenho a te dizê:: dessa mulhé... que sofreu tanto... que num tô:: nem falando... meu sofrimento todo (risos) é isso... que eu tenho a te dizê:: do meu sofrimento... das minha lagrima... e de tudo hoje.

Local: Centro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome do participante: 12

Idade: 45 anos

A informante relata a vida que levava no interior do Amazonas.

- (3) Quando nascí no interior... num lugar chamado Messejana... entendeu? aí... eu me criei... eu nasci... eu sou a filha mais velha da minha mãe... ela teve mais sete filho... aí... nós “fumo” levando a nossa vida... aí... cresci trabalhando na roça... plantando roça... plantando banana... plantando juta... entendeu? fazendo farinha... torrando farinha... no forno e fumo... levando nossa vida assim ... foi crescendo... crescendo... junto com meus irmão... trabalhando ... tinha muita fartura no interiô... a gente pegava tambaqui... meu pai pegava tambaqui... com meus irmão ... eu me lembro... que eu ia prá:: prancha trata::: tambaqui... a minha vida no interior foi legal... e assim... eu fui levando a vida... e foi o tempo... que eu cresci com 20 ano eu casei... meu esposo tinha um barco... a gente andava na beira do rio... comprando madeira... comprando farinha... era regatão... eu tive 2 filho... e fumomora:: em Borba... e fui levando minha vida... lá:: em Borba... junto dele... depois de 8 ano em Borba... nós resolvemos vim prá:: cá:: prá Manaus... quando a gente chegamo aqui:: compramo um terreno... e assim...fumo... levando nossa vida.

13ª Narrativa

Local: Centro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome: participante 14

Idade: 67 anos

- (4) meu nome é xxxxxx... tenho 67 ano... nasci no Município de Manaquiri na Ilha do Barroso... no interiô:: aqui:: do Amazonas... sô:: filha de pais sem estudo... e vim morá em Manaus com 18 ano de idade... aqui... como eu não tinha estudo de nada... fui obrigada a trabalha:: na casa de família... reparando os filho do casal...fiquei lá:: nesse emprego... por um ano e três mês... até consegui:: um emprego de cozinheira numa fábrica... então... com esse emprego tive mais tempo para estuda:: e fiz a primeira... a segunda... e a terceira séria... mas depois fiquei gestante... e tive que sai... da escola... desde esse tempo... não estudei mais... né? tive que cria:: meus filho... e criei todos com muito sufoco... e esforço... sem ajuda do meu marido... que me largou...menino... prá mim cria:: meus filho foi uma luta... aValença... que eu lavava roupa... pró outros... mas ainda fui muito humilhada... vala-me Deuzo! mas... num deixei de sustentá::... e dá:: ensino pró meu filho...só tem um... que não valeu nada... mas toda noite... eu rezo para que ele saia... dessa vida de perdição ... tenho fé... que ele vai prá:: frente ... né? só qué sabe:: de se perde:: na vida com essa mulhé... que não valhi nada!... assim vô:: vivendo com minha aposentadoria... e crendo no meu São Francisco... pedindo prá ele me guie... quando eu morre:: tudo que tinha que fazê na minha vida... eu já fiz... agora... só me preocupo com minha hora final... fora isso... meu filho... não tenho nenhum tipo de problema... não.

14ª Narrativa

Local: Centro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome: participante 14

Idade: 36 anos

- (5) meu nome é xxxxxxxxxxxx... sô natural do Piauí... e meu grau de estudo é muito pôco... por causa que num estudava... porque tinha que trabalha:: para sustenta:: a minha família...cria:: meus irmão... que meu pai trabalhava na roça... e que tenho que fala:: que eu sinto hoje... de num podê:: pegá:: vários papel prá mim lê:: por causa... que eu num tive oportunidade de ... que se eu tivesse... eu tinha estudado... meu grau de estudo é a terceira seria... muito pôco... e hoje... sinto dificuldade... lá:: onde trabalho... que nas máquina... que eu ...trabalho... que já tem máquina computadorizada... e num sei... e o que tenho prá fala:: prá:: vocês... que quem

oportunidade prá::estuda:: que estude... por causa... que o meu estudo é muito pôco... mais eu num posso estuda:: mais por causa que já tô:: com trinta e seis ano... então... que dependo do meu emprego... e se eu fô:: sai:: prá estuda:: meu patrão vai querê dizê:: vai complica:: o trabalho... porque qué... que trabalho até tarde da noite... nove da noite... então tenho que trabalha... num posso... que eu dependo... que eu pago aluguel... que eu pago água... pago luz... moro sozinho... solteiro... e o que tenho prá dizê:: pró meu amigo... que é só isso... que eu fico muito assim... quando fico vendo uma pessoa lendo um papel... um jornal... que um jornal... fico pesquisando um jornal... mais não sei lê:: todas as palavra... então fica meio complicado prá mim...é ... é ... outra coisa... tem muita gente... que tem oportunidade prá estuda:: e num estuda... e eu admiro muito... muito... porque hoje eu num posso estuda:: mais num posso mais... só se eu volta:: pró Piauí... então estuda:: porque lá tem meu pai... prá mim dá de comê:: aqui não tenho não... meu pai aqui... é meu emprego... e um bom dia prá vocês... e tudo de bom.

15ª Narrativa

Local: Centro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome: participante 15

Idade: 67 anos

- (6) meu nome é xxxxx... tenho 23 anos... eu não estudei... porque tinha que cuidá:: dos filhos da minha irmã... que ela... que me criava... quando eu era pequena... aí... eu parei de estuda:: acho que era na primeira série... aí... eu parei de estuda:: prá fica:: cuidando dos filho dela... aí... agora tem os meu... né? tem que cuidá:: dos meu... que agora... que tô:: começando a estuda:: de novo, fazendo EJA... que é a primeira... segundo... e terceiro...o que eu gosto muito... dentro da sala de aula... é física... adoro física... e matemática... eu odeio ((risos))... carra³... que eu quase não sei conta de menos... aí... por isso... que eu odeio... só sei conta de mais... menos já não...minha mãe nunca se interesse:: nos meus estudos... ela nunca gostô:: que eu estudasse... meu pai também... nunca se interessô, então a única coisa... que se interesse:: foi minha irmã... mar... mermo... assim... a gente ia prá:: aula... e quase... também... que as vezes... ela deixava a gente i:: e as vezes não... mar... ela falou que se interesse::

³ casa

bastante... a gente... que não corremo atrás... aí... como eu ficava muito tempo ...com os filho dela... eu peguei... já tava cansada de fica:: em casa... peguei e arrumei filho cedo... prá mim... sai:: de casa...meus filho estudam... tem um que tá:: no terceiro... outro na primeira série... e outra também tá:: estudando... só... que ela tá:: fazendo ... esquecí o nome... mais ela também tá estudando... eu queria que eles fosse médico...tá sendo muito difícil arrumá:: trabalho... porque eu também não sei lê:: aí... então é ruim... por isso... aí... é muito difícil arrumá:: trabalho... muito mermo... mais todo canto que trabalhei... foi carra de família... e... agora que tô:: trabalhando aqui... em serviço gerais no hospital... e tudo que eu queria sê:: é me formá:: em direitos... sabia sim... é porque sempre a única coisa... que eu sabia era escrevê:: meu nome... aí... meu nome eu sei escrevê:: prá lê:: algum papel eu já não sei... então... a coisa que eu trabalhava na pizzaria... trabalhava com massas de pizza... e os meninos faziam pizza... senão... eu fazia macarrão... e... no restaurante.... eu trabalhava no escritório... era lanvando... e passando as toalha do restaurante... e os guardanapo... ela (a professora) fala muito... que eu tenho... que estuda:: bastante... que eu sô:: muito nova... tenho que me interessa:: bastante pelos estudo... que... eu sô uma moça bonita... que eu não tenho... que fica:: só em casa... nem me acaba:: alimpando o chão dos outro... ela me dá muito conselho... prá mim... segui bastante em frente... o que eu quero... e eu tô:: fazendo muito... porque as vez... quase chego muito cansada... em casa... as vez... não quero i:: prá aula... mais... mermo assim... eu vô:: doente ou não.... mais eu vô:: eu quero muito... o que eu quero mermo... é aprendê:: a lê muito.

16ª Narrativa

Local: Vila da Prata – Zona Oeste de Manaus

Nome: participante 16

Idade: 63 anos

- (7) me chamo xxxxxxxxxxxx... nasci em 1951... na maternidade Ana Nery... em Manaus... nossa família era muito humilde... morava em uma casa de dois comodo... nós era seis irmão.... era quatro mulheres.... a Totoca... a Nega... e a Glade... os home::o Raimundo... e o Cola... a minha mãe... e papai... sempre trabalharam... eu... quando era pequena... não estudei... porque tinha que repará:: os meu irmão... porque eles era tudo de menó:: que eu... minha vida... não era maravilha.... mais a gente sabia como se diverti... lá:: em casa... embaixo tinha um porão... e quando o igarapé enchia... nós ia

brinca:: lá... de baixo da casa ((risos)) era bom demais.... a nossa infância... os nosso brinquedo... a gente tirava do igarapé:: lembrá disso... me dá uma tristeza... as vez... porque meu pai... e a minha mãe... já morreram... e eles sempre falava... que um dia nós ia sai:: dali:: mais quando cresci:: eu apanhava do papai... porque eu fugia para i:: para os baile... eu adorava dança:: ainda:: levava a minha irmã... a Totoca... comigo... quando mais tarde... a gente chegava em casa... e entrava pela janela... o papai já estava com a ripa... na mão... aí... minha colega... a gente tomava peia... o papai só parava... porque a mamãe acudia a gente... mais não tinha jeito... não... colega... a gente gostava de namorá:: e dança:: ... aí... num ligava mais para a peia... me dava pena do meu irmão Cola... desde os seis ano de idade... que ele já demonstrava ser mais frágil... que o Raimundo... então meu pai... que era rígido... para ele... o homem tinha... que tê:: jeito de machão... então o coitado... do Cola... era apelido dele... apanhava desde cedo... o papai dizia... para ele... que era para ele aprendê:: a sê:: home... o papai amava o Raimundo... porque era ...o machão de casa... vivia brigando... na rua... era cheio de namorada... aí... o Cola... fugiu com uma senhora... que todo dia via... o que o papai fazia... com o Cola... só porque ele era gay! ai! meu Deus! ele sofreu tanto... que dá dô:: no meu peito ((choro))... era maldade... mais nós não podia fazê nada... senão a gente pegava também... ele foi embora com doze ano... que a mulher levô:: ele para São Paulo... a minha mãe sofreu tanto.... naquela época... nós não tinha como fala:: como se comunica:: nós não tinha recuso... que hoje eu dô:: para a minha filha Andreia... mais depois... ele voltô:: com vinte ano... e já foi mora:: sozinho... mais meu pai... até ele morre:: em 1998... não gostava dele mermo... porque ... ele tinha esse problema de ser gay... ele falava que não tinha filho pecado:: o papai era católico demais... ai... mana... quando eu tinha 17 ano... eu peguei filho... e o meu namorado... que a gente... se encontrava escondido... disse que não ia assumi:: porque... porque... naquele tempo... nós tinha que casá:: nossa! eu sofri muito...foi um dos piores dia da minha vida... me deu um desespero... porque... quando o papai descobrisse.... ele iria me mata:: eu me apertava toda... amarrando pano na minha barriga... para não aparece:: mais minha mãe... conhecia o nosso corpo... ela me pergunto:: se eu estava grávida... e eu me calei... minha mãe... trabalhava na maternidade Ana Nery... quando meu pai descobriu... eu já estava com quatro mês de grávida... apanhei tanto... as minha irmã... tudo chorando... pedindo pelo amor de Deus.. para que... o meu pai parasse... a minha mãe pegava tanta surra.... se metendo

na minha frente... ele me jogou:: no meio da rua... dizendo que era a vergonha da casa ((choro))... fui embora de casa... eu tinha que arranjar:: dinheiro... comecei a lavar:: roupa para fora... e não gastava nada... minha mãe mandava dinheiro... e comida... para mim... escondida... sofri tanto... na minha vida... mais consegui:: tê... minha única filha... Andreia... nasceu com muita saúde... dei vida para ela... que não tive... maninha... trabalhei duro na vida... e comprei minha casa... sem ajuda de home... nenhum... e dei vida digna... para a minha filha... estudo:: nos melhores colégio... que eu paguei... com meu suco:: e trabalhando em casa de sol... a sol... hoje... minha filha mora no México... é bem casada... tem filhos... e vô:: te fala:: uma coisa... não me envergonho de não sabê:: lê direito... a minha filha... ainda... tentô:: me leva:: para a escola... mais tudo que aprendi foi com os tropeços... que a vida me deu... meu pai e minha querida mãe... que Deus a tenha... já estão morto... e me orgulho de dizê:: que nunca guardei magoa... ou raiva do meu pai... quando em vida... eles dois... já idosos... eu ajudei bastante... amo minha família... hoje moro aqui:: na Vila da Prata... perto da minha irmã Totoca... e as outras... somos unidas demais... espero que goste de um pouco da minha história.

PESSOAS LETRADAS

1ª Narrativa

Local: Centro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome: participante 1

Idade: 26 anos

O participante é pós-graduado e relata uma brincadeira de criança.

(11) bem... eu tava brincando com minha prima...eu era criança...tava... brincando junto com ela no quarto da minha avó...// aí... ela subiu em cima de uma rede...e começou a balançar sozinha...e eu queria me balançar:: junto com ela...eu tentei subi em cima da rede...e como a rede tava balançando...a rede acabou me empurrando...e eu acabei batendo na parede...que era de madeira...e na parede de madeira tinha um

quadro... antigo de madeira que acabou balançando...e acabou caindo na minha cabeça...// acabou provocando uma cicatriz...// que tenho até hoje...

2ª Narrativa

Local: Novo de Israel – Zona Norte de Manaus

Nome: participante 2

Idade: 46 anos

A participante tem curso superior completo. Ela relata como trabalhou muito para conseguir seus objetivos.

- (12) moro aqui em Manaus há vinte e três anos...antes de vim morar aqui...eu morava num interior bem distante daqui...// trabalhei na roça com meus pais...foi quando surgiu a oportunidade de vir...trabalhar aqui na capital...separada...com duas filhas pequenas...tive que deixá-las com minha mãe para poder... trabalhar...trabalhei numa empresa terceirizada por dois anos...foi quando tudo mudou na minha vida... ralei muito...troquei de empresa...recebendo um pouco mais...fiz um curso de técnico de contabilidade...alguns anos depois...consegui comprar minha casinha...onde moro até hoje...pra melhorar minha situação com minhas filhas...já grandes e morando comigo...fiz uma faculdade na minha área...// tenho uma vida confortável hoje resumindo (risos)...essa é mais ou menos um pouco de uma pessoa trabalhadora... trabalhadora...// e...espero... continuar com essa força e coragem de lutar na vida.

3ª Narrativa

Local: São Lázaro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome: participante 3

Idade: 37 anos

O participante tem grau de escolaridade superior incompleto, reside no bairro de

São Lázaro, Centro Sul de Manaus.

- (13) Meu nome é xxxxxxxxxxxx, mas todos me chamam de xxxxxxxxxxxx...nasci em Fortaleza...e há dezoito anos estou fora da minha terrinha...// sou de família humilde...onde os filhos precisavam começar a trabalhar cedo prá ajudar os pais...por isso comecei a trabalhar cedo...prá ajudar os pais...por isso comecei a trabalhar aos 13 anos... prá ajudar em casa...meu pai não valorizou os estudos...por ele... os filhos não

tinham frequentado a escola...minha mãe foi quem lutou...para que a gente estudasse e fosse alfabetizado... dos quatro irmãos apenas eu me interessei mais pelos estudos...aos 18 anos consegui entrar prá servir na aeronáutica como soldado...no primeiro ano que servi...consegui ser aprovado no concurso prá sargento...deixei minha família em Fortaleza...eu fui morar em São Paulo...para fazer o curso de Especialistas da Aeronáutica...eu tinha apenas 19 anos ao terminar esse curso...que durou dois anos...eu fui transferido para Brasília onde morei sete anos...depois morei em Natal mais seis anos...lá... eu passei no vestibular da UFRN para o curso de Matemática...mas devido a minha carreira militar...onde estou sempre em missões...ainda não consegui concluir o curso...// vim morar aqui em Manaus...há três anos...// é um lugar muito quente...mas muito abençoado.

4ª Narrativa

Local: São José – Zona Leste de Manaus

Nome: participante 4

Idade: 33 anos

A participante tem curso superior completo. Ela relata sobre a vinda para Manaus, os estudos que realizou e o casamento.

- (14) bom morei...passei muito tempo lá:: com minha mãe...lá:: no sítio com minha mãe...onde ela morava em Nova Olinda...aí... eu queria ser mais independente...assim... então vim mim bora prá Manaus...// eu conheci minha madrinha...aí...eu fiquei com ela...morando... trabalhando...na casa dela...morando... trabalhando... fiquei dez anos...aí... estudei...terminei o ensino médio...aí fui embora prá Fortaleza...de lá fomos prá lá...ficamos mais ou menos uns 3 anos com ela...aí... comecei a estudar...tive oportunidade de estudar lá...só que não terminei meu curso de nutrição... porque tive que vim embora...por causa do meu pai que tinha falecido...então vim embora por causa da minha família...eu me sentia muito triste...que tava longe...mas tava feliz...porque minha madrinha me tratava muito bem...passei 3 anos com ela...vim prá cá com minha família...cheguei em Manaus...fiquei com meu irmão...que se chama Elielson...na casa onde ele morava...aí fiquei...passei mais ou menos uns 3 meses...aí eu conheci o meu marido...que foi o Miguel...aí... eu conheci e fiquei namorando mais ou menos 3 meses com ele...aí se

juntamos...// depois nós fomos no cartório...e nos casamos...// aí vivo até hoje com ele...

5ª Narrativa

Local: Colônia Terra Nova – Zona Norte de Manaus

Nome: participante 5

Idade: 28 anos

A participante cursou até o Ensino Médio. Ela relata que viveu no interior, mas que depois procurou os centros dos estados do Pará e Amazonas para dar continuidade aos estudos.

- (15) bom minha infância foi no interior...estudava...também no interior...minha mãe era professora...eu estudava com ela...aí... depois até a...até a 4ª série...// e depois eu tive outros professores...estudei até a 7ª série...aí eu vim pra Manaus...fazer curso no Pro Menor D. Bosco...fazer curso pra mim estudar...aqui...em Manaus...também em 2001...eu fui prá Belém...e de lá::terminei meu estudo lá:: em Belém...aí... passado uns tempos...vim prá cá::prá Manaus...com a intenção de estudar de fazer uma faculdade e também trabalhar...// para melhorá a minha renda...// então é isso... minha vida é essa.

6ª Narrativa

Local: Centro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome: participante 6

Idade: 25 anos

A participante é Licenciada em Dança e Pós-Graduada em Psicomatricidade.

Ela relata o caminho que percorreu para se profissionalizar em dança.

- (16) Iniciei os primeiros passos em dança... aos seis anos de idade...na escola SESI CAT3...dançando todos os ritmos...//minha família não tinha condições financeiras...para colocar-me numa academia de balé:: profissional...então continuei esta arte...até os meus treze anos... na escola SESI CAT3...parei por um ano...e voltei aos quinze anos de idade... porém no CCA BERG...depois fui para o Cláudio Santoro...e ingressei na universidade...atualmente... sou professora do clube do trabalhador do SESI...// há três anos ministro aulas para crianças... jovens... adultos e terceira idade...// sou muito feliz...e realizadaprofissionalmente...

7ª Narrativa

Local: Centro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome: participante 7

Idade: 43 anos

O participante tem escolaridade superior. Ele relata sobre que morou em Alguns lugares do Brasil e que o sotaque que antes era gaúcho parece ter se modificado.

- (17) bem... meu nome é xxxxx...sou natural de Porto Alegre - Rio Grande do Sul... uhn...// mas morei quase toda minha vida no nordeste... né...//passei por vários estados... desde o Ceará... Paraíba... Pernambuco... Alagoas...e agora... estou aqui em Manaus – Amazonas...uhn:: assim:: o meu sotaque mesmo...quando eu vou lá::pro sul me chamam de nordestino, né::meus primos e tios tiram onda de mim falando...que eu sou o nordestino da família...mas quando eu morava no nordeste o pessoal me confundia com paulista...né?::não me conheciam como gaúcho mesmo...não...mas me conheciam como paulista...diziam que eu tinha um sotaque paulista...e eu...assim...de verdade...eu não sei... se o sotaque é paulista... se é gaúcho...se é nordestino...alagoano...paraibano...pernambucano ou manauara...// agora é uma salada só...// então é isso ah... eh!

8ª Narrativa

Local: Planalto – Zona Centro-Oeste de Manaus

Nome: participante 8

Idade: 32 anos

O participante, atualmente, cursa direito. Ele relata sobre a família e de como foi decisivo tê-la, visto que, em sua juventude, traçou alguns caminhos, mas depois voltou a estudar.

- (18) bem... eu nasci na cidade de Urucará - interior do estado do Amazonas...sou filho de xxxx...minha mãe tem o nome de xxxxx...nós somos... éh... por todo nove irmãos...eh... sendo que sete são homens e duas... são mulheres...e... bem... a minha origem...na época dos meus avós... que vieram do Líbano da Segunda Guerra Mundial...// então sou de origem libanesa...eh... minha família alí na minha cidade tem uma tradição política::onde o meu avô Antonio Felipe foi prefeito::o meu tio... irmão do meu avô... também foi prefeito...e.. o meu pai tem aí uma carreira política... onde teve cinco mandatos de vereador... duas de vice prefeito e uma de prefeito...desde

então...assim... é... a origem da minha história...tive uma adolescência um tanto quanto conturbada...porém tenho orgulho de ser filho dos...dos meus pais...devido prá mim... eles têm sido até hoje um referencial como pais exemplares...que muito se esforçaram...para criarem seus filhos... né...dentro dessa... dentro de muita dificuldade financeira...mas nunca deixaram de lutarem prá criar... seus filhos... obtendo... assim... o êxito ...que eles o obtiveram na criação de nove filhos...que já todos adultos, casados... né...deram muitos netos prá ele...em decorrência de algumas vezes... na ausência do meu pai...é.. isso influenciou muito na.. no meu crescimento... na minha criação...devido meu pai ter que sair pra trabalhar...ir buscar de nosso sustento...então... eu passei minha infância e adolescência...sem a presença de meu pai...muitas das vezes...então... logo... chegando na fase de adolescente...tive uma adolescência complicadíssima... que ao invés de ter uma convivência saudável na minha fase de adolescente com meus amigos...com meus colegas...tive uma adolescência um tanto quanto conturbada com características de violência...eh...provei de bebidas alcoólicas muito cedo... né::...devido a toda essa situação de meu pai ter ir que trabalhar...e ficar longe da família prá sustentar os filhos... quando chegasse...então logo após tudo isso... eu vim para Manaus...né... resolver alguns problemas familiares... fazer algum exame...né?...é... vim prá médico aqui... em Manaus... porque... no interior... naquela época não existia tanto recurso assim...então... logo... eu tive uma oportunidade de... na viagem... dentro de um barco...ter um encontro com Deus...que foi um ponto crucial na minha vida...pra reestruturar minha situação emocional...que naquela época estava um tanto destruída...logo após isso... retornei a minha cidade de Uruará...vivi uma nova vida... né::...nessa nova vida... encontrei uma comunidade de pessoas diferenciadas da onde eu convivia... né::...e passado alguns três anos... passados três anos...depois aí eu tive uma situação um tanto que desagradável...tive que retornar prá Manaus...aí... foi quando eu comecei a estudar...terminando o meu ensino médio...buscando emprego prá que eu tivesse renda...nisso consegui um emprego de vendedor de sapatos no shopping...depois prestei o vestibular prá direito...passei...e assim minha vida foi se modificando...fui sendo assessor na Assembleia Legislativa do Estado...fui galgando espaço no meio da sociedade Manauara...então... logo... comecei a estudar...encontrei uma namorada...que hoje é a mãe dos meus filhos...somos casados...temos dois filhos...e... tivemos alguns problemas de conflitos familiares...porém nós superamos

isso... né?:devido mesmo ter casado antes de ter uma vida estabilizada financeiramente...e... graças a Deus... hoje... nós superamos...hoje estou... continuo a estudar... né?:voltei a estudar novamente...teve uma época que eu tranquei...fui garçom...vi que o meu sonho de... de ser advogado estava ficando pra trás...retornei a faculdade com ajuda de Deus e de meus pais... e hoje estou finalizando meu curso...// tenho uma vida um tanto que mais... tranquila junto da minha família... né:// essa é um pouco de história de vida que eu tenho...

9ª Narrativa

Local: São Lázaro – Zona Centro-Sul de Manaus

Nome: participante 9

Idade: 38 anos

A participante tem ensino médio incompleto. Ela relata sobre a descoberta em não ser filha das pessoas que a criaram. Depois aceita a situação que se descortinara em sua vida e muda-se para a capital em busca de melhorias na vida.

- (19) sou casada...tenho quatro filho... um morto e três vivo...// e desde...quando nasci... quando eu nasci...com mês que tinha nascido...minha mãe me deu...pra uma tia me criar...então... até os quatorze anos...eu achava... que essa tia era minha mãe verdadeira...que era a que me criou...mas quando eu completei quatorze pra quinze ano... descobri que não era minha mãe verdadeira... ela era minha tia... que a mãe verdadeira era a outra que eu chamava de tia... né?:...eu fiquei um pouco revoltada por uns tempos...mas depois consegui superar tudo...porque minha mãe e meu pai... que me criaram...eram muito bons comigo... apesar de meu pai ser bastante rígido...mas no fundo eles eram bom comigo...ele... porque me criou... me educou... me deu estudo até o tanto que ele pôde...então... prá mim... isso foi bom...depois aos dezessete ano... fui mãe solteira...tive um filho que o nome dele é Maicon...né...então... depois que esse filho nasceu... passei muito sufoco...porque logo em seguida... com dois meses que meu filho nasceu...minha mãe morreu...minha mãe que me criou...chegou a falecer...então... eu tive que me virar sozinha...prá criar meu filho...com dois meses... eu com dezessete ano...tive que trabalhar...e ao mesmo tempo cuidar do meu filho... né?:...antes não precisava...porque tinha minha mãe e ela cuidava dele... né?:...mas agora... aí... depois... eu peguei... né?:...devido à falta que a mãe

fazia pra mim...eu vim prá Manaus...deixei meu filho com meu pai...e vim embora pra Manaus atrás de um emprego melhor...aonde eu pudesse ganhar melhor prá sustentar meu filho... né?...porque o pai nunca ajudou em nada...chegando aqui, eu trabalhei em várias casas de família... né?::aí... trabalhei cinco anos como doméstica...aí... cinco anos que eu já tinha de doméstica... aí...eu casei...e tive mais três filho...ah... com esse casamento que durou dezessete ano...só que...eu tive que me separar...eu... infelizmente... tive que me separar...hoje em dia... faz um ano que sou separada...e... casei de novo... né?::tô cum quatro meses de casada com meu novo marido... né?::e... vivemos eu... ele e meu filho... né?::e essa é minha história de vida...e essa é minha história de vida... né?::é como eu vivo...// e hoje em dia eu continuo sendo empregada doméstica com Dona Creuza que já conheço... há oito ano... né?...continuo trabalhando prá ela...e meu marido trabalha em uma empresa também...// e essa é minha história de vida.

10ª Narrativa

Local: Cidade Nova– Zona Norte de Manaus

Nome: participante 10

Idade: 26 anos

O participante tem grau superior incompleto. Ele relata seu desejo de ser astronauta.

- (1) Olá...bem::meu nome é xxxxxxx...eu sou professor... de matemática de...do...Waldocke...terceiro colégio militar... da... polícia militar...eu quero contar a minha história...é o seguinte...é o seguinte ((risos))...quando...eu era criança...eu sempre sonhei em ser astronauta...certo?...mas:: eh...como no caso o passar do tempo...eu nunca tive apoio da família...e...apesar de minha mãe nunca morar...comigo...meu pai...então...eu vivia na casa da minha vó::e...como toda criança...eu...sonhava né?...aí...toda madrugada eu saía do...saía de dentro do quarto e...como via a porta...era...apenas travada pelo ferrolho...aquele ferrolho saía...para ver as estrelas e eu achava aquilo tão bonito...então aquilo...foi através dali que eu consegui verificar:: que...sei lá:: eu me apaixonei pela primeira vez...foi quando tive a sensação que aquilo...é bom pra mim...aí...eu verifiquei que...eu queria ser alguma coisa...relacionado ao universo...ou seja...fora da terra...e...então...foi daí:: que eu criei

a ideia de ser um astronauta...apesar de não conhecer...não saber o que era isso mais...eu já tive esse sonho comigo...então...até hoje...eu gosto de...desafios...eu procurei a matemática...porque a matemática...é uma ciência muito...ela é um tipo da...digamos que o professor de matemática é o inimigo de muitos alunos...porém...por ser desafiante...eu gostei e...hoje...vinte e seis anos de idade...eu...ainda...sonho ser um astronauta...e...meu sonho vai ser realizado...obrigado.

11ª Narrativa

Local: Cidade Nova – Zona Norte de Manaus

Nome: participante 11

Idade: 33 anos

A informante tem grau superior completa e narra sobre as modificações que ocorreram em sua vida.

(11) bom... eu nasci em Manaus dia 11 de dezembro de 1981... sempre morei aqui:: desde criança... nunca morei em qualquer... eh... do meu ensino fundamental até o ensino médio... foi até mais ou menos com 17 anos... quando eu terminei o meu segundo grau na Fundação Batista Makilini⁴... depois que sai da escola... eu engravidei do meu filho que hoje tem 11 anos...em 2003... eu entrei... na:: na::... fiz o concurso da polícia... né::?...e entrei na polícia no ano de 2004... fevereiro... 2005... eu fiz o vestibular da UFAM... pra bacharelado em física... o curso eu passei três anos... mas... eu não cheguei a formar... parei no sexto período... e... 2008... eu fiz o vestibular da UEA pra gestão pública... e é o curso que eu tô:: me formando agora... se Deus quiser:: eu formo nesse período... dia 5 de abril é minha colação de grau e... eu trabalho no regimento de policiamento montado e ... eu tô:: aqui há dois anos... gosto muito de trabalhar:: aqui na Unidade... eu gosto muito de cavalos... né::? costumo dizer... que eu prefiro trabalhar... com animal do que trabalhar... com gente... e é muito mais fácil trabalhar com animal do que com gente, e [...] ah! [...] eu tenho um bom relacionamento com minha família... tenho muitos irmãos... né::? por parte de pai... por parte de mãe... meus pais são separados... mas... eu tenho um relacionamento com eles... com minha mãe... eu ainda moro com meu filho... e mais dois irmãos... ah::faculdade eu tô:: com uma outra turma...que eu tenho um bom relacionamento cm

⁴ Fundação é Mathias Michelini

eles também... são pessoas muito legais... bem mais velha que eu... né::? Mas... são bem legais... fiquei bem enturmada com eles e está acabando.

12ª Narrativa

Local: Cidade Nova – Zona Norte de Manaus

Nome: participante 12

Idade: 33 anos

A informante é formada em História pela Universidade Federal do Amazonas

UFAM.

(12) olá:::meu nome é XXXXXXXXXXXXX... sou formada há 22 anos... em História pela Universidade Federal do Amazonas...bom... eu estou na área de educação há 27 anos... um pouquinho de tempo, né? Já faz, pois é... a minha primeira experiência profissional foi na FEBEM. Esse trabalho era muito legal... era um trabalho muito interessante... porque::nós realizávamos atividades recreativas com as crianças... realizávamos atividades sociais... e trabalhava não apenas com as crianças... mas com suas famílias.... e durante todo esse tempo... né::? trabalhei... também na área infantil... trabalhei com crianças do 1º ao 5º ano... do 6º ao 9º... na área... no ensino médio e durante todo esse tempo de atuação na educação eu percebo cada vez mais a importância do educador:: na vida das pessoas... né::? e olha... vale a pena investir... nas crianças... e ajudá-las a vislumbrar um mundo melhor:: penso que todo o educador... é esse semeador de esperança... de esperança na vida de seus educandos...

13ª Narrativa

Local: Cidade Nova – Zona Norte de Manaus

Nome: participante 13

Idade: 42 anos

A informante tem grau superior completo

Local: Manaus – AM

...(13) tenho quarenta e dois anos... pedagoga... tenho dez anos na área educacional... sô:: professora do ensino fundamental... 1ª série e alfabetização... minha infância foi comum... a diferença... que eu tenho uma mãe... que era professora... e que nos

incentivou⁵ muito... embora meu pai tenha morrido cedo... desde cedo... éramos seis filhos... desde pequenos... mãe teve que nos criar⁶:: sozinha... todo mundo continuou ... estando... casei cedo... por ter casado cedo demais... eu parei meus estudos... e depois que eles cresceram um pouco... eu voltei meus estudos... aí... não parei mais... meus filhos já estão grande... tem uma formada... e um está formando... estão bem estabilizados na vida... minha vida é essa trabalhando... fazendo concurso... tenho uma pós parada... uma em andamento... eu faço... páro... eu pretendo fazer mestrado... meu filho ainda precisa de mim... mas quando ele formar... vou ter tempo só prá mim... aí sim!, vou viajar... vou estudar... ainda mais.

14ª Narrativa

Local: Cidade Nova – Zona Norte de Manaus

Nome: participante 14

Idade: 41 anos

A informante tem segundo grau completo, veio do Maranhão

Meu nome é xxxxxxxx... tenho 41 anos... sou casada... tenho três filhos... sou maranhense... tô aqui em Manaus há 18 anos... vim do Maranhão pra Amazonas pá... procurá⁷:: melhora... assim... de emprego... no Nordeste é difícil... então... é assim... já fiz vestibular uma vez... não passei... mas não desisto... e o brasileiro não desiste... sempre tem que ir em frente... até um dia conseguir nosso objetivo... e ... tô correndo atrás de melhoras... eu faço... trabalho de serviços gerais... mas o ser humano sempre quer uma coisa melhor... e qualquer trabalho assim... você queira é honrado...então tô:: aqui na escola Cid Cabral... trabalho há um ano e pouco... sou processo seletivo...mas tenho fé em Deus... que vou conseguir coisa melhor...tenho três filhos... vou contar uma história da minha gravidez... que tenho meu filho de 22 anos... que nasceu normal... tenho minha filha... de 8 anos... que nasceu com seis...6 quilo e quarenta grama... e foi uma gravidez assim muito... não sei nem explicar... porque fiquei enorme... a barriga muito grande... fiz uma ultrassom ia fazer nove meses... a ultrassom deu que a menina... que a criança pesava dois quilo e onze grama... quando nasceu com seis quilo e quarenta grama... foi assim uma coisa inesperada... entre

⁵⁵ Incentivou

⁶ Criar

⁷ Procurar

“aspa”... assustada nunca as pessoas ficaram assim por uma criança nascer... e tem outro também que nasceu com quatro quilo... e novecentos e onze grama... então são assim... meus bebês foram enormes... e assim... uma história aqui pá gente contá ⁸ sobre uma criança... a médica falou prá mim... que foi uma coisa assim surpresa e ... minha mãe pensava que era gêmeo... porque nunca fiz uma barriga enorme e tô:: muito feliz com meus filho... feliz com minha vida... graças a Deus... não tenho nada do que reclamar.

15ª Narrativa

Local: Bairro São José – Zona Leste de Manaus

Nome: participante 15

Idade: 47 anos

O narrador é do sexo masculino, cursa Arquitetura e Urbanismo. É proveniente de Belém – PA.

Meu nome é xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx... tenho 47 anos... escolaridade 2º Período de Arquitetura e Urbanismo...em 1983... vindo de Belém do Pará...no dia 03 de março de 1983... fiz um teste para montador na Sharp do Brasil... onde trabalhava e estudava... comecei na Sharp como montador... e após 9 anos... saí como supervisor de produção plena...apenas... um cargo abaixo de gerente... terminei o 2º Grau... em Magistério em 1985... e depois em Contabilidade em 1993... onde me formei e dei entrada a faculdade de arquitetura e urbanismo... onde estou hoje... cursando o 2º período...após ter saído da Sharp do Brasil... trabalhei na UIS Computer... uma das primeiras fábricas de computador de Manaus... no cargo de supervisor...trabalhei na Caixa Econômica... Banco do Brasil... funções essas que prevaleceram para aumentar meu currículo vitae...em 1983... quando cheguei em Manaus... pude perceber que não possuíam vários cursos como hoje tem... a disponibilidade a todos...os que queriam e os que não queriam fazer e... de fato... conclusivo... que sem dúvida... o princípio de uma formação é a família...meu pai e minha mãe... com certeza... foram a base de meu alicerce...atualmente... resíduo no bairro do São José... onde optei por estar próximo de minha família...trabalho na Casa do Eletricista... no cargo de gerente comercial... onde

⁸ Contar

pretendo alcançar outros objetivos... contudo...agradeço muito a Deus... meu pai e minha mãe...os que me deram apoio total para sobreviver... que Deus abençoe a todos.

16ª Narrativa

Local: Bairro Praça 14 de Janeiro – Zona Cental de Manaus

Nome: participante 16

Idade: 43 anos

Bom... meu nome é xxxxx... sou estudante de Pedagogia de terceiro semestre... ih... eu escolhi estudar pedagogia por quê eu sempre tive esse sonho de dar aulas... sempre quis ser professora desde muito pequenininha... nunca me lembro... vê pensando em outra profissão que não fosse ser professora... alguns tempo atrás eu comecei a fazer o curso de Letras... né? no ano de 1998... porém por falta de condições... eu fiquei desempregada... na época...eu tive que parar o curso... sofri muito... foi muito difícil... mas infelizmente... não consegui... dar continuidade esse sonho hipótese... ih... atualmente... eu trabalho com telemarketing... já cinco anos que eu trabalho numa empresa de telemarketing... sou supervisora... na minha profissão... hoje... normal na área onde eu atuo... eu me vejo muito como professora... porque eu ensino... eu dou treinamento muito daquilo que eu acredito... que eu vou fazer lá no futuro quando estiver formada... eu já faço hoje... ih... isso só aumenta a minha vontade de trabalhar mesmo em escola... hoje... dentro do curso de Pedagogia eu vejo que... só aumenta a vontade de mesmo trabalhar... nessa área... no inclusive... no primeiro semestre... a gente fez é.. é... uma pesquisa a respeito das áreas de atuação do professor... dentro de hospitais... dentro da escola aumenta bastante meu interesse por trabalho na escola... hipótese de dar aula... éh... então assim hoje meu projeto realmente terminando a faculdade... e começar a trabalhar... nas hipóteses... nas escolas dar aula... quero realmente... ser professora... não só cuidar de crianças... sim ensinar... ver todo o processo de aprendizagem das crianças... né? Ih... ih..., esse é um projeto como pedagoga... né? que serei no futuro... esse é meu projeto...